FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

QUINTA-FEIRA, 11 DE AGOSTO DE 1966

ANO 46.º — NÚMERO 15 679

# Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363
TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO
EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ

# O general Amaury Kruel entrou em conflito com Castelo Branco

**SÃO PAULO, 11 — (F. P.) — O general Amaury Kruel, um dos principais organizadores da revolução que depôs, em 1964, o presidente Goulart, entrou em conflito aberto com o Governo Federal, ao acusar, ontem, o presidente Castelo Branco de ter violado os princípios da Democracia.**

**O general Kruel, que aban-**

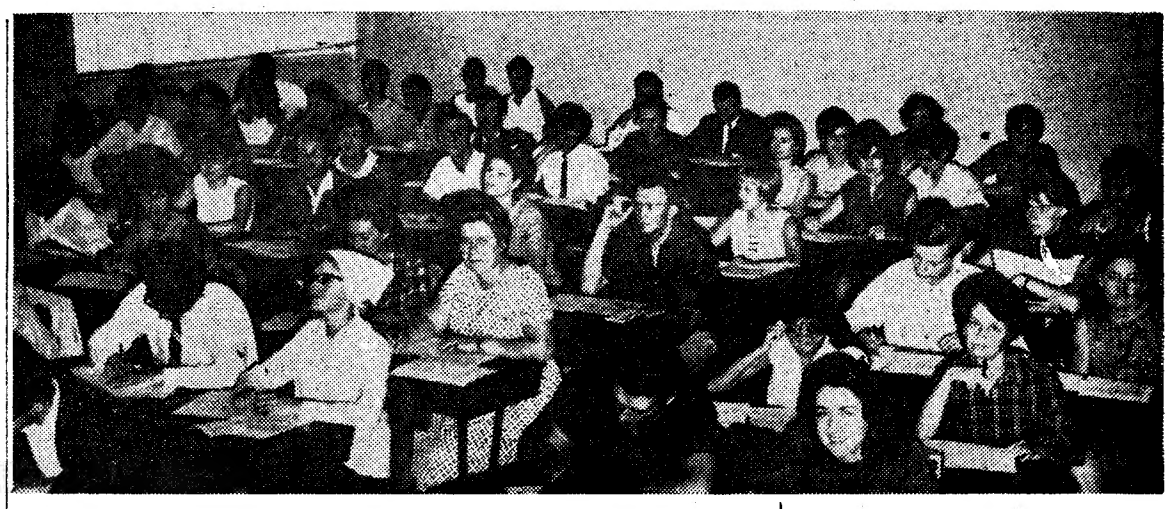
(Continua na 17.ª página)

COMENTÁRIO INTERNACIONAL
de CARLOS FERRÃO

## A EUROPA E A AMÉRICA

*A N. A. T. O. resistiu á esclerose resultante do fraseado estereotipado e dos «slogans» ideológicos que exprimiam cruzadas inoperantes, de sentidos contrários. Poderá a Aliança sobreviver a esse fenómeno de erosão que subsistiu, sobrepondo-se ás realidades que, com o tempo, se tornaram predominantes? Com o fim do monopólio nuclear americano devia coincidir o da política global dos Estados Unidos. O primeiro registou-se há quinze anos, a segunda ainda se manifesta, episódicamente como sobrevivência ultrapassada. Este desfasamento explica muitas das contradições que avultam na vida internacional do nosso tempo. Escreveram os autores do relatório, elaborado pela subcomissão da Camara dos Representantes, que «os Estados Unidos se mostraram insensíveis ás mudanças que se operaram na Europa, procurando mais ditar a sua evolução do que orientá-la».*

*Assim, a França degaullista deixou a N. A. T. O., os socialistas ganharam as eleições na Krenania-Westfalia, que é um terço da Alemanha Ocidental, onde os cristãos-democratas até há pouco predominavam, a Grã-Bretanha, na era pós-imperial, governada pelos trabalhistas, diverge em muitos aspectos fundamentais daquela que Churchill governou com o Partido Conservador, e a Itália, com uma coligação de socialistas e cristãos-democratas, exclui a recaída nos extremos que são férteis em surpresas. Estas mudanças acentuaram-se na altura em que os blocos ideológicos se desvalorizavam e declinavam as alianças militares que eram, como aqueles, produtos da guerra fria. Dos dois lados do Atlântico estabeleceram-se climas diferentes e ninguém nos postos de comando e direcção, tratou oportunamente de os sincronizar.*



**Alunos de várias nacionalidades (e de várias idades) principiaram hoje os exames finais do XXXI Curso de Férias da Faculdade de Letras de Lisboa. Para um total de 239 inscritos no Curso, apresentaram-se a exame 122: mais de cinquenta por cento. A frequência é maior no Curso de Português Complementar, que exige conhecimentos medianos da nossa língua.** (Ler notícia na página central)

# A agricultura e a formação de técnicos devem merecer tratamento prioritário

## — afirma-nos o ministro da Economia

No decorrer da entrevista que nos concedeu e em que respondeu a todas as perguntas formuladas, o sr. dr. José Gonçalo Corrêa de Oliveira definiu nitidamente o seu pensamento quanto á forma de lutar contra as tendências inflacionistas e o aumento de preços em que elas se traduzem para o consumidor. Em sua opinião, essa luta contra o aumento de preços deve fazer-se, sobretudo, promovendo o aumento rápido da oferta, ao mercado, dos produtos que nele mais escasseiam e que são, óbviamente, os alimentares. Aproveitando a disposição em que o ministro da Economia se mostrou de prolongar o encontro que acedeu a proporcionar-nos, pareceu-nos oportuno perguntar-lhe, tendo em vista, precisamente, a forma como vê a possibilidade de lutar contra o aumento dos preços:

— Nas condições em que pôs o problema, quais as disposições que V. Ex.ª julga devam ser tomadas para alcançar essa finalidade?

Perante esta pergunta, o titular da pasta da Economia retoma assim o fio das suas considerações:

— Não vou responder por inteiro á sua pergunta: ela põe-me toda a problemática do desenvolvimento económico global e regional. A resposta só lhe poderá ser dada pelo III Plano de Fomento que se encontra em preparação. Dir-lhe-ei, apenas, que, no meu entender, entre os pontos de estrangulamento do nosso desenvolvimento económico, dois há que devem merecer tratamento prioritário e são a agricultura e a formação de técnicos e de pessoal qualificado em todos os sectores.

E prossegue:

— Uma vez que me interroga sobre medidas a tomar, só tratarei do problema que ao meu Ministério compete.

**«A crise da actividade agrícola foi agravada e antecipada por um factor que não é inteiramente dominável — o comportamento do clima a determinar maus anos consecutivos e, ainda, pela perturbação imediata resultante da emigração. Mas esta crise há muito que se anunciava. Basta ter em conta que, enquanto a produção industrial cresceu no hexénio de 1959**

(Continua na 9.ª página)

## GIBRALTAR EM FOCO

LA LINEA (Espanha), 11. — (F. P.) — As autoridades sindicais espanholas decidiram pôr termo á greve diária de uma hora que tinham autorizado aos operários espanhóis que trabalham em Gibraltar. Esta decisão de protesto fora tomada depois dos tumultos registados no passado dia 5, entre polícias municipais de Gibraltar e trabalhadores espanhóis.

Depois de terem tido conhecimento de que o governador tinha mandado abrir um inquérito acerca dos incidentes, as autoridades sindicais espanholas retiraram a palavra de ordem.

## TUMULTOS NOS E. U. A.

*(Ler na pág. 17)*

## Nota do dia

**OUTROS TEMPOS...**

**Coincidindo com a nomeação de um administrador apostólico para a diocese de Goa, embora não haja entre uma e outra coisa a menor relação, ocorreram na martirizada cidade da península indostânica brutalmente subtraída à administração portuguesa acontecimentos que demonstram cabalmente não só os métodos selváticos usados pelo ocupante como o fervilhar de um movimento de libertação do qual se escapam amiúde gases perigosamente explosivos. A uma manifestação pacífica de protesto contra prepotências das autoridades respondeu a Polícia indiana com inusitada violência espancando barbaramente os manifestantes, que se apressaram a dispersar em boa ordem. E, como alguns tivessem de ser tratados, no hospital, dos ferimentos recebidos — reportamo-nos a uma informação do nosso prezado colega «Diário de Notícias» — o clínico de serviço que lhes assistiu e sobre a agressão elaborou expressivo relatório foi avisado pelo reitor do Colégio Médico de Goa de que não podia continuar a residir na cidade. Comentando estes factos, o jornal «A Vida», de Margão, escreve corajosamente: «No regime de barbárie e de ilegalidade em que vivemos, tudo é possível, mesmo aquilo que pareceria impossível n o u t r o s tempos.» Margão é a cidade tradicionalmente insubmissa e o centro intelectual de maior nomeada no território de Goa. Foi de lá que partiram as mais insistentes reservas postas à administração portuguesa e é ainda dentro dos seus muros gloriosos que está a criar raízes o movimento de libertação do domínio indiano e se fortalece o sentimento da autonomia que a população goesa reivindica. Os incitadores desse espírito de rebelião são ainda os mesmos. O alvo dos seus ataques é que mudou. Mas sejam quais forem as razões de queixa que tiveram «noutros tempos», não deixam no entanto de reconhecer que era diferente o tratamento que lhes era dispensado então daquele que lhes é infligido nos tempos de hoje.**

*A Volta a Portugal em Bicicleta*

## O TAVIRENSE HENRIQUE NETO GANHOU A TIRADA DE ÁGUEDA

(Do nosso enviado especial **Fernando Soromenho**)

AGUEDA, 11. — Para a tirada desta manhã (128 quilómetros) com términus em Águeda, abalaram de Vila Nova de Gaia os corredores da «Volta». Ante a curiosidade da multidão, o sinal da partida fez-se ás 9 horas, no jardim anexo á Ponte de D. Luís.

O presidente da F. P. C. procedeu á cerimónia da entrega da camisola verde ao benfiquista António Pedro Moreira, e, em idêntico acto, mas relativo á camisola azul, pertença de outro benfiquista,

(Continua na página seguinte)

32 PÁGINAS
HOJE
VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA

## VINTE E SEIS CIVIS MORTOS E 82 FERIDOS

### NO BOMBARDEAMENTO POR ENGANO DE UMA ALDEIA SUL-VIETNAMIANA

**SAIGÃO, 11 — (F. P.) — O balanço das vítimas do bombardeamento da aldeia de Truong-Thann, no delta na terça-feira, á noitinha, é agora de 26 mortos civis e 62 feridos, internados em Cantho.**

(Continua na 15.ª página)

*VISADO PELA CENSURA*

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

# De ontem para hoje

## A MENSAGEM DO GOVERNADOR

**Ao Palácio Nacional de Belém foram ontem o dr. Rafael Noschese, secretário de Estado dos Negócios da Economia e do Planeamento do Estado de S. Paulo e presidente da Federação das Industrias do mesmo Estado. Veio a Lisboa assistir á inauguração da ponte sobre o Tejo e continuar os contactos com industriais portugueses iniciados na viagem que muitos destes fizeram a S. Paulo recentemente. Ao sr. Presidente da Republica entregou o dr. Rafael Noschese a seguinte mensagem do governador de S. Paulo, Laudo Natel: «No momento em que Portugal vê concretizado o seu sonho quase secular, com a inauguração festiva da ponte sobre o Tejo, verdadeiro monumento de técnica e beleza a unir Lisboa a Almada, na Outra Banda, S. Paulo, pelo seu governo, neste acto representado pelo secretário de Estado dos Negócios de Economia e do Planeamento, sr. dr. Rafael Noschese, que é também o presidente do Centro e da Federação das Industrias do Estado, irmana-se ao Governo Português e ao seu grande povo, na pessoa de V. Ex.ª, vivendo juntos este momento festivo. Sr. Presidente almirante Américo Thomaz: este acto que hoje se realiza, tenho a certeza, irá repetir-se em escala muito mais ampla e dentro de muito pouco tempo. Estaremos então, brasileiros e portugueses, festejando a grande ponte, representada pelo intercâmbio entre os nossos dois países e cujos alicerces foram lançados na capital do Estado que tenho a honra de governar, quando, na memorável data de 29 de Abril de 1966, os empresários brasileiros de S. Paulo e os representantes da industria portuguesa firmaram solenemente o protocolo de Cooperação Económica e Tecnológica. Esse protocolo é mais um marco no processo de fortalecimento da grande comunidade luso-brasileira, que mais ainda irá estreitar o grande e fraternal abraço que, através do Atlântico, mantém unidos Brasil e Portugal, na sua formação cristã, no idioma, na capacidade criadora, e agora no seu dinamismo admirável, pugnando coesos por uma destacada e merecida posição no conceito das nações mais desenvolvidas e progressistas.» Outras individualidades brasileiras que a Lisboa vieram convidadas a assistir á inauguração da ponte foram também recebidas pelo sr. Presidente da Republica que lhes ofereceu um vinho do Porto e a medalha comemorativa da inauguração da mesma ponte, modelada por Mestre Leopoldo de Almeida.**

## NOVOS BRIGADEIROS

O Conselho de Ministros resolveu promover ao posto de brigadeiro os coroneis tirocinados da Força Aérea srs. dr. João José Varela, de 60 anos, natural da Madeira; e João Francisco Lisboa, de 59 anos, natural de Lisboa. O primeiro é oficial-médico, o segundo tem-se consagrado á intendência e contabilidade.

## HOMENAGEM

O dr. Miguel Bastos, que recentemente deixou o cargo de governador civil de Setubal, para ser promovido a juiz-conselheiro do Supremo Tribunal Administrativo, foi, ontem, homenageado na cidade do Sado. A iniciativa da homenagem partiu da Camara Municipal, da Junta Distrital, e a ela se associou o próprio Governo, tendo ido presidir o sr. ministro do Interior, que entregou ao homenageado as insignias da Ordem do Infante D. Henrique. Foi inaugurada uma avenida com o nome do homenageado, e a homenagem terminou com um jantar no pavilhão da Junta Nacional dos Vinhos e do Instituto Português de Conservas de Peixe, na Feira de Santiago.

## CONSELHO DE MINISTROS PARA OS ASSUNTOS ECONÓMICOS

Reuniu-se ontem, ao fim da tarde, no Palácio de S. Bento, sob a presidência do ministro de Estado, sr. dr. Mota Veiga, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, que se ocupou de assuntos correntes da sua competência.

## PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu, no Palácio de Belém, «sir» Archibald Ross, que lhe apresentou cumprimentos de despedida, por abandonar o cargo de embaixador da Inglaterra; e os srs. prof. dr. Gonçalves de Proença, ministro das Corporações e Previdência Social; José Felix Mira, governador civil de Évora; comandante Camacho de Freitas, governador do distrito autónomo do Funchal; e almirante Ortins de Bettencourt e eng.º Vargas Moniz, do concelho de administração da Soponata.

## NA NAZARÉ

Andava, na praia da Nazaré, em cima de um colchão, o sr. António Eduardo Manso Alves, de 21 anos, de Lisboa, e ali em férias. Uma vaga arrastou o colchão para o largo, e como ele não sabia nadar, nas vagas acabou por desaparecer. Só horas depois o corpo foi encontrado, a despeito dos esforços de barcos de arrasto e de muitos pescadores.

## O CORTEJO TURÍSTICO

A Avenida da Liberdade acorreu ontem, á noite, muito publico para assistir ao desfile do cortejo turístico, que principiou ás 22 horas, e no qual, como noticiámos, participaram vinte carros com alusões aos monumentos, bairros e vida de Lisboa. O cortejo desfilou da Rotunda ao Terreiro do Paço, começando com uma alegoria ao Tejo e findando com uma aos santos populares — S. Pedro, São João e o *alfacinha* Santo António.

# A Volta a Portugal em Bicicleta

(Continuação da página anterior)

Francisco Valada, foi convidado a colaborar o sr. Antero Guedes, funcionário dos «Camiões Ford».

A temperatura parecia ideal para o desporto do pedal, principalmente no que respeitava aos roladores, a quem iria deparar-se trajecto propício com vista ao desenvolvimento das suas faculdades.

Densa neblina, tão característica do litoral em pleno Estio, tudo cobria de cinzento. A atmosfera estava carregada de humidade. Por vezes, os corredores recortavam-se em silhuetas com seu quê de irreal.

### Cadência de pelotão

António Ferreira, o sangalhense que na tirada inicial de ontem estivera em foco, foi o primeiro a desligar-se do pelotão. Este, unido, marcava a cadência, quase sempre moderada.

De quando em vez os representantes do Sporting davam a ideia de que os animava o propósito de se lançar na ofensiva. Todavia, os benfiquistas logo diziam que não — e o ritmo da marcha prosseguia, inalterável.

Por todos os lados feriam as atenções grupos de turistas, dos mais interessados pelo fugidio espectáculo velocipédico, que se lhes proporcionava. Imersos no cinzento carregado da neblina, na maioria loiros de figuras esguias, plenos de á vontade e de fleuma, chegaram a acudir-nos á memória, instantanea, insensivelmente, aqueles celebrados cenários oferecidos pelo famoso nevoeiro londrino.

Com 1 hora de marcha — 38 quilómetros percorridos.

Em dado momento, o sportinguista Emiliano Dionísio tentou uma fuga, chegando a conquistar uns 200 metros ao pelotão. O benfiquista Américo Silva, porém, respondeu ao ataque — e o «leão» renunciou aos seus intentos. Por tal sinal, o referido Américo Silva, parecendo bem disposto, caprichava em postar-se sempre á frente da caravana. E assim se voltou á cadência tranquila de pedalada. Nada de sobressaltos...

Um pouco antes de Estarreja, eram 10 e 10, precisamente, uma fábrica de amoníaco, construída junto á longa recta, como que «despertou» Mário Sá, do Cedemi, o qual fugiu ao pelotão, imprimindo á marcha forte ritmo. Teriam sido, realmente, efeitos do cheiro do amoníaco? O episódio chistoso serviu, até certo ponto, para amenizar a monotonia reinante.

A verdade é que na meta volante, instalada um pouco além, Mário Sá surgiu isolado, com 1 h. 20 m. de corrida, mas com mais 24 segundos do que se exigia oficialmente. O pelotão surgiu com 48 segundos de atraso.

Por todos os lados pequenas multidões se aglomeravam para aplaudir e incitar os ciclistas.

O sangalhense Manuel Ferreira atrasou-se, por avaria; todavia, auxiliado pelo colega de equipa, Joaquim Santiago, não teve quaisquer dificuldades em recolar.

Á saída de Angeja, o tavirense Henrique Neto encontrou também momento azado para se escapulir ao pelotão, conseguindo, num abrir e fechar de olhos, a vantagem de cerca de 500 metros. Tal exemplo aproveitou igualmente a Mário Sá, que, mercê de vigoroso «esticão», pôde alcançar Henrique Neto.

Para 76 quilómetros — 2 horas de corrida.

### Avanço concretizado

Em Oliveira do Bairro, verificou-se que o sangalhense António Ferreira agravara o seu atraso: mais do que 3 quilómetros.

Agora, timidamente, o sol começava a espreitar por entre o denso véu de neblina.

Naquela vila bairradina, onde a caravana surdiu ás 11 e 20,, os dois fugitivos haviam conseguido aumentar a dianteira. Separava-os 1 m 15 s dos mais próximos competidores. Entre estes, o belga Robert Eleir dava mostras de pretender chamar a si as funções de «leader» no que respeita aos movimentos de perseguição.

Ligeiramente distanciado do grosso da coluna, pedalava um grupo consituído pelos sportinguistas Anfbal Patrício, Carlos Santos e João Roque, pelo benfiquista Vítor Tenazinha e pelos sangalhenses Joaquim Santiago e Herculano Oliveira.

Atravessámos a região onde, como meio de transporte, a bicicleta é a rainha. Pessoas de ambos os sexos e de todas as idades não a dispensam. Por alguma razão chamam, por este motivo, ao distrito de Aveiro, a Holanda portuguesa. O certo, porém, é que a «pasteleira», util e económico sistema de transporte, impera de tal forma que chega a ofuscar as máquinas de corrida. Talvez de aí o motivo principal da ausência de praticantes do desporto do pedal.

Depois de Oliveira do Bairro, o brasileiro Benedito da Silva e Venceslau Fernandes, do Cedemi, eram também dos mais atrasados.

### Trajecto difícil até Águeda

Em Sangalhos, perto da estrada nacional, os ciclistas foram constrangidos a tomar, até Águeda, um desvio de 31 quilómetros, por estrada secundária muito estreita. Como é natural, esse facto originou inquietações de toda a sorte.

A meta, em Águeda, foi instalada na Avenida, junto do quartel dos bombeiros voluntários.

O local de chegada estava vedado ao publico que não estivesse disposto a suportar o custo dos bilhetes de ingresso, e isso provocou chocante ausência de espectadores no local em que eles costumam afluir em massa.

No citado desvio, o belga Vanden Nest quis também abandonar o pelotão, mas o «camisola amarela», Mário Silva, reagiu com firmeza, levando na sua esteira todos os outros corredores.

A entrada de Águeda, pela subida que conduzia á meta, o tavirense Henrique Neto adiantou-se de maneira irresistível — e foi ele o grande vencedor da tirada.

## Ordem de chegada a Águeda

### Individual

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 1.º | Henrique Neto (Tav.) | 3 | 19 | 14 |
| 2.º | Mário Sá (Cedemi) ... | 3 | 19 | 15 |
| 3.º | Vanden Nest (Fl.) ... | 2 | 20 | 12 |
| 4.º | Leonel Miranda (Sp.) | 3 | 20 | 20 |
| 5.º | G. Smissaert (Fl.) ... | m. | t. | |
| 6.º | Ant. Moreira (Bf.) ... | » | | |
| 7.º | Francisco Valada (Bf.) | » | | |
| 8.º | José Azevedo (Cedemi) | » | | |
| 9.º | Robert Eleir (Fl.) ... | » | | |
| 10.º | António Acurcio (Bf.) | » | | |
| 11.º | Peixoto Alves (Bf.) ... | » | | |
| 12.º | Mário Silva (F. C. P.) | » | | |
| 13.os | J. C. Carvalho (Ced.) | | | |
| | Manuel Costa (Bf.) ... | | | |
| | V. Tenazinha (Bf.) ... | | | |
| | Laurent. Mendes (Bf.) | | | |
| | Américo Silva (Bf.) | | | |
| | Leon Gevaert (Fl.) ... | | | |
| | Floriv. Martins (Tav.) | | | |
| | Indalécio Jesus (Tav.) | | | |
| | José Madeira (Tav.) ... | | | |
| | Sérgio Páscoa (Tav.) | | | |
| | Ang. Cardoso (Sang.) | | | |
| | Antón. Santos (Sang.) | | | |
| | Herc. Oliveira (Sang.) | | | |
| | M. Ferreira (Sang.) ... | | | |
| | Joaq. Coelho (Cedemi) | | | |
| | Sousa Cardoso (F.C.P.) | | | |
| | Alb. Carvalho (F.C.P.) | | | |
| | Man. Castro (F. C. P.) | | | |
| | Afon. Alexandre (Sp.) | | | |
| | João Roque (Sp.) ... | | | |
| | Carlos Santos (Sp.) ... | | | |
| | Manuel Correia (Sp.) | | | |
| | Aníbal Patrício (Sp.) | » | | |

# O grupo jugoslavo de oposição tentará editar a revista «Voz Livre» apesar dos entraves

ZADAR (Jugoslávia), 11 — (F. P. e R.) — Os políticos dissidentes, conhecidos como o grupo Mihajlov, esperam que a sua planeada revista socialista democrática independente, de oposição, que provocou vasta controvérsia, possa aparecer no Outono.

O grupo tem o nome do seu dirigente, o intelectual anticomunista Mihajlo Mihajlov, de 32 anos, que se encontra preso. Encontra-se também preso outro categorizado memebro do grupo, o professor de Literatura Marijan Batinic, de 28 anos. Ambos aguardam na prisão o resultado do inquérito destinado a apurar-se, nos termos da lei jugoslava, se espalharam maliciosamente informações falsas.

A comissão organizadora da projectada revista declarou, a noite passada que, em virtude das diligências legais contra membros e de sugestões de que a população local poderia reagir violentamente contra eles, foi cancelada a conferência, acerca da revista, marcada para hoje.

Em vez disso, os componentes da comissão apresentariam um pedido para o registo formal da revista, que terá o nome de «Slobodni Glas» (Voz Livre).

Os membros da comissão afirmaram ter sido informados pelas autoridades de que não seria garantida a sua segurança em caso de incidentes, por causa da projectada conferência.

O dr. Daniel Livin, o editor principal, diesse esperar que o primeiro numero da revista seja publicado dentro de três ou quatro meses.

À falta de meios técnicos e materiais, os primeiros numeros serão feitos ao duplicador.

## QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados e entregues, ontem, na P. S. P. (Governo Civil): uma roda de veículo automóvel, um chapéu-de-praia, uma nota do Banco de Portugal, um relógio de pulso, três porta-moedas com dinheiro, parte de duas notas do Banco de Portugal, um casaco com a carteira e documentos do sr. Joaquim Francisco Nunes, a carteira com documentos do sr. Acácio Gomes e da sr.ª D. Maria Elvira Vinagre Homem Pessoa, o bilhete de identidade do sr. Filipe Maria Bento Balsinha, uma pasta de cabedal, uma de viagem com roupa, óculos graduados e fumados, uma caixa com sabão, uma mangueira, um tampão de depósito e uma boina.

VILAR TUDO PARA A BICICLETA

A TIRADA DE AMANHÃ

CURIA — GUARDA

A 29.ª Volta a Portugal em bicicleta prossegue amanhã com a 9.ª tirada, que levará os corredores da Curia á Guarda (155 quilómetros).

A partida está prevista para as 9 horas, seguindo os corredores por Mealhada, Luso, Alto do Luso (contagem de 2.ª do prémio da Montanha), Mortágua, Santa Comba Dão, Rojão, Carregal do Sal, Nelas, Mangualde, Fornos, Celorico da Beira, Lajeosa do Mondego e Guarda (contagem de 1.ª do prémio da Montanha). Meta volante em Oliveirinha.

A média horária estabelecida é de 36 quilómetros.

# EM TRÊS LINHAS

O «Diário do Governo» publica a lista do pessoal, por antiguidades, da Direcção-Geral da Fazenda Publica, referida a 31 de Dezembro de 1965.

///

No «Diário do Governo», 3.ª série, publicam-se os Estatutos da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, aprovados por despacho de 11 de Agosto de 1966.

**Em CASTELO BRANCO é nosso agente distribuidor ANTÓNIO SÁ RODRIGUES (HERD), RUA MOUZINHO MAGRO, 46, que tem á venda o «DIÁRIO DE LISBOA».**

Foi concedida a comparticipação, pelo Fundo de Desemprego, de 500 contos, para as obras a realizar do colégio Instituto Nun'Álvares das Caldas da Saude.

SACHS S|S SACHS-S. I. S. A MARCA DA CAMISOLA AMARELA

# Ora, diga-nos...

## —O seu ritmo de trabalho é menor nos meses de calor?

● *O sr. Leonel da Silva Galvão, assentador de tacos, veio há pouco tempo de Angola (onde se deu mal com o calor) e continua a queixar-se de que o Verão, anual ou só por três meses, é difícil de suportar:*

— O calor põe-me um bocado mole. Aperta o tempo de praia e eu aqui todo suado... Depois, o assentamento de tacos é um trabalho que se faz melhor quando não há chuva nem humidade, e por isso mesmo apanho mais serviço nos meses de calor. Como, além disso, durmo num quarto pequeno e abafado, já se vê que tudo isto me deita abaixo. Se bebo mais líquidos? Não pode ser. É só «aquela conta» ás refeições.

● *José de Jesus Filipe, estereotipador, tem uma opinião algo diversa:*

— Não noto diferença no rendimento do trabalho. Sinto-me fresco como sempre. Vontade de trabalhar não falta, o que há é menos trabalho.

— Apetece-lhe passar o domingo na praia?

— Vou poucas vezes. Este ano, por exemplo, ainda não fui.

— Mas bebe mais líquidos no Verão, com certeza.

— Claro, claro... O ordenado que o diga. Assim houvesse mais trabalho, que era para eu fazer umas horas extraordinárias...

● *Finalmente, disse-nos o sr. Carlos Alberto da Conceição Silva, tipógrafo:*

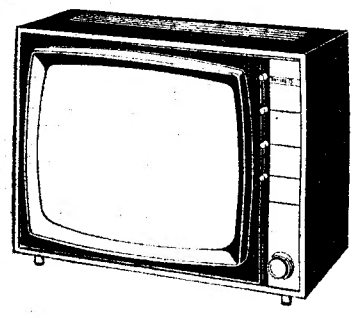
— Se trabalho com mais dificuldade nos meses de calor? Neste momento nem sequer trabalho, estou com baixa. Descobri que tenho diabetes. Mas, para quem se habitua a um trabalho, os meses de calor não fazem grande diferença. Lembre-se do ambiente de uma oficina com muitos operários e muitas máquinas: é sempre quente. Por outro lado, vivo numa casa quente e fresca, recupero bem de um dia para o outro.


**Policlínica do Rossio**

**L. D. João da Câmara, 19, 2.º, Esq. Telef. 32 06 60**

**Dr. Almada e Melo** — Crianças — 2.ªs e 5.ªs — 17 h.
**Dr. Anacleto Miranda** — Olhos — 2.ªs, 4.ªs, 5.ªs e 6.ªs — 15.30 h.
**Dr. Arnaldo Rodo** — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ºs, 5.ºs e Sábados — 15 h.
**Dr. A. Pita Negrão** — Clin. cirur. — Operações — 3.ªs, 5.ªs e Sáb. — 18 h.
**Dr. Cordeiro Lobato** — Garg., Nariz. e Ouv. — 14 h.
**Dr. Ferreira Malaquias** — Estôm., Intest., Figado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs — 19 h.
**Dr. Fontoura Madureira** — Rins e v. uri. — 16 h.
**Dr. Freitas de Sousa** — Doen. Reumát. — 3.ªs e 5.ªs — 17 h.
**Dr. Jorge Falcão** — Pele e Sífilis — 15.30 h.
**Dr. José de Freitas Ribeiro** — Int. de Neuro-Cirur. dos H. C. L. — 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs — 17.30 h.
**Dr. Luís Abecasis** — Coração, Electrocardiografia — 3.ªs, 5.ªs e Sáb.ºs — 14 h.
**Dr. Luís Leite** — Senhoras — Partos — 17 h.
**Dr. Marques da Gama** — Clín. Médica — 3.ªs, 18.30 h, Sáb.ºs, 14.30 h.
**Dr. J. Mira Mendes** — Clínica Geral — Doenç. Pulmunares — 14 h.
**Dr. José Benard Guedes** — Raiox X.
**Dr. Reis Valle** — Análises clínicas.





**TELE-RECEPTORES PHILIPS**

• • •

**MENORES PREÇOS MAIORES FACILIDADES**

**Bardo**

AVENIDA DA LIBERDADE, 131
RUA DE S. BENTO, 53 A 57
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 124-B



**ELCO — Electro Comercial e Industrial, Lda.**

**Comunica aos seus estimados clientes, fornecedores e amigos, que, para um melhor enquadramento do plano de Férias Anuais ao Pessoal da firma, encerra todos os seus Serviços desde 12 a 21 do corrente mês de Agosto.**


Diario de Lisboa

# COIMBRA

## O Instituto de Formação Profissional Acelerada funcionará em pleno rendimento

Presidiu á reunião da Camara Municipal o sr. eng.º Araujo Vieira e estiveram presentes cinco vereadores e o chefe do departamento de obras.

Foi autorizado o pagamento do auto de medição de trabalhos referente á primeira fase da construção da estrada entre Bencanta e Covões; e foi, também, adjudicada a empreitada da reparação e pavimentação, em calçada á portuguesa, da rua principal do Outeiro de Bera; e ecidiu-se a concessão de subsídios ás Juntas de Freguesia de Botão e Antuzede.

O presidente deu conhecimento de um oficio do Fundo de Resenvolvimento de Mão-de-Obra, do Ministério das Corporações, pelo qual é reconhecida a vantagem de completar o Instituto de Formação Profissional Acelerada, a instalar nesta cidade, com todas as suas secções e não sómente dez, como, inicialmente, fora previsto, conforme estudo feito pelo respectivo Gabinete. Assim a área de terreno municipal a oferecer seria de 25 mil metros quadrados.

A Camara congratulou-se com tais propósitos daquele sector do Ministério das Corporações, mas ponderou que o terreno previsto, o da antiga montureira municipal, dispõe apenas de 20,980 m2, o que se julga não ser entrave para a execução da obra.

O sr. eng.º Araujo Vieira referiu-se, depois, a um pedido da Comissão das Festas da Cidade, e foi resolvido conceder-lhe mais um subsídio de cem contos. A seguir, o presidente referiu-se a uma praça que vai surgir em frente ao Liceu Nacional Infanta D. Maria, resultante das obras de urbanização ali em curso e propôs que lhe seja dado o nome de «Praça dos Heróis do Ultramar», em homenagem a quantos têm actuado na defesa da integridade das províncias ultramarinas, o que foi aprovado.

Por fim, foi deliberado enviar telegramas aos srs. ministro das Obras Publicas, e presidentes dos Municípios de Lisboa e Almada, com as felicitações da cidade de Coimbra pela inauguração da ponte sobre o Tejo.

## Visita de um conselheiro da cidade de Santa Clara (Califórnia)

O presidente da Câmara Municipal, sr. eng.º Araújo Vieira recebeu o sr. William P. Kiely Jr., conselheiro do Município da cidade de Santa Clara (Califórnia), que está no nosso País em visita turística acompanhado de sua esposa O objectivo da sua vinda a Coimbra é o estabelecimento de relações de amizade, intercâmbio social e cultural, entre as duas cidades, dada a projecção que a nossa tem no Estado da Califórnia.

Entre o presidente da edilidade e o visitante, houve demorada troca de impressões; e o sr. eng.º Araujo Vieira aceitou com todo o agrado o estabelecimento desse intercâmbio entre as duas cidades, já ligadas, aliás, por certas afinidades, esperando-se, no entanto, de futuro, que melhorem e se ampliem as relações actuais.

Os serviços do turismo local proporcionaram ao casal visitante passeios pela cidade e visitas á Universidade, a outros monumentos e lugares de interesse turístico.

## O Curso de Férias da Faculdade de Letras

No Jardim da Manga, decorre hoje, ás 21 e 30, o serão de despedida dos alunos do XLII Curso de Férias da Faculdade de Letras, que será uma noite inolvidável para cerca de centena e meia de rapazes e raparigas de quase todos os países do Mundo, que, durante seis semanas, se conheceram, conviveram e ficaram amigos.

Hoje, deram lições os srs. prof. dr. Salvador Dias Arnaut, sobre «História de Portugal e Presença dos Portugueses em África»; prof. Luís Reis Santos, «História da Arte Portuguesa»; prof. dr. Valter de Medeiros, «Língua Portuguesa»; dr. Aníbal de Castro, «Curso Geral da Literatura Portuguesa e Explicação de Textos Arcaicos»; dr.ª D. Ofélia Milheiro Caldas, «Leituras comentadas - II»; e dr. Vítor Aguiar e Silva, «Conversação e Redacção».

## Uma secção da Escola Brotero na Lousã

A partir do próximo ano escolar, que começa em Outubro, funcionará na Lousã, uma Secção da Escola Industrial e Comercial Brotero.

Inicialmente destina-se á população escolar dos alunos do *ciclo preparatório* (1.º e 2.º anos) residentes na área da Lousã, Miranda do Corvo ou de outras localidades ligadas á Lousã por facilidades de transporte. Os horários das actividades escolares serão relacionados aos horários dos comboios e de outros serviços de transportes colectivos.

Os candidatos residentes na zona da secção, já matriculados ou a matricular até 20 do corrente, ultimo dia de prazo, devem prestar, na secretaria da Escola, em Coimbra, a declaração de que desejam frequentar a Secção da Lousã.

## Anomalias (inexplicáveis) na troca de moedas comemorativas da ponte

*Succedeu em Coimbra o mesmo que em Lisboa e no Porto; o publico acorreu em grande numero para adquirir as moedas de vinte escudos, comemorativas da inauguração da Ponte Salazar.*

*Muito antes da hora de abertura, já havia á porta da Agência do Banco de Portugal enorme* bicha, *na qual alinhavam pessoas de todas as categorias sociais, interessadas nas novas moedas. Meia hora depois de abrir o banco, o publico foi informado de que só era permitida a aquisição das moedas por individuos maiores de 21 anos, embora o cartão de identidade não houvesse sido exigido a duas jovens meninas que não tinham mais de 16, e foram atendidas.*

*Se já nos causara surpresa o facto de só podercm adquirir moedas os maiores de 21 anos, quando o banco aceita, todos os dias, transacções muito mais importantes a menores de doze anos, a estupefacção foi ainda maior quando, no* guichet, *se informava que cada pessoa não podia adquirir mais de uma moeda. E' claro que a mesma pessoa teria de voltar á* bicha *tantas vezes quantas o numero de moedas que desejava adquirir.*

*Ora, acontece que cada pessoa estava, pelo menos, uma boa meia hora na* bicha; *portanto, para comprar três moedas, gastaria hora e meia.*

*Não sabemos o que determinou tal orientação em Coimbra, uma vez que em Lisboa e no Porto foi autorizada a aquisição num máximo de cinco moedas. Também ignoramos qual a base regulamentar que permite evitar a aquisição de moedas por menores de 21 anos, pois — repete-se — o banco transacciona operações de muitas dezenas de contos de réis com menores. Por outro lado, não entendemos a desigualdade de tratamento entre o publico de Lisboa e do Porto e o de Coimbra, quando a taxa cobrada pelo banco é a mesma nas três cidades — e em Coimbra há, mesmo, umas transacções que custam uns* pózinhos *a mais nas transferências.*

*A ordem não foi geral, visto haver disparidade de critérios; e, por isso, só a podemos atribuir á gerência da Agência de Coimbra do Banco de Portugal, que quis, desta forma, ser* gentil *para com o publico desta terra.*

*Inumeras pessoas lamentaram tal resolução, e os prejuízos causados foram, também, grandes, pois quem desejou três moedas, pouco mais de metade do que se autoriza em Lisboa, teve de perder hora e meia — tempo que, pelos vistos, nada pesa na vida da agência do referido banco, nem na dos seus directores.*

## Jornadas Luso-brasileiras de Ortopedia

Os cientistas que tomam parte nas Jornadas Luso-brasileiras de Ortopedia, que decorrerão em Lisboa, visitam esta cidade no dia 26. Haverá recepção pela Camara Municipal, almoço no Parque de Santa Cruz, passeios pela cidade e visitas á Universidade, aos monumentos e lugares mais aprazíveis.

## Espectáculos para hoje

**TEATROS**

TIVOLI — Ás 21 e 30: «Floresta de gigantes» (17 anos).
ESPLANADA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — Ás 21 e 45: «Quo Vadis» (12 anos).

## Farmácias de serviço

RODRIGUES DA SILVA — Rua Ferreira Borges (T. 22011).
SANTA CRUZ — Rua das Padeiras (Tel. 23569).
CORREIA — Rua Visconde da Luz (Tel. 22834).
S. JOSÉ — Arcos do Jardim (Telefone 24697).

**CONCURSO DE BELEZA «RAINHA DO SADO»**

# O PÚBLICO REAGIU MAL À ESCOLHA DE DUAS FINALISTAS JÁ PRESENTES AO CONCURSO DE 1965

SETÚBAL, 10 — No parque de diversões da Feira de Santiago, diante de um público entusiasta que não arredou pé até ás 2 da manhã, realizou-se ontem a última eliminatória para apuramento das finalistas do concurso de beleza «Rainha do Sado». O título parece ir provocar este ano tanta celeuma como no ano passado.

Entre as doze concorrentes apuradas (ontem foram escolhidas as últimas quatro) figuram duas finalistas da edição de 1965. Ora o regulamento para atribuição do título é expresso: as finalistas do ano passado não podiam voltar a candidatar-se.

Aconteceu precisamente o contrário. As jovens Elisabete Durães Pereira e Rosinda Botão Pádua, representantes, respectivamente, do União Futebol Comércio e Indústria de Setúbal e do Centro Recreativo do Bairro da Encarnação, decidiram bisar o cometimento. Inscreveram-se, desfilaram na *passerelle* da Feira de Santiago e... foram apuradas para a final. O público recebeu a decisão do júri com assobios de reprovação.

Setúbal volta a agitar-se com a mais curiosa das batalhas: a batalha pelo título municipal de beleza. Recordem-se as principais peripécias do ano passado, quando a eleição da jovem Maria Helena Martins provocou geral recriminação da parte da assistência. Foi necessário criar de improviso um título paralelo, o de «Jóia de Setúbal», por decisão do próprio presidente do Município. A nova eleita, Maria Cecília Alface, de Vila Nogueira de Azeitão, foi aclamada durante sete minutos. Era a preferida do público. Outra concorrente muito acarinhada veio a ser Elisabete Pereira, uma das duas «reincidentes» de 1966... Os alcatruzes vão rodando e a Elisabete conhece agora um ambiente totalmente diverso. Exige-se a sua retirada do concurso, tal como se exige a de Rosinda Pádua.

A final está marcada para um dos ultimos domingos de Agosto. Até lá vai correr muita tinta, porque isto de beleza, dizem os entendidos, quer-se com renovação total dos quadros. O mais provável é as jovens Elisabete e Rosinda não participarem na fase derradeira do concurso, apesar de a primeira ter sido, já em 1965, e segundo um boato muito insistente, a favorita das altas esferas do Município. Estaria até na origem da atribuição de um segundo título, o de «Jóia de Setúbal», mas a reacção do publico premiou inesperadamente a concorrente de Azeitão e cortou cerce as ambições de Elisabete Pereira. As restantes finalistas de 1966 é que não estão pelos ajustes: temem a Elisabete e dizem abertamente que ela tem «padrinhos importantes».

# DIVERSÕES

## TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

### VARIEDADES

#### Últimas representações de «A cidade não é para mim»

Depois de 13 semanas no Teatro Monumental e agora já em 3.ª semana no Variedades, por compromissos assumidos vai em breve sair de cena este magnífico espectáculo, que durante todo este tempo tem sido visto e aplaudido por muitos milhares de pessoas. «A cidade não é para mim» é na realidade uma magnífica comédia, com uma história alegre e espirituosa que ao longo de duas horas provoca um autêntico turbilhão de gargalhadas. Sob a orientação de Ribeirinho, que é também a figura principal, contracenam Maria José, Mariana Vilar, Manuela Maria, Catarina Avelar, Guida Maria, Carlos Duarte, Ruy Mendes, Carlos Cabral, António Montês, Vicente Galfo e ainda o popular actor Emílio Correia. Hoje, ás 22 horas, «A cidade não é para mim», um espectáculo para maiores de 12 anos.

### TEATRO VILLARET

#### Segundo mês de êxito de «Quando é que tu casas com a minha mulher?»

Todas as noites ás 21 e ás 23 horas, o pano sobe no moderno e confortável Teatro Villaret para 7 actores, á frente dos quais está Raul Solnado que dispensa adjectivos, obrigarem o publico que cómodamente se sentou na plateia a rir contínuamente durante duas horas. Além de Raul, são eles, Maria Paula, Cortês, Isabel de Castro, Nicholson, Maria Laurent e Glória de Matos. A peça em cena, que é recomendada «especialmente» pelo Comité Internacional do Riso, tem um título tão longo como o são as gargalhadas do publico: «Quando é que tu casas com a minha mulher?», uma confusão bem engendrada que faz rir, muito, há já dois meses no moderno e confortável Teatro Villaret onde há bilhetes desde 15$00

### TEATRO GIL VICENTE

#### Mirita Casimiro na peça o «Mar» de Miguel Torga

O Teatro Experimental de Cascais está a apresentar com grande êxito em sensacional reposição a peça de Miguel Torga «Mar» na encenação de Carlos Avilez e realização plástica de mestre Almada Negreiros. A interpretação está a cargo de Mirita Casimiro, Fernanda Coimbra, Luísa Neto, Glicínia Quartin, Zita Duarte, Mirla Costa, João Vasco, Santos Manuel, Manuel Cavaco, Serge Farkas, João Coimbra, Rui Anjos, Filipe La Féria e António Feio. O espectáculo tem o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol e é subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

### CAPITÓLIO

#### A reaparição de Laura Alves

Depois do seu êxito em «O Comprador de Horas» e da sua viagem, Laura Alves, a consagrada actriz que o publico nunca se cansa de ver e aplaudir, vai aparecer no palco do Capitólio na famosa comédia inglesa de Ted Willis, «A Mulher do Rou-

(Continua na 6.ª página)


UMA ALEGRE FAMÍLIA EM REBULIÇO, NO FILME...

O VERÃO dos meus SONHOS

UM ESPECTÁCULO DE GRAÇA IRRESISTÍVEL!

Maiores de 12 ano

POLITEAMA

HOJE — ESTREIA

UMA CASA DE PERNAS PARA O AR! SITUAÇÕES DESCONCERTANTES, HILARIANTES...

com a extraordinária

HAYLEY MILLS * BURL IVES

DOROTHY McGUIRE * DEBORAH WALLEY

Um filme

UNA MERKEL · EDDIE HODGES · J. POLLARD · PETER BROWN

TECHNICOLOR® Realização: JAMES NEILSON



CASINO ESTORIL

APRESENTA

TODAS AS NOITES

YAFFA YARKONI

A MAIS FAMOSA VEDETA DA CANÇÃO DE ISRAEL

PIFAR SHANG

ADMIRAVEL EQUILIBRISTA CHINÊS

ANTÓNIO ROCHA

VOZ EXPRESSIVA DO FADO

EDITH GEORGES e o seu «OH LÁ LÁ SHOW»

AUTÊNTICA EMBAIXADA DE «CHARME» PARISIENSE

PREÇOS: Sábados, consumo mínimo 60$00. Nos outros dias, consumo mínimo 40$00 Todos os dias, jantar 80$00

(Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

TODOS OS DOMINGOS «MATINÉE» AS 17 HORAS

Chá completo — 25$00 (Taxas e impostos não incluídos)

OS MESMOS ARTISTAS ACTUAM TAMBÉM NO

Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador

(MAIORES DE 17 ANOS)



ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES!

NO VARIEDADES

T. 326037

A NOITE, às 21.45 h.

MAIORES DE 12 ANOS

RIBEIRINHO

no protagonista da comédia

A CIDADE NÃO É PARA MIM

UMA PEÇA CHEIA DE GRAÇA, ESPÍRITO E COMICIDADE

Um espectáculo de VASCO MORGADO

15.ª SEMANA DE ÊXITO

No elenco: MARIA JOSÉ ● YOLA ● MANUELA MARIA ● CATARINA AVELAR ● GUIDA MARIA com CARLOS DUARTE ● RUI MENDES ● ANTÓNIO MONTEZ ● CARLOS CABRAL ● VIC GALFO e ainda EMÍLIO CORREIA

BALCÃO POPULAR 2$50

TOIROS EM SETÚBAL

A 30 minutos de Lisboa pela Ponte Salazar

SÁBADO, 13 DE AGOSTO

Às 22 horas

CAVALEIROS:

JOSÉ SAMUEL LUPI

- e -

LUÍS MIGUEL DA VEIGA

ESPADAS:

ÓSCAR ROSMANO

- e -

JOSÉ FALCÃO

FORCADOS AMADORES DE ÉVORA

Toiros de CABRAL ASCENÇÃO

TIMPANAS

RESTAURANTE TÍPICO

MÁRIO SIMÕES E HELDER

APRESENTAM

Fados com MARIA VALEJO, ARMINDA DA CONCEIÇÃO, JÚLIO PERES e LUÍS BRAGA

Das 20 h. ás 5 da manhã

Acompanhamentos por ACÁCIO GOMES e ALFREDO MENDES

FOLCLORE E A MÚSICA SUAVE E RITMADA DE

MÁRIO SIMÕES

Rua Gilberto Rola, 22 e 24 — T.: 672431/676655 — (M/ 17 anos)

ALCÂNTARA



TEATRO AVENIDA

«EQUIPA» subsidiada pelo Fundo Nacional de Teatro apresenta hoje às 22 horas em 3.ª SEMANA

«UM PRÍNCIPE DO MEU BAIRRO»

de Varela Silva (Adultos)

Esgotada a lotação para o espectáculo de noite

# TV DIA A DIA

## O que vimos e ouvimos

**ANTES DAS NOVE** — **Zé Colmeia já passou, com aquela pavorosa dobragem brasileira, com aquelas imagens gastas e desgraciosas. Neste momento, vigora o programa da «Junta de Acção Social» incluída na série «Artistas e Artesãos».**

**Tema: as mascotes portuguesas. Muito apreciadas, especialmente no Japão e na América. Os nossos pastores, os sargaceiros da Apulia, os moços de forcados, a vendedeira de peixe ou de galinhas — estão na moda nas cidades escandinavas.**

**Como nascem os bonecos ingénuos — eis o que veio ensinar-nos a rubrica. Feitos aqui, a dois passos de Lisboa, em oficina com duas dezenas de raparigas. Tecido, linha, agulha e os dedos ágeis e sabedores e «não há boneco que não tenha a sua personalidade» e «puro artesanato» que o turismo veio desenvolver.**

**Tudo muito certo. A minha única duvida está em que se nos será lícito falar no «puro artesanato» para o caso das mascotes de pano executadas em oficinas com vinte operárias decerto remuneradas, decerto sindicalizadas.**

**Ao programa de «Junta da Acção Social» seguiu-se «Crónica de Verão», documentário sobre o Parque de Campismo de Monsanto — no coração de Lisboa e desconhecido da maior parte dos lisboetas. Optimas sombras, boa comida, esplêndidos acessos, instalações sanitárias modelares .. a reportagem decorreu sempre neste tom seco, nesta linguagem de serviço.**

**Assim lentamente nos fomos aproximando das 9 horas. Como já aconteceu antes de ontem, os desenhos animados não vieram. Vieram sim algumas canções ligeiras interpretadas por Simone. Está correcto. O que se sugere é que alternem o mais possivel os cançonetista na faxina.**

### «A RECOMPENSA»

Mesmo no cabo do programa houve a reportagem da Volta a Portugal em bicicleta. Péssima imagem, péssimo desenvolvimento, a câmara sempre longe dos atletas, indiferente ao seu esforço, á sua luta. A contribuição da R. T. P. na propaganda de tão interessante modalidade não me parece estar sendo orientada no melhor sentido.

...Sem nos referirmos áquelas entrevistas para as quais Adriano Parreiro não foi notóriamente fadado...

Todo o restante serão se preencheu com a repetição da peça «A recompensa» de Ramada Curto. Aquilo que a peça nos quis dizer não tem, realmente, qualquer originalidade: que não há razão para os conflitos sociais, desde que todos se ponham nos seus lugares, isto é, desde que uns trabalhem e outros sejam compreensivos, bondosos, amigos. A verdade é que Ramada Curto dá provas de conhecer melhor certa camada parasitária do que a mentalidade dos trabalhadores. Estes aparecem invariàvelmente muito pitorescos, muito decorativos, muito chapéu na mão, broncos ou para lá caminhando, ignorantes das coisas mais elementares, linguagem de trapos: «rezão», «acase», «mánica», etc. E chega, por outro lado, a ser comovente a preocupação com uma possível creche, com a reforma dos velhos, etc., e que não se deve pagar com dinheiro mas sim com justiça, com bondade, com amor...

Teríamos assim, segundo Ramada Curto, cada empresa transformada numa associação de beneficência: as pessoas receberiam não aquilo a que, como intervenientes num complexo social teriam direito, mas aquilo que dependesse da formação moral, da consciência dos empresários.

Será despropositado sublinhar aqui, tão evidentes elas são, as incertezas, a instabilidade de que esta ilusão se reveste quando pretende ser apresentada como uma panaceia para os males do mundo: Os que pesam a realidade nua e crua, sem as roupagens pesadas da retórica, não deixarão aqui e ali de alçar os ombros perante os arroubos líricos de uma patroa que já foi assalariada e agora é uma «autêntica senhora», e de um patrão dado á poesia, á filosofia, ao amor dos livros...

Eunice Muñoz, bem secundada por Costa Ferreira, Curado Ribeiro e Rui Furtado, chegou em boa altura para matar saudades dos seus muitos admiradores que não desesperam de a ver ainda num papel que seja digno do seu talento.

Ruy Ferrão, o realizador, não teve largas dificuldades a vencer. Pormenor curioso: utilizou grandes planos para nos dar mais claramente a presença da personagem em acção. Certo. Teatro em televisão é isso. — *M. C.*

## HOJE PODE VER...

● **Às 22 e 35: Variedades**

A R. T. P. apresenta hoje o 3.º programa de variedades subordinado ao título «Novas canções portuguesas». Neste programa intervêm Artur Ribeiro, Mara Abrantes, António Luz, Gina Maria, Artur Garcia, Cidália Meireles, Tony de Matos, Guilherme Kjölner, Zelinda Isabel e António Calvário. A realização do programa está a cargo de Oliveira Costa e a orquestra é dirigida pelo maestro Tavares Belo.


ILFORD SELOCHROME — O FILM MAIS RÁPIDO

A PELÍCULA QUE SIMBOLIZA A MAIS ALTA PERFEIÇÃO EM FOTOGRAFIA

A MARCA DE ABSOLUTA CONFIANÇA

À VENDA NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

REPRESENTANTES:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
RUA DA CONCEIÇÃO, 46, TEL. 361545-LISBOA



FILMES CASTELLO LOPES — 40.º ANIVERSÁRIO
apresenta um filme MGM

Três grandes actores e um Grande Realizador!

CHARLTON HESTON
JENNIFER JONES
KARL MALDEN
Realização de KING VIDOR

Ela era, na vida, uma chama ardente...
Ele era dominado por um desejo...

A Fúria do Desejo
("RUBY GENTRY")

Argum. de SILVIA RICHARDS • Hist. de ARTHUR FITZ-RICHARD • Prod. de JOSEPH BERNHARD e KING VIDOR

Maiores de 17 anos

AMANHÃ
ARREBATADORA ESTREIA
EDEN



SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO OURO

APRESENTA

HOJE ÀS 21,30

FESTIVAL 007

JAMES BOND

O MITO DO SÉCULO XX DA CÔNTRA-ESPIONAGEM VOLTA PARA SATISFAÇÃO DE MILHARES DE "BONDISTAS"

RANK FILMES

HARRY SALTZMAN e ALBERT R. BROCCOLI Apres. IAN FLEMING'S Dr. No com SEAN CONNERY em James Bond
a URSULA ANDRESS JOSEPH WISEMAN JACK LORD e ainda BERNARD LEE Argum. de RICHARD MAIBAUM
JOHANNA HARWOOD e BERKLEY MATHER Realiz. de TERENCE YOUNG Música comp. de MONTY NORMAN Produção de HARRY SALTZMAN
e ALBERT R. BROCCOLI. EON PRODUCTIONS. LTD
TECHNICOLOR UM FILME DA UNITED ARTISTS

ADULTOS

A INAUGURAR O FESTIVAL:

AGENTE SECRETO 007

CÓPIA NOVA

"Dr. NO"

O HOMEM QUE TRANSFORMOU A TÉCNICA DO AMOR NUMA ARTE... E A ARTE DE MATAR NUMA CIÊNCIA!

# DIVERSÕES

## TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

pão». A seu lado contracena Rui de Carvalho no desempenho da figura masculina á qual duas mulheres se subjugam numa paixão arrojada, criando assim um amor ilícito, a que o publico não ficará indiferente, criticando ou aplaudindo. Têm também desempenhos de relevo Alina Vaz e Rolando Alves, dois nomes já conhecidos no meio artístico e ainda Manuela de Freitas, pela primeira vez no teatro declamado e Leonor Poeira e Vasco Morgado Jr., dois jovens lançados agora no teatro profissional. Assim, dentro de dias, o publico terá ao seu dispôr mais um teatro com um espectáculo fora de série que será certamente mais um êxito de Laura Alves a juntar á sua galeria de triunfos.

### PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

#### «O alfabeto do crime» no Império

«The Alfabet Murders» ou, como lhe chamaram em português, «O alfabeto do crime», é um ensaio burlesco sobre um tema policial. Não é a primeira vez nem será, porventura, a última, que o cinema segue tais caminhos. Mas este filme, saído das mãos de Frank Tashlin, possui um estilo e uma subtileza de processos que, sem esforço, chamam logo a atenção do espectador para uma qualidade de humor, uma fantasia e uma graciosidade que não são vulgares.

A história de «O alfabeto do crime» é de Agatha Christie, mas no filme, mais do que aquilo que acontece, importa «como acontece» ou «como está dado o que acontece».

O tratamento de «Poirot» (Tony Randall), «Hastings» (Robert Morley), «Japp» (Daurice Denham), «Armanda» (Anita Ekberg) e a Polícia inglesa dão a certas sequências inesperadas hilaridade ou subtil ironia. O diálogo dos espelhos, a cena do alfaiate, as perseguições, as conversas através do aquário, as cenas do parque e tantos outros episódios ficam como momento de inesquecível fantasia, noção de enquadramento ou imaginação fecunda.

Poderá ser decepcionante que pormenores de tanto mérito sejam flores gratuitas de um jardim artificial, mas o certo é que, no conjunto, o filme se impõe como espectáculo onde o talento é desperdiçado ás carradas.

Desperdiçado, entendamo-lo, num sentido ético. Espectacularmente, o filme é um entretenimento de invulgar interesse, por inteligente e original. — *Visor 33*

#### «A bruxa cigana», no Odeon

Comédia fruto de íntima colaboração hispano-mexicana, realizada por Gilberto Martinez Solares, esta película não evidencia outro intuito que não seja o de proporcionar hora e meia de entretenimento.

Valoriza o filme a presença capitosa de Lola Flores, que há muito goza da fama de ser a mais representativa intérprete do folclore andaluz: canta, dança, é maliciosa...

O espectáculo que — estamos certos — agradará a uma larga camada de público. Aponte-se, ainda um outro atractivo: a actuação do famoso cantor mexicano António Aguilar.

Finalmente, como curiosidade, diremos que no filme se estreia a jovem bailarina Lolita Gonzalez Flores, filha de Lola Flores...

Complementos variados. — *Visor 107*


SEJA DO SEU TEMPO!
LEIA
motor
SAI AS QUINTAS-FEIRAS


### AS ESTREIAS DE HOJE

#### No Politeama

*Título em português* — «O Verão dos meus sonhos».
*Título original* — «Summer Magic».
*Produção* — Americana.
*Realização* — James Neilson.
*Intérpretes* — Hayley Mills, Dorothy McGuire e Deborah Walley.
*Género* — Comédia.
*Processo* — Technicolor.
*Classificação* — 12 anos.


A PARAMOUNT apresenta um filme UNIVERSAL-INTERNATIONAL

COM AUDIE MURPHY · DARREN McGAVIN · RUTA LEE · SKIP HOMEIER
ARGUMENTO DE MARY e WILLARD WILLINGHAM · REALIZAÇÃO DE R. G. SPRINGSTEEN · PRODUZ. DE GORDON KAY

AMANHÃ SENSACIONAL ESTREIA NO ALVALADE

ALCOCHETE

Domingo, 14 de Agosto de 1966
Às 17.30 horas
FESTAS DO BARRETE VERDE E DAS SALINAS
IMPONENTE CORRIDA DE TOUROS
A MAIS BEM ORGANIZADA CORRIDA DE TODOS OS TEMPOS NESTA PRAÇA
8 bonitos e puros touros dos Herdeiros de D. DIOGO PASSANHA (Quinta de S. Pedro)
CAVALEIROS
Pela primeira vez juntos e em sensacional Mano-a-Mano
JOSÉ SAMUEL LUPI
LUÍS MIGUEL DA VEIGA
ESPADAS
ARMANDO SOARES
Triunfador da temporada no México e
AMADEU DOS ANJOS
O mais fino e profundo muletero do momento
FORCADOS
Amadores de Alcochete do Aposento do Barrete Verde
capitaneados por
ANTÓNIO LUÍS PENETRA
Venda de bilhetes nos locais do costume — Maiores de 6 anos

NO ESTORIL
III FEIRA DO ARTESANATO PORTUGUÊS
(No Pinhal, junto ao Ténis)
ARTIGOS DE ARTESANATO DE TODAS AS PROVÍNCIAS METROPOLITANAS E ULTRAMARINAS
RESTAURANTE D'AVÓ
HOJE:
CONSOMÉ, CALDO VERDE, MUSANGUÉ (PRATO ANGOLANO), BIFES D'AVÓ E OUTROS PRATOS DOCES VARIADOS
Marcam-se mesas pelo telefone 26 33 77

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa
2 SESSÕES
AS 21 HORAS E AS 23 HORAS
BILHETES DESDE 15$00
UM ESPECTÁCULO RECOMENDADO PARA RIR MUITO
RAUL SOLNADO

QUANDO É QUE TU CASAS COM A MINHA MULHER?
MARIA PAULA ● CORTEZ ● ISABEL DE CASTRO ● NICHOLSON ● MARIA LAURENT ● GLÓRIA DE MATOS
Encenação de FRANCISCO NICHOLSON

UM FILME DE INFERNAL ACÇÃO!
TEMPORADA SUSPENSE!
A ESTRANHA ODISSEIA DOS HOMENS QUE OUSARAM PENETRAR EM TERRITÓRIO PROIBIDO...
...E O ROMANCE DA MULHER QUE PARTILHOU ESSES PERIGOS!
RANDOLPH SCOTT e ANN RICHARDS

TALMA FILMES
M/12 ANOS
Hoje, às 21,45
AVIS

TERRA DE MALVADOS

### EXCURSÃO À CURIA, PRAIA DE MIRA, LUSO E MEALHADA

Aproveite o sol radioso de Agosto para se deslocar ao magnífico centro turístico da fértil região da Bairrada, visitando Curia, Praia de Mira, Luso e Mealhada, utilizando a excursão que a C. P. promove no domingo dia 14, áquela região, com uma bela viagem em comboio automotor «Foguete» (ar condicionado), 1.ª classe, circuito turístico por estrada e almoço no Grande Hotel da Curia, pelo preço excepcional de 230$00. Lotação limitada

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia) e na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124 1.º)

# TAUROMAQUIA

## ALVOROÇO NO MEIO TAUROMÁQUICO

### COM A REALIZAÇÃO DA CORRIDA DA IMPRENSA

Está a suscitar grande entusiasmo, no meio tauromáquico, a realização da tradicional Corrida da Imprensa, aguardada pelo publico com o maior interesse, não só pelo êxito conquistado em organizações anteriores, como pela excelência do cartel. Nessa corrida, marcada para o próximo dia 28, na Monumental de Cascais, serão lidados animais da ganadaria de Paulino da Cunha e Silva.

Manuel Conde, o famoso cavaleiro da geração de 50 de estilo clássico, impregnado de emoção (os próprios detractores sentem essa faceta) alternará com Luís Miguel da Veiga «l'enfant gaté» da nossa *aficion*. Detentor de um apelido glorioso, que anda no coração dos aficionados portugueses, o menino prodígio de Montemor é uma realidade nesta nova geração do toureio a cavalo. Luís Miguel da Veiga é um caso raro de intuição e, assim, se explica aquele arrastar de multidões, só possível com a força criadora dos eleitos.

Em boa hora a Casa da Imprensa contratou Diamantino Viseu, o primeiro português que tomou alternativa de matador de touros, façanha até então, acolhida com certa reserva e alguma descrença mal intencionada. Toureiro de grandes faculdades de muletero (os seus recursos são portentosos), Diamantino Viseu conseguiu calar adversários, que se renderam incondicionalmente á sua técnica depurada. Aliado a estes predicados, jamais desmentidos pelo publico e pela crítica, Diamantino «conhece o touro» e para se ser toureiro é necessário isso mesmo.

Na Grande Corrida da Imprensa, surgirá outro nome famoso, que há duas temporadas se vem afirmando como toureiro de classe extra: Armando Soares. Em Cascais não se atemorizou, alternando com António Ordoñez, antes saiu airoso do mano a mano e o seu nome passou a ter uma ressonancia, injustamente negada até àquele acontecimento. Ultimamente, conquistou, em terras mexicanas, enormes éxitos, traduzidos em cortes de orelhas e saídas em ombros. Matadores de estilos diferentes e extraordinários bandarilheiros, a competência passou de desejada a obrigatória. Será certamente o mano a mano mais sensacional da época. O embate de duas gerações, de duas escolas.

Completa o cartel da grande corrida da temporada, o glorioso Grupo de Forcados Amadores de Montemor, porventura, o mais perfeito e aguerrido da actualidade, capitaneado pelo experiente Joaquim José Capoulas. No cenário grandioso da Monumental de Cascais, o acontecimento transcendente da temporada, será, pois, a Corrida da Imprensa. Por alguma razão, a 18 dias da «corrida da época», o grande publico começa a manifestar-se e a discutir.

# ENCERROU-SE A EXPOSIÇÃO

## DA MAQUETA DA NOVA FÁBRICA DE CERVEJAS

Encerrou-se, agora, a exposição da nova fábrica de cervejas e refrigerantes que a Sociedade Central de Cervejas tem em construção na Vialonga, a cerca de dez quilómetros de Lisboa. Trata-se de um empreendimento orçado em 360 mil contos, que deve entrar em actividade no mês de Outubro do próximo ano.

Durante estes meses em que esteve patente ao público, a nova unidade fabril, uma das maiores do Mundo no seu género, tendo uma capacidade de produção de 100 milhões de litros anuais, foi visitada por diversas altas individualidades, nomeadamente, pelos srs. eng.º Arantes e Oliveira, secretários de Estado do Comércio da Agricultura e da Indústria, secretário nacional da Informação, directores-gerais das Alfandegas, das Finanças, dos Serviços de Urbanização, dos Serviços Industriais, das Contribuições e Impostos e dos Negócios Económicos e Consulares, presidentes da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, das Associações Comercial e Industrial Portuguesas, presidente da Corporação da Industria e bastonário da Ordem dos Engenheiros.

No projecto trabalharam o Gabinete de Projectos Industriais do eng. J. Talone e o Gabinete de Estudos da Sociedade Central de Cervejas, dirigido pelo sr eng. Sebastião de Oliveira, e constituido pelos srs. engs. Américo Martins, na programação; António Fonseca e João Rocha dos Santos, na técnica cervejeira; Francisco Pinto Teixeira, no laboratório e investigação; José Navarro, na técnica de material; e Manuel Salgado, na mecânica.

# A primeira imagem

## a atravessar a ponte

ALHOS VEDROS, 11 — A imagem de Nossa Senhora dos Anjos, que se venera nesta vila, foi a primeira a atravessar a ponte sobre o Tejo.

O facto resume-se em poucas linhas, e para as poucas pessoas que dele tiveram conhecimento causou natural regozijo, pois que a referida imagem, quando das festas anuais que se efectuam nesta vila, vem de Lisboa, onde sempre se encontra, na posse do seu proprietário, que a cede por aqueles dias, sucedendo este ano, igualmente, como nos anteriores.

Aconteceu, porém, que, ao ir de regresso, no passado dia 6, quando da inauguração da ponte, logo após esta abrir ao tráfego, a imagem de Nossa Senhora dos Anjos atravessou o tabuleiro dentro de uma viatura da Santa Casa da Misericórdia de Alhos Vedros.

Passou incógnita a veneranda imagem, feita de pedra maciça, e que, segundo consta, tem mais de sete séculos de existência, como representante de uma das mais antigas vilas ao Sul do Tejo, talvez abençoando esta grande obra de união entre o Norte e o Sul de Portugal.

# Um edifício de assistência concluído e encerrado há 8 anos

O Orfanato de Évora, estabelecimento de assistência, concluído há 8 anos, nunca funcionou. Para esta obra, o Governo contribuiu com a verba de 2000 contos.


4 RAZÕES PARA, EM VEZ DE NOTAS, TRAZER CONSIGO

**cheques de viagem**

Trazer notas na carteira
é sempre um risco. Dinheiro
perdido ou roubado pode ser
fonte de grandes dissabores.
Mas cheques de viagem
na carteira asseguram
tranquilidade completa
e permanente.
Mesmo que lhe desapareçam,
nada tem a perder!

Eis quatro boas razões para os adoptar definitivamente:

**1 Só o próprio os pode utilizar**

Contràriamente às notas,
cada cheque de viagem
só é válido quando assinado por si.
Trata-se, pois, de
dinheiro estrictamente pessoal.

**2 O número de série protege-o**

A numeração dos nossos cheques de viagem
é devidamente registada.
Se os seus cheques
se perderem ou forem roubados,
os respectivos números de série
habilitam-no a ser prontamente reembolsado
na Sede ou qualquer Filial,
Agência ou Dependência do
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

**3 Trata-se, verdadeiramente, de "escudos"**

Pode gastar cheques de viagem do
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
em hoteis, restaurantes, lojas, etc.,
em toda a parte de Portugal
Continental e Insular.

**4 Envio de dinheiro com segurança total**

Bastam as suas 2 assinaturas
e a inscrição, na linha central,
do nome da pessoa a quem se pretende
que o cheque seja pago ou do nome do Banco
onde pretenda levar o cheque
a crédito da sua conta

TROQUE NOTAS POR CHEQUES DE VIAGEM SEM QUALQUER DESPESA

na Sede ou em qualquer Filial, Agência ou Dependência
do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa,
nos valores nominais de 100$00, 500$00 ou 1.000$00

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

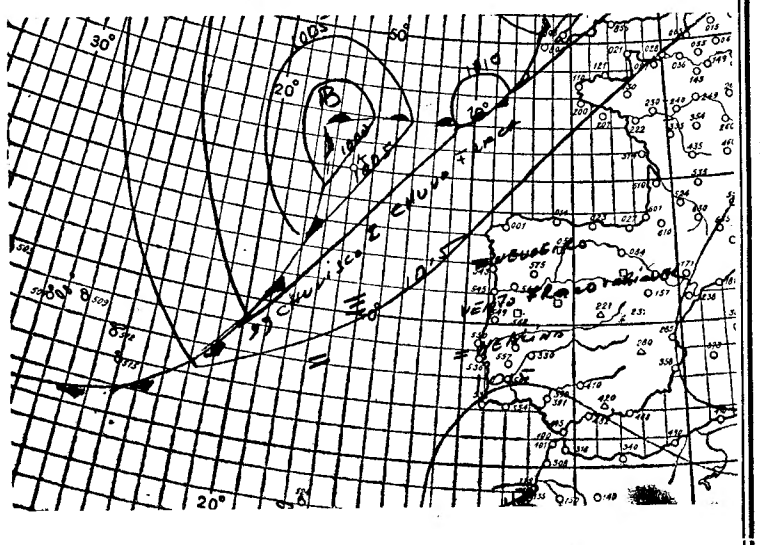
# O TEMPO QUE FAZ

## Informação do Serviço Meteorológico Nacional

**TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Figueira de Castelo Rodrigo, 34°; mínima: Viseu, 9°,5.**

**TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, ás 9 horas, 19°,7; na água do mar, ao meio-dia, 18°.**

### A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



*(Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje)*

A — Anticiclone (alta pressão)
B — Depressão (baixas pressões)
—— — isóbaras (mb)

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 12 DE AGOSTO — A invasão da massa de ar marítimo transportado na circulação conjunta de uma depressão centrada a noroeste da Península Ibérica e de um anticiclone situado a sul dos Açores deverá influenciar o tempo no continente, especialmente nas regiões do litoral oeste a norte do cabo Mondego.

**PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ**

**Céu geralmente limpo; vento fraco, podendo tornar-se moderado de sudoeste nas regiões do litoral oeste a norte do cabo da Roca; nevoeiro ou neblinas matinais na costa ocidental.**

**SOL** — AMANHÃ
*Nascer ás 6 e 47*
*Ocaso ás 20 e 36*

**MARES**

**PREIA-MAR: Dia 11** — Às 11 e 17 (3,2 m); 23 e 58 (3,2 m). **Dia 12** — Às 12 e 41 (3,4 m). **Dia 13** — Às 1 e 18 (3,3 m); 13 e 50 (3,6 m).
**BAIXA-MAR: Dia 11** — Às 4 e 40 (1,7 m); 17 e 28 (1,7 m). **Dia 12** Às 5 e 57 (1,6 m); 18 e 42 (1,5 m). **Dia 13** — Às 7 e 07 (1,5 m); 19 e 47 (1,3 m).

**FASES DA LUA**

Dia 16 — Dia 23 — Dia 31 — Dia 8

## A CLASSIFICAÇÃO do concurso do Laboratório Nacional de Engenharia Civil

No «Diário do Governo» de hoje vem a classificação do recente concurso para estágio de especialistas do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, recentemente efectuado.

A classificação, com as respectivas notas foi a seguinte:

Eng.° Mário Castanheta (17,2); eng.° Carlos Florentino (16,6), eng.° José Guimarães Correia (16,1), eng.° Maria do Rosário Dias do Cravo (16), eng.° Júlio Barceló (15,7), eng.° David de Oliveira Leite (15,6).

# AS FESTAS DE CORUCHE

CORUCHE, 11 — Prosseguem hoje as festas em honra de Nossa Senhora do Castelo, desta vila. Amanhã, ás 21 e 30, haverá triduo solene pelo orador sagrado mons. dr. José Filipe Mendeiros, vigário geral e reitor do Seminário Arquidiocesano de Évora, procurador á Câmara Corporativa em representação do Episcopado. As cerimónias religiosas têm a colaboração do Coro de Santa Cecília, sob a direcção do coruchense rev. padre José Flausino.

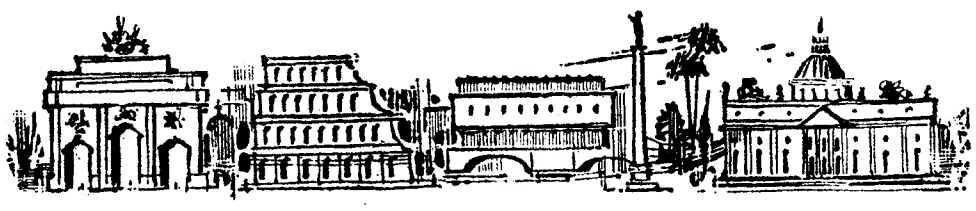
À noite, a esplanada do Castelo estará vistosamente iluminada. As festas terminam no próximo dia 18 com uma largada de touros bravos pelas ruas da vila e um festival taurino.

**Em BELVER o «DIÁRIO DE LISBOA» está á venda na AGÊNCIA DO SR. FRANCISCO DA ROSA GRILO CHAMBEL.**

## OS MONUMENTOS da cidade de Évora vão ser iluminados

No «Diário do Governo» de hoje se publica que foi concedida uma comparticipação do Fundo do Desemprego á Câmara Municipal de Évora para a iluminação dos monumentos dessa cidade.

O orçamento dessa iluminação é de 200 contos para a mão-de-obra e outros 200 contos para os materiais. A comparticipação concedida é de 200 contos.



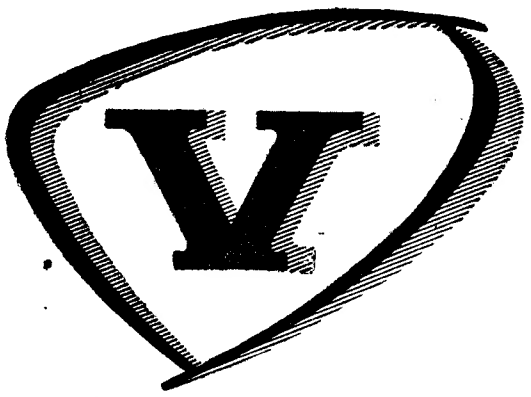
# A MELHOR HORA!

almoce no "restaurante" italiano mais alto do mundo

**Todos os dias, às 10.25, um DC-8 Jet da Alitalia sai de Lisboa e chega a Roma em 2h20 de voo sem escala, a 10.000 metros de altitude. A bordo o tempo será suficiente para saborear um almoço à italiana preparado pelos melhores cozinheiros. E depois do café ... desembarcará na Cidade Eterna.**

**Para a Itália a hora Alitalia todos os dias às 10.25.**

ALITALIA



VALADARES

SÍMBOLO DA MAIS ALTA QUALIDADE EM CERÂMICA

# Começamos a ser um país com indústria tanto no mercado interno, como no estrangeiro

## — acentua o sr. dr. Corrêa de Oliveira

(Continuação da 1.ª página)

**a 1964 a uma taxa anual média de 10%, e, no Plano Intercalar de Fomento, se prevê que o turismo se desenvolva a uma taxa anual média de 18%, o crescimento do produto da agricultura mal tem acompanhado o da população, pois se traduz por uma taxa inferior a 2%, no hexénio considerado, e expressa a preços constantes.**

«*Esta estagnação não poderia atingir só os que vivem da actividade agrícola: tarde ou cedo, haveria de interferir também, na expansão dos demais sectores da actividade económica. E' o que, já hoje, está a acontecer: por um lado, a insuficiência da oferta agrícola provoca a elevação dos preços no consumidor e os custos da produção industrial são, fatalmente, afectados na medida em que os salários sobem não por melhoria da produtividade mas por aumento do custo de vida; por outro lado, a população que vive da agricultura e forma ainda o maior nucleo de consumidores não constitui, por carência de poder de compra, aquele grande mercado que deveria ser para a produção da industria nacional. Em economia, com as características da nossa, o comportamento da agricultura determina, em grande medida, os limites de uma política de expansão. Por isso, face ao desequilibrio que se verifica, estaremos a cuidar da expansão da industria, do turismo e dos serviços, numa palavra, da viabilidade do processo de desenvolvimento económico do País sempre que nos debrucemos sobre os problemas que entravam o desenvolvimento da actividade agrícola e florestal.*

— Poderá dizer-se, então, que a chamada rotina da agricultura é uma das maiores responsáveis pelas dificuldades que as tendências inflacionistas podem causar aos consumidores e ao progresso geral do País? — perguntamos.

— A rotina, o apego a hábitos velhos, a preguiça para esforços novos, a falta de persistência, o desamor pelo estudo e o gosto da improvisação, o receio de arriscar capital na criação de maior riqueza — responde o ministro —, constituem, talvez, o preço que os portugueses pagam pelas suas grandes e nobres virtudes. Mas esses defeitos não são exclusivos dos que trabalham a terra. Se quisermos enveredar pela solução possível do problema nacional em que se traduz a crise da actividade agrícola, precisamos, primeiro, de conhecer e entender as razões dessa crise, e seguiríamos por muito mau caminho se, cómoda e precipitadamente, as reduzíssemos ao conceito de rotina.

E o sr. dr. Corrêa de Oliveira evoca:

— Quando comecei a trabalhar neste Ministério, há vinte e um anos, a economia portuguesa era dominada pelo potencial da sua produção agrícola. Por isso, anos antes, se haviam já começado a lançar as bases legais, financeiras e administrativas, do fomento industrial. E foi, então, promulgada legislação que, mesmo lida á luz dos conceitos de hoje, devemos considerar notável. À moda da época — havia na Europa Ocidental tantos mercados fechados quantos os países existentes; as moedas europeias, salvo o escudo e o franco suíço, não eram nem convertíveis nem transferíveis; o comércio externo estabelecia-se em bases rigorosamente bilaterais e tinha por limites o equilíbrio, também bilateral, das respectivas balanças de pagamentos — á moda da época, dizia, construímos muros aduaneiros para nos livrar da concorrência da produção industrial estrangeira; criámos sistemas de condicionamento ou de reserva do mercado interno, com o objectivo teórico de evitar o sobreequipamento e com o resultado prático de impedir concorrência, que se receou fosse demasiada, entre os próprios produtores nacionais; planeámos, projectámos e erguemos as grandes indústrias de base; consentimos e assegurámos, directa ou indirectamente, uma rentabilidade ao investimento industrial, a nível tal, que permitiu, aos empresários verdadeiramente capazes, não só realizar progresso notável e criar novas fontes de riqueza industrial, como financiar esse progresso e esse crescimento, em parte muito grande, á custa de lucros capitalizados; e, aos empresários que pouco ou nada quiseram progredir, essa protecção tem permitido, também, a quase todos, sobreviver até hoje, como industriais sem que, entretanto, tenham perdido a possibilidade de viver com certo desafogo e, mesmo, de construir algum prédio de rendimento.

## O desequilíbrio do crescimento da indústria e da agricultura

No prosseguimento das suas considerações, o ministro da Economia acrescenta:

**— Podem discutir-se muitas das medidas tomadas; pode sobretudo entender-se — e eu entendo — que se mantiveram algumas dessas medidas por tempo demasiado o que, afastando a concorrência e impedindo o aparecimento de novos empresários, de nova mentalidade, de novas técnicas e de novos capitais, não estimulou o progresso industrial a processar-se ao ritmo que deveria ter alcançado. Mas o balanço é, quanto a mim, largamente favorável: começámos a ser, hoje, um país com indústria, presente e activa, tanto no mercado interno como no estrangeiro; pode haver muito do passado a corrigir, e há muito, do presente e do futuro, a construir, mas possuimos as condições para realizar uma e outra coisa.**

**«Utilizámos, também, um instrumento de fomento industrial a que não me referi ainda e que, no meu modo de ver, foi um dos que maior influência tiveram no desequilíbrio actual entre as taxas de crescimento da industria e da agricultura. Decididos a evitar a inflação, que, então, campeava noutros países e arruinava as tentativas mais sérias de reconstrução económica, executámos uma política não de estabilidade dinamica dos preços dos produtos alimentares essenciais, mas de rigidez ou de quase estagnação desses preços; desejosos de assegurar á industria, nascente, larga margem de lucro que lhe garantisse fácil possibilidade de concorrência no mercado interno e a estimulasse a atravessar as fronteiras do País, para lutar, de igual para igual, nos mercados externos, assentámos o fomento industrial em salários baixos e, estes, numa alimentação barata e, esta, na fixação e no congelamento, por largos períodos, de preços para os produtos agrícolas que, mantidos ao longo do tempo, desencorajaram o investimento neste sector. Não ponho em causa a necessidade de se ter seguido esta política, durante um certo tempo; penso só que ela se prolongou, para além do necessário e explica, em grande parte, a situação de quase estagnação em que a actividade agrícola, quando avaliada no conjunto da sua produção, se encontra. É, de resto, um hábito, muito nosso, este de transformar em permanente tudo o que criámos a título provisório e pode ser justificado por circunstancias que, de sua natureza, são sempre transitórias.**

— V. Ex.ª pode documentar a afirmação que acaba de fazer e é de tanto interesse para o esclarecimento do problema? — interrompemos.

— Quando fiz a comparação da evolução dos índices de preços no consumidor, em Portugal e nos demais países europeus, antecipei a demonstração do que lhe afirmei agora: verifique, nesses indicadores, a quase estagnação dos preços de 1950 a 1961 ou 1962. Mas vou, para completar essa visão geral, citar alguns casos concretos — diz-nos o nosso entrevistado, que exemplifica:

— O preço que hoje paga pelo pão é, práticamente, o mesmo que foi fixado em 1948 — há dezoito anos. Não será este um caso ímpar no Mundo, mas é de certeza um caso raríssimo. O preço efectivamente pago ao produtor pelo trigo manteve-se sem qualquer alteração desde 1948 até ao ano passado — dezasseis anos —; os preços de garantia ao centeio e ao milho conservaram-se rígidos, durante onze anos, até 1962-63, em que sofreram ligeira correcção; os preços do arroz permaneceram, sem alteração, durante dez anos — 1946-1955 —, baixaram, no quinquénio 1956-60, e foram, a partir de 1961, aumentados de cerca de $26 por quilo. Pode, por isso, dizer-se que o preço que o produtor hoje recebe pelo seu arroz é práticamente o mesmo que recebia em 1946 — há vinte anos.

«Devo notar que na campanha de 1963 foi concedido um subsídio extraordinário aos produtores de trigo, milho e centeio a título de auxílio perante a calamidade do ano agrícola.

Continuando, observa:

— Se entrarmos no campo dos produtos pecuários, de importância decisiva na estratégia da produção agrícola, direi que o preço médio de garantia da carne sofreu uma ligeira melhoria em 1956, manteve-se, depois, sem qualquer alteração, durante sete anos, beneficiou de nova mas pequena e insuficiente melhoria em 1963, até que, em 1965, se entrou no regime de fomento da produção. O preço do leite comum e do leite industrial manteve-se sem alteração no produtor durante catorze anos — de 1951 a 1965 — e o consumidor paga por ele, hoje, o mesmo preço que pagava há quinze anos, assim como a manteiga não lhe custa mais, agora, do que lhe custava há dez anos.

## As dificuldades no sector agrícola para mobilizar meios financeiros

O titular da pasta da Economia prossegue:

**— A possibilidade de suportar tão prolongados congelamentos de preços enquanto subiram os de todos os bens e serviços, que, directa e indirectamente, intervêm na produção agrícola, denuncia ter havido, entretanto, alguma melhoria na produtividade da agricultura, pelo menos em certos dos seus sectores. Mas essa melhoria foi insuficiente, e outra coisa não poderia ter acontecido, dado que a lavoura, práticamente bloqueados os preços das suas principais produções — preços que, no momento da sua fixação foram, sem duvida, em muitos casos, preços de fomento da produção — não só ficou impedida de capitalizar lucros, para reinvestir, como não pôde oferecer aos investidores de capital, a remuneração e a segurança que encontravam em outros sectores. Daqui resultou, para a actividade agrícola, a impossibilidade de mobilizar os meios financeiros indispensáveis á reorganização e racionalização das suas explorações, quando não foi, mesmo, para sobreviver, conduzida a aceitar a sua própria descapitalização.**

— Mas teria a actividade agrícola, só com melhores preços, resolvido os seus problemas estruturais, de modo a poder acompanhar em relativo equilíbrio, a taxa anual de crescimento que se verificou nos demais sectores da actividade económica? — insistimos.

— Se lhe respondesse afirmativamente — continua o nosso interlocutor —, ser-me-ia impossível provar a afirmação. Mas já me seria mais fácil provar que a aplicação, a qualquer outro sector da actividade económica, de uma política de preços semelhante á seguida na actividade agrícola teria, de certeza, provocado, também, a estagnação desse sector.

«De resto, se é evidente que uma política de preços não basta, por si só, para provocar a reorganização de um qualquer sector da actividade económica, parece-me, por igual, evidente que, sem a perspectiva de preços remuneradores, do capital a investir e do esforço a despender, não há, em economia de mercado, reorganização possível. E será ainda, na agricultura, dadas as características da actividade e a mentalidade própria dos homens da terra, que mais fácilmente encontrará empresários dispostos a correr, com o numero menor de garantias, o risco do investimento e do esforço.

«Ao longo destes quarenta anos, o Governo realizou uma obra enorme no sector da agricultura — montagem dos serviços, desde a investigação científica á sua aplicação no campo; assistência técnica e apoio financeiro; melhoramentos agrícolas; instituição da rede completa da organização corporativa da lavoura; criação de organismos de coordenação económica para os sectores principais da actividade agrícola. E começou o Governo a pôr de pé uma obra que não ficará só como padrão a atestar a altura de uma época, pois se continuará, pelo tempo fora, criando em cada dia do futuro riqueza maior: refiro-me á florestação do País e ás obras de rega e de hidráulica agrícola — valorização dos solos; conquista de novas terras.

Depois de uma breve pausa, o ministro acrescenta:

**— Em meu entender, para que pudéssemos estar, já hoje, a fruir mais intensamente, do potencial de produção que em todo esse complexo esforço se contém, faltou-nos só a definição de uma orientação de conjunto, dirigida á rentabilidade das explorações agrícolas das várias regiões e faltou-nos, sobretudo, a conjugação, perfeita e oportuna, entre uma política de fomento e uma política de preços que tornasse possível o investimento requerido para concretização desse fomento.**

«Raras vezes se repara na influência que no esforço de recuperação nacional têm tido acontecimentos externos: primeiro, a grande depressão mundial de 1929; depois, a começar em 1939 e a prolongar os seus efeitos muito para além dela, a II Grande Guerra; por fim, quando, reunidas todas as condições para um impulso, muito mais intenso e acelerado no campo do fomento económico e do progresso social, surge a obrigação de organizar a defesa militar activa da própria Nação. Pode dizer-se que alguns destes acontecimentos incidiram, também, na vida de outras nações, hoje económicamente mais avançadas. Isso é certo; também não é menos certa a diferença de potenciais de riqueza e, sobretudo, o facto de todos esses acontecimentos nos terem encontrado em pleno esforço de recuperação de uma longa crise, de atraso na economia e de descalabro nas finanças. Essa nossa particular vulnerabilidade, explica, em muito, as razões da política económica que seguimos ao longo destes anos. A incidência das pressões dessas conjunturas anormais e longas, sobre a ossatura ou estrutura, ainda mal consolidada, da nossa economia não poderia ter deixado de provocar desvios e distorsões sensíveis no nosso processo de crescimento. Apesar de tudo, assegurámos a estabilidade financeira interna e a solvabilidade exterior da moeda, lançámos e prosseguimos, contra ventos e marés, o processo de recuperação nacional, e podemos afirmar serem, hoje, evidentes duas realidades: o progresso económico-social e a possibilidade de sustentarmos, perante o Mundo, uma política de Portugal.

**«Ora, também na agricultura, a situação e os acontecimentos a que me referi, tiveram influência marcada. Dominados pela importancia que, na economia e na balança de comércio, tinham certas exportações originárias da agricultura; postos perante dificuldades tremendas de abastecimento publico, durante a II Guerra Mundial e nos anos do pós-guerra, que coincidiram com o período inicial e mais crítico da nossa recuperação económica, fomos forçados a conduzir, na agricultura, não a política de conjunto a que me referi, mas várias políticas sectoriais, que quase se tornaram independentes, e eram dominadas por duas preocupações: assegurar a exportação tradicional e ocorrer ás principais carências de abastecimento. Destas «políticas de produtos», que as circunstancias forçaram, resultou tanto o agravamento de distorsões inter-sectoriais, já existentes no sector agrícola, como o aparecimento de novos desequilíbrios. Mas não pode dizer-se que a agricultura não tenha reagido ás solicitações que lhe foram feitas. Bem ao contrário: sempre que, em certo sector, lhe foi dada uma orientação e assegurado um mínimo de rentabilidade ou de segurança no escoamento das suas produções, a lavoura lançou, aí, todo o seu esforço e obteve êxitos notáveis. Basta ter presente o que sucedeu com o vinho, com o azeite, o arroz, o trigo e, agora, certas produções como a do tomate.**

O ministro acentua com significativa expressão:

**— Não vejo, por isso, que os nossos empresários agrícolas não sejam capazes de iniciativa igual á dos empresários dos demais ramos da actividade económica, se lhes forem criadas condições que tornem viável essa iniciativa e razoável o risco do investimento que requer. Afinal de contas, as condições que a outros sectores fundamentais da economia pudemos, directa ou indirectamente, assegurar. E valeu a pena.**

## Um esquema de actuação para dominar a crise agrícola

Perfeitamente inteirados da orientação que o sr. dr. Corrêa de Oliveira se propõe seguir, com vista á correcção da actual situação da agricultura, ficamos também mais documentados e mais esclarecidos quanto ás bases em que fundamenta essa orientação. Mas o interesse evidente que o ministro dedica ao assunto, não mostrando qualquer disposição de encurtar a entrevista, que constitui, aliás, uma ampla exposição da política que traçou para a sua pasta, justifica a insistência de mais esta pergunta:

— Importa-se de expor, para o grande publico, as linhas gerais da sua política quanto á agricultura e aos preços?

Sem hesitação, o ministro declara-nos então:

— Nunca me pareceu difícil organizar um esquema de actuação com vista ao domínio da crise da agricultura. Basta utilizar, em pleno, o potencial de conhecimentos e de acção que, tanto no que toca aos serviços publicos como á organização da lavoura, o Estado já criou. Para que essa utilização seja um facto basta, quanto a mim, ser um pouco mais firme na manutenção da linha de rumo, impor e estimular a coordenação e a convergência de todas as acções sectoriais, publicas e privadas, para os objectivos definidos, corrigir e completar as políticas até aqui seguidas, sempre que a experiência demonstre não terem elas servido a expansão da actividade agrícola e o equilíbrio indispensável ao máximo crescimento da economia.

«Como vê, o que pudermos fazer, agora, será muito menos obra nossa que o fruto do trabalho e das experiências de quantos, antes de nós, serviram no cargo que nos está hoje confiado. O território do País, situado na Europa, embora pequeno, é de estonteante diversidade de características — a terra e a gente. Cada província quase constitui um caso típico e essa tipicidade ainda se sente mais quando nos debruçamos sobre os problemas da Madeira e dos Açores. Este é ponto que deveremos ter sempre presente.

Continuando a desenvolver o seu pensamento, acrescenta:

— Por outro lado, como todos sabemos, a máxima rentabilidade da actividade agrícola e florestal será obtida quando encontrarmos um esquema que nos permita o aproveitamento, também máximo, da capacidade produtiva do solo sem o degradar ou empobrecer.

«O objectivo da máxima rentabilidade económica deve ser conjugado com o da segurança nacional em matéria alimentar. Isto é, deveremos procurar que a actividade agrícola, no espaço português, se organize de modo a assegurar as necessidades de alimentação, desse mesmo espaço ou, pelo menos, a poder dirigir-se nesse sentido, rápidamente, se as circunstancias impuserem esse caminho. Quando, no seu ultimo discurso, em Braga, o Senhor Presidente do Conselho afirma «Continuo a pensar que a agricultura nacional deve acima de tudo ser orientada no sentido de assegurar o sustento da Nação...», está a fazer uma proposição pela qual á agricultura se confia mis-

(Continua na página seguinte)

# Impõe-se o estudo das condições regionais para a reorganização da exploração agrícola

## —na opinião do ministro da Economia

(Continuação da página anterior)

são que transcende o seu próprio interesse, pois é de âmbito nacional. Mas, para além do enquadramento da agricultura no plano grande da política portuguesa, não se esqueça ainda que a nossa própria localização geográfica, no extremo ocidental da Europa, torna inviável a importação, em condições de preço aceitáveis, de uma variedade grande de produtos alimentares provenientes da agricultura, desde o leite a quase todos os demais produtos que se consomem em fresco. Devo dizer que estes produtos só se encontram disponíveis, no mercado europeu, em quantidades limitadas e a preços elevados. A esta dificuldade acresce o facto do tempo e do custo do transporte resultante da localização do País. Se não fossem estas dificuldades, recorreríamos á importação e não estaríamos a sentir as altas de preços que, neste momento, se verificam no mercado dos produtos alimentares e são objecto de críticas publicas que, muitas vezes, se limitam a observar os fenómenos sem cuidar de proceder ao exame das suas causas. A nossa localização geográfica pode, por isso, impor-nos que levemos a capacidade de auto-abastecimento alimentar do País para além do que porventura, amanhã, se verifique convir ao esquema da exploração agrícola que, no plano técnico e económico, asseguraria a maior rentabilidade do investimento neste sector. Se esta hipótese se viesse a verificar — o que não está ainda provado — pôr-se-ia, então, o problema de determinar a parte que, á lavoura, caberia suportar nos prejuízos resultantes de um esquema de produção que lhe seria imposto em nome do interesse geral de todos os consumidores, que o mesmo é dizer de todo o País

## As condições de cada região e a reorganização das culturas

— ...

— Combinando estas noções e estes objectivos, procuraremos:

*a*) — 1) determinar, para cada uma das regiões do País, quais as culturas, agrícolas e florestais, que melhor se adaptem ás características de cada zona;

2) eleger, de entre essas culturas, aquelas que tendo em vista a evolução previsível das necessidades nacionais de alimentação e da procura nos mercados externos, sejam susceptíveis de satisfazer, quanto possível, essas necessidades, garantindo, ao mesmo tempo, ás respectivas explorações, o maior rendimento no mais curto prazo. Os esquemas de produção deverão, ainda e tanto quanto possível, procurar não colidir com as produções agrícolas de marcado interesse na estratégia do desenvolvimento económico dos territórios ultramarinos. Nas regiões hoje dominadas por uma só cultura deverá, ainda, procurar-se que o seu esquema de utilização dos solos envolva, tanto quanto possível, maior diversificação de culturas, de modo a diminuirmos a dependência, em que essas zonas hoje se encontram, do comportamento do clima. A realização deste objectivo será extraordinàriamente facilitado pelo aproveitamento intensivo que, em termos de agricultura e industria, importa fazer das obras de regas já existentes e daquelas que, no plano publico e privado, estão em projecto. A outros trabalhos, como o da drenagem, terá necessàriamente que ser dada também prioridade.

«O ritmo de condução deste processo deverá ser — é do interesse nacional que seja — rápido, mas essa rapidez só terá viabilidade se o seu cálculo assentar em bases do possível, e este terá que ser determinado em função da capacidade de cada região, nomeadamente do nível técnico e financeiro da média dos seus empresários agrícolas, e da previsão, quer das disponibilidades de apoio técnico e financeiro directo e indirecto do Estado, quer da mobilização de capitais, a curto, médio e longo prazo, nas instituições de crédito, quer em outras fontes de investimento privado.

3) Os planos de reordenamento cultural devem ser completados com o estudo não só da instalação de industrias que garantam a maior valorização das produções agrícolas e florestais, mas, também, dos problemas de preços gerais e regionais, e, ainda, dos esquemas de comercialização e distribuição que melhor defendam o interesse do produtor e do consumidor. E, por esta via, faremos obra que ultrapassa os limites da agricultura, pois estaremos a enquadrar a nossa actividade em perspectiva de desenvolvimento regional.

*b*) Nenhum plano racional de utilização do solo poderá ser executado se não fizermos, simultaneamente, um esforço muito grande no sentido da organização das explorações agrícolas. Esta organização dirigir-se-á tanto á melhoria progressiva da capacidade técnica e financeira dos empresários como á dimensão das explorações que devem, em cada região, tender para o mínimo adequado ao tipo de actividade agrícola a que se destinem. O problema surge, sobretudo, nas zonas de propriedade pulverizada e nas de solos muito pobres. Aqui, quer pela menor preparação técnica e pela menor capacidade financeira dos empresários, quer pela insuficiente dimensão das explorações, pouco se poderá fazer se não tiver êxito a campanha destinada a esclarecer os empresários sobre a necessidade instante de se associarem para o amanho, em comum, das suas propriedades. O problema da dimensão da «exploração» poderá, assim, ser resolvido, consoante os casos, tanto pelo emparcelamento da terra como pela simples associação dos seus proprietários. Não temos, a este respeito, nenhuma posição tomada: tudo pode servir, desde o emparcelamento e a simples solução de dois ou três vizinhos que se juntem, até ás diversas formas de agricultura de grupo, sempre enquadrados no sistema da organização corporativa da Nação.

«Se tivermos em conta que, em breve, a motomecanização quase condicionará os limites da exploração agrícola económicamente viável, outro problema urgente se levanta — o do estudo, em cada zona, das formas de utilização mais rentável dos solos que não consintam a motomecanização, formas que, penso, não serão apenas a só a de actividade florestal.

— Mas todo esse plano é para execução futura e resultados a longo prazo... — observámos.

— Que a reorganização de qualquer sector da economia é tarefa de longo prazo, sem duvida; que a tarefa seja de execução futura, não, porque já começou. Que a totalidade dos resultados só venha a verificar-se ao cabo de muitos anos, é certo, mas isso não impede que parte desses resultados comece a verificar-se a curto prazo — e alguns são já visíveis.

— Ser-lhe-á, com certeza, grato dar um ou dois exemplos a ilustrar a informação que nos acaba de dar...

— Estão constituídas e em começo de funcionamento vinte e duas «Comissões Técnicas Regionais» — tantos são os distritos da Metrópole. O despacho que cria essas Comissões Técnicas e o Conselho dos Directores Gerais foi publicado em 15 de Abril ultimo. Falta apenas ajustar o funcionamento das Comissões que trabalham na Madeira e nos Açores, dadas as características da organização económica destes arquipélagos. Pela primeira vez, as três Secretarias de Estado, que constituem o Ministério da Economia, porão os seus serviços a trabalhar em conjunto, não só no Terreiro do Paço como em cada um dos distritos do País; pela primeira vez, se juntam os técnicos de agricultura, de comércio e de industria para, em ligação com os organismos representativos de todas as actividades económicas regionais, estudar e propor os programas concretos de acção prática, efectiva, em cada região. Trabalhar em comum, em força e em convergência, será o estilo novo e obrigatório pelo qual se pautará a acção de quantos servem o interesse nacional neste Ministério.

«Quer um exemplo de resultados já alcançados? Durante 1965 e no primeiro trimestre do ano corrente, não pudemos assegurar o abastecimento normal de leite a Lisboa, apesar de o Ministro da Economia ter sido forçado a praticar a violência, que tanto lhe custou, de retirar á industria de lacticínios parte do leite que lhe era indispensável para a sua laboração.

«Em 31 de Abril de 1965 publicámos o despacho do Fomento Pecuário, que vem completar e tornar viável, mediante uma política de preços suficientes e outros estímulos financeiros, a campanha de fomento que, no plano técnico, já vinha a ser executada há anos. Dada a gravidade da situação do abastecimento a Lisboa, começámos por concentrar a acção na região da Beira Litoral; e, ao cabo de um ano, podemos afirmar estar assegurado o abastecimento de Lisboa em leite de qualidade. Sem prejuízo do desenvolvimento de acção em todas as regiões, nomeadamente na zona de Entre Douro e Minho, iremos dedicar especial cuidado ao fomento da produção leiteira nas zonas do centro e sul do País, com vista a, tão cedo quanto possível, libertar as restrições impostas ao abastecimento da industria localizada na região da Beira Litoral, assegurando ao mesmo tempo o abastecimento de Lisboa e dos centros de consumo do Sul, nomeadamente na zona turística do Algarve.

«Quer outro exemplo? Lisboa era abastecida, quase exclusivamente, por carne congelada; a carne fresca era reservada aos que tinham dinheiro e automóvel para a ir comprar nos talhos dos concelhos limítrofes, a preços de verdadeira especulação. Corrigidas as tabelas de carne fresca que já ninguém respeitava (a carne congelada mantém-se sem qualquer alteração de preço) e alterados os sistemas de comercialização no sentido da liberdade de auto-abastecimento dos talhos, toda a população de Lisboa passou a ser abastecida de carne fresca e o seu matadouro, o melhor do País e muito bom em qualquer parte, abateu, no período de Maio de 1965 a Abril de 1966, 41 825 reses contra apenas 8663 reses nos doze meses anteriores.

— V. Ex.ª não pode ter ilusão de que bastará definir orientação regional com base no trabalho das Comissões Técnicas para que logo a lavoura se ponha a cumprir os programas. Portanto, de que meios de acção ou de coacção irá o Governo servir-se para realizar a transformação que o sr. ministro anuncia?

## Os meios de acção destinados a orientar o desenvolvimento agrícola

— E' evidente não bastar a definição de programas nacionais e regionais de produção, nos quais, aliás, importa incluir a produção prioritária dos géneros alimentares que mais escasseiam no mercado e provocam a subida do custo de vida. Estão neste caso a fruta, os legumes e produtos horticolas.

E, com segurança, expôs:

**— Vou indicar-lhe os meios de acção que o Ministério pensa utilizar para conduzir a lavoura no sentido que lhe apontei.**

**1) As acções das três Secretarias de Estado e, dentro destas, dos serviços que as constituem — serviços centrais, regionais, organismos de coordenação económica — passarão a obedecer a uma coordenação tão perfeita quanto ela é possível em Portugal e dirigir-se-ão no sentido da execução dos programas e orientação que, ao Ministério da Economia, caiba definir ou executar, através do seu Conselho de Directores Gerais e das Comissões Técnicas Regionais;**

**2) As capacidades de assistência técnica e de apoio financeiro, próprias dos vários serviços do Ministério e, até há pouco, utilizadas independentemente, passarão também a ser coordenadas, actuando em perfeita convergência. Essa capacidade de apoio técnico e financeiro do Ministério será repartida pelas várias regiões do país, consoante as necessidades e características destas regiões, e será concentrada nas actuações que mais possam contribuir para a boa e rápida execução dos programas de reconversão e aumento da produção. Os apoios técnicos e financeiros dos vários serviços, além de coordenados, serão prestados prioritàriamente aos empresários agrícolas que, tendo aderido aos programas de reorganização das explorações e de reordenamento cultural, requeiram esses apoios para execução dos programas.**

**Dentro desta orientação, será, por exemplo, em regiões de propriedade pulverizada, dada prioridade á satisfação das necessidades técnicas e financeiras das associações de produtores, já constituídas e a constituir, assim como poderá ser negado apoio aos empresários de explorações que pela sua dimensão e demais características não possam tirar proveito suficiente do auxílio que requerem e não queiram colaborar nas soluções destinadas a valorizar as suas próprias explorações.**

**3) O Ministério da Economia procurará formular uma política de preços global que, pelo seu nível e pelas garantias dadas ao escoamento de algumas produções fundamentais a preços que garantam o mínimo suficiente de cobertura dos custos de produção, promova uma melhoria progressiva da segurança e da rentabilidade das explorações agrícolas, organizadas em condições técnica e económicamente viáveis, e estimule o investimento nestas explorações.**

**«Esta política será conduzida em termos de firmeza mas de flexibilidade, de modo a manter, na posição conveniente e justa, o «leque» entre os preços agrícolas, por definição instáveis, e os preços não agrícolas, geralmente mais estáveis.**

**«A política global desdobrar-se-á, necessàriamente, em políticas sectoriais de preços, mas estas devem não só impedir que se agravem os desequilíbrios intersectoriais, que hoje se verificam, como devem também corrigir esses mesmos desequilíbrios. Este objectivo leva a admitir o estabelecimento de preços para um mesmo produto, diferentes, de região para região, nos casos em que for possível controlar a produção e a circulação de certos produtos fundamentais á estratégia do desenvolvimento agrícola. Poderá ser este, por exemplo, o caso da vinha, em que nos convém promover e estimular, por um lado, a diminuição da área do seu plantio em solos que devem ser utilizados em outras culturas de rendimento maior e mais seguro do que ela oferece quando se examinam as suas perspectivas futuras e, por outro lado, desenvolver a sua cultura, para vinho de qualidade e uvas de mesa, em terras que para tanto tenham aptidão.**

**«Para produtos com influência vincada no desenvolvimento da produção agrícola e da sua reorganização, os preços poderão ser constituídos por dois elementos: o preço base — que procurará ser de fomento, quando medido em função de uma produtividade razoável, que a lavoura se deve esforçar por atingir — e um diferencial para reconversão. Este diferencial tem a natureza de um auxílio financeiro, para autofinanciamento, e será concedido, apenas, aos produtores que enveredaram já, ou se disponham a executar, os programas de reorganização e reordenamento cultural, definidos para a sua região. Estes diferenciais para reconversão tanto podem ser concedidos, directa e individualmente, ao produtor, como atribuídos, globalmente, á produção de uma região, para investimento em obras de interesse comum e de rápida reprodutividade.**

**«Admitimos, ainda, que, ao preço base, se some um terceiro elemento: diferencial de correcção do preço, em função da produção anual. Tem ele como objectivo ajudar a lavoura a suportar as grandes variações da produção global que, por força de condições indomináveis, como o clima, atingem, particularmente, certas zonas onde domina ainda a monocultura.**

**«O regime cerealífero, publicado em 15 de Outubro de 1965, e que vigorará durante cinco anos, contém todas estas hipóteses e penso que ele demonstra possibilidade de conduzirmos uma política de preços que, simultaneamente, vise resolver os problemas de conjuntura e de estrutura.**

**4) A ultima arma — e os ultimos são os primeiros — a utilizar para a reorganização da agricultura será a concessão de crédito á lavoura, condicionado a essa mesma reorganização. E, quando falo em crédito condicionado, não estou a pensar só na necessidade de evitar que o proprietário desvie para fins não produtivos o «crédito especial» que obtenha para investimento na sua exploração; tenho, ainda, em vista a fiscalização desse crédito, de modo que ele não seja utilizado em obras desnecessárias ou sumptuárias nem em ordenamentos culturais e técnicas de produção que não conduzam á maior rentabilidade e ao mais rápido acréscimo das produções que, por faltarem nos mercados, são responsáveis pelo aumento dos preços.**

## O problema da concessão de créditos à agricultura

Estávamos tentados a interromper a exposição do ministro com esta pergunta: na conjuntura de perturbação do mercado financeiro, como vai o Governo resolver o problema do crédito á agricultura? Entretanto, as ultimas considerações do sr. dr. Corrêa de Oliveira sugerem outra questão:

— Sendo certamente o património dos empresários agrícolas que responderá pelo crédito que obtêm,

(Continua na página seguinte)

Ao pretender adquirir um carro novo não deve tomar decisões às cegas sem primeiro experimentá-lo. Estamos inteiramente e com prazer ao seu dispor para esse efeito, proporcionando-lhe uma demonstração.

CONCESSIONÁRIOS

GM PORTUGAL

VAUXHALL

101-S

Um carro equilibrado e seguro. Poder de flexibilidade do motor. Excelente comportamento na estrada. À opção, pode ser também agora equipado com motor DIESEL.

LICAR

AV. CASAL RIBEIRO, 48-A e 48-C

TELEFONES: P P C 53712 2/3/4

# «Se aceito a necessidade da correcção de certos preços agrícolas o Ministério da Economia fará quanto estiver ao seu alcance para reduzir, a proporções aceitáveis, a repercussão no consumidor dos aumentos consentidos à produção» — diz-nos o sr. dr. Corrêa de Oliveira

(Continuação da pagina anterior

em que se fundamenta a intenção que o sr. ministro revela de «condicionar» e «fiscalizar» esse crédito?

O titular da pasta da Economia aceita a interrupção e, reconhecendo o interesse da questão, responde-nos:

— *Não vou discutir agora, se os detentores de potenciais de riqueza terão o direito de destruir ou aproveitar mal esses patrimónios, que são fonte do progresso económico e social do País e condições de viabilidade de uma política nacional independente. Estava a referir-me, só, á hipótese de um «crédito especial» para fomento da actividade agrícola, ou seja, um volume adicional de crédito que a maioria dos empresários agrícolas não poderá obter pelos seus meios próprios. Ora, se o Estado, directa ou indirectamente, faculta esse crédito, não pode ser discutido o direito que tem de condicionar a sua utilização á realização dos fins que determinaram a sua intervenção.*

«*Sem duvida que os capitais escasseiam em todo o Mundo e o seu preço sobe a ritmo assustador; certo é, também que, em toda a parte e não só em Portugal, os investidores se dirigem mais frequentemente para outros sectores da actividade económica que não o da agricultura.*

«*Reconheço, por isso, a pertinência e a dificuldade da sua pergunta. Reconheço, também que, no nosso caso, o ritmo de aumento da produção agrícola e o êxito duma política de estabilidade dinamica dos preços, em clima de expansão da economia, depende, em parte considerável, do volume de capital que pudermos dirigir para a agricultura. Não penso, de resto, estar em causa a necessidade imediata de volumes enormes de capital, uma vez que o ritmo da sua utilização, efectiva e prudente, é necessáriamente limitado pelas disponibilidades em homens, quer do sector publico quer do privado, para o planeamento e para a acção.*

O sr. dr. Corrêa de Oliveira esclarece:

**— O problema só encontrará o seu enquadramento correcto quando for reorganizado o crédito agrícola. Penso, no entanto, que o Ministério da Economia pode melhorar e alargar a sua capacidade, actual de apoio financeiro á lavoura, que é já considerável.**

**«Partirei de duas hipóteses de base: como actividade económica que é, a lavoura, para se desenvolver, precisa menos de subsídios do que de crédito, concedido em condições adequadas de juro e de prazo: o dinheiro só, no geral, é bem utilizado quando custa esforço e cria responsabilidades áquele que o recebe. A segunda hipótese supõe que as instituições bancárias considerarão, mais favoràvelmente, o crédito á agricultura, quando souberem que ele será utilizado em investimentos préviamente concertados entre o Estado e os empresários e para cuja rentabilidade se procura dar as garantias possíveis.**

**«Como sabe, o Ministério das Finanças, quer a título dos Planos de Fomento quer não, inscreve anualmente dotações para o Fundo de Melhoramentos Agrícolas, Fundo de Fomento Florestal e Campanha de Fomento Pecuário. Tem sido, no entanto, a partir do ano findo, o Fundo de Abastecimento a fonte maior de reforço do potencial destes Fundos. Até aqui, a regra geral tem sido a de que os limites de subsídios e empréstimos á lavoura se definem, anualmente, pelas dotações que os Fundos recebem, acrescidos dos seus rendimentos próprios. Ora o Ministério da Economia estuda, neste momento, a viabilidade de acordar com a Banca Nacional, um sistema de «plafonds» anuais de crédito, a conceder á lavoura, a curto, a médio e a longo prazo, apenas para os investimentos estudados e aprovados pelos serviços competentes. Esses créditos, que vencerão naturalmente os juros correntes no mercado de capitais, serão garantidos pelo património dos empresários, ou das suas associações e organizações e, subsidiàriamente, pelos Fundos referidos. As receitas anuais destes serão destinadas, parte para constituir uma reserva de garantia dos empréstimos e, parte, para compensar os encargos resultantes da diferença entre o juro do dinheiro no mercado de capitais e as condições mais favoráveis de juro e de amortização que o Ministério entenda dever conceder para estimular determinados investimentos. Penso que, por esta via, poderemos alargar consideràvelmente o apoio financeiro á reorganização agrícola.**

E prosseguindo:

**— Por outro lado, todo o capital que se dirija, sem objectivos de domínio ou de usura, ao investimento, nas actividades agrícola e florestal e na industrialização das produções delas provenientes, será bem-vindo e será sempre pouco. Não poderá, no entanto, ser esquecido que esse investimento deve ter por objectivo dominante a valorização das produções agrícolas e florestais.**

**«A lavoura tem, a este respeito, forte receio da presença de capitais industriais pelos efeitos de domínio que estes possam exercer sobre ela. E casos há em que tem fundamento esse receio. Importa, por isso, procurar as soluções que, não afastando a contribuição que os capitais industriais devem oferecer ao desenvolvimento do sector agrícola-florestal, assegure o justo equilíbrio dos interesses em presença.**

Insistimos:

— Sr. ministro, a nossa ultima pergunta traduz um certo receio; uma vez que, se posso resumir o seu pensamento, a alta de preços resulta de uma escassez da oferta de produtos, sobretudo alimentares, e por isso a solução para V. Ex.ª não está em diminuir a procura mas em aumentar a oferta e, sendo para tal necessário, elevar certos preços á produção, isso significa que o consumidor irá suportar imediatamente esses aumentos?

## Política de preços fundada numa estabilidade dinâmica

O ministro responde logo:

— *Tendo que se integrar num pensamento de política económica global, como variável estratégia fundamental dessa orientação, a política de preços não poderá ser dirigida só ao consumidor, deverá também, ser fomentadora das produções que mais convenha estimular. Procurará, assim, o equilíbrio entre os interesses da produção e do consumo, verdadeiramente opostos na aparência mas não na realidade.*

**«Penso, por outro lado, que não se pode no plano financeiro, e não se deve no plano económico, continuar, em matéria de preços, uma actuação que se oriente pela compartimentação e pela rigidez. Uma política sectorial, em busca de um equilíbrio estático do nível geral de preços, só pode conduzir a distorções na economia, atrofiando determinados sectores, hiperdesenvolvendo outros e originando, em consequência, tanto factores de quebra do processo de crescimento harmónico, como o agravamento de problemas de estrutura, há muito existentes e que, até por essa razão, precisamos de solucionar quanto antes. Deverá, por isso, em meu entender, executar-se uma política de preços fundada num critério de estabilidade dinamica, que o mesmo é dizer: dentro da estabilidade relativa deverá a rigidez dos preços ser substituída pela sua flexibilidade.**

**«E' neste quadro de pensamento que deverá procurar a resposta á pergunta que me fez. Poderei acrescentar, no entanto, que se aceito a necessidade de correcção de certos preços agrícolas, o Ministério da Economia fará quanto estiver ao seu alcance para reduzir, a proporções aceitáveis, a repercussão, no consumidor, dos aumentos de preços consentidos á produção. Com este objectivo, utilizaremos o potencial do mecanismo de compensação de preços; procuraremos melhorar, na medida das disponibilidades orçamentais, a eficiência do serviço de combate á especulação; iremos corrigir, tão rápido quanto possível, os principais circuitos de distribuição.**

A propósito, o nosso entrevistado fornece-nos uma notícia:

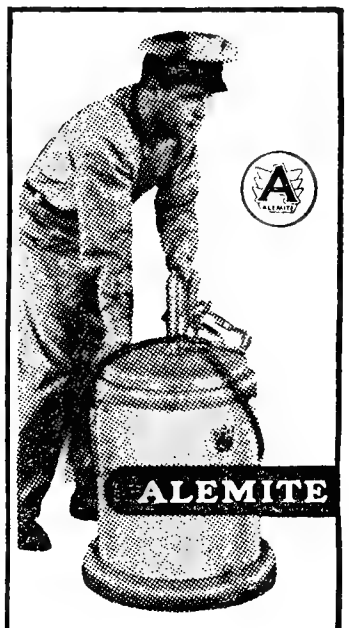
— Quanto a este ultimo e tão instante problema, queria informá-lo de que, em breve, será posto em prática, a título experimental, um novo sistema de comercialização e abastecimento de peixe, não só nas grandes cidades de Lisboa e Porto como no interior do País; o plano da rede polivalente de armazenagem de produtos, pelo frio e sem ele, estará pronto em Novembro; outros aspectos do problema estão a chegar á fase final do seu estudo.

«Não podemos, no entanto, esquecer que a correcção dos circuitos de distribuição levanta problemas delicados e de solução difícil, como por exemplo o das receitas que os municípios cobram sobre a preparação, fiscalização e comercialização de certos produtos alimentares.

Depois de abordar, assim, numerosos aspectos dos múltiplos problemas que se suscitam no ambito do departamento que se encontra sob a sua superior orientação — e que correspondem a muitas preocupações manifestadas nos mais variados sectores da população portuguesa — o sr. dr. Corrêa de Oliveira dá por finda a entrevista, com estas considerações:

**— Por outro lado, essa correcção requer uma adesão plena dos produtores e dos consumidores á execução dos novos esquemas que, na fase inicial, podem causar algumas perturbações. E, aqui, sou bastante céptico: todos, em casa ou no café, clamam contra o Governo, que não acaba com os intermediários e não mata os especuladores; raros, chegada a hora de acção, colaboram com os serviços que os querem proteger.**

**«Os órgãos de informação farão mais uma obra de mérito nacional se ajudarem a manter, bem presente, na consciência de todos, que nesta hora, tão grande, que o País vive, a manutenção da estabilidade financeira interna é, acima de tudo, condição base da continuidade do esforço de defesa da Nação.**




MATERIAL DE LUBRIFICAÇÃO

★

EQUIPAMENTOS COMPLETOS PARA UMA MODERNA ESTAÇÃO DE SERVIÇO

★

OS MOTORES PNEUMÁTICOS DAS BOMBAS DE LUBRIFICAÇÃO SÃO GARANTIDOS POR VINTE SETE MESES

★

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

AUTO-LUSITANIA

AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

# Grandiosos planos
## de aproveitamento do rio Zambeze
### estão a ser elaborados por técnicos portugueses, rodesianos e sul-africanos

Segundo referiram alguns jornais sul-africanos e moçambicanos, uma comissão formada por técnicos portugueses, rodesianos e sul-africanos está a elaborar, em Lisboa, os planos de aproveitamento de toda a região de Cabora Bassa, no vale do rio Zambeze. Tal aproveitamento — que seria de vital importancia, quer para Moçambique, quer para a Rodésia e para a África do Sul — consistiria fundamentalmente no seguinte:

— Construção de uma enorme central hidroeléctrica com capacidade para fornecer 26 milhões de quilovátios-hora, suficientes para prover as necessidades de toda a região e, se necessário, exportar para aqueles dois territórios.

— Instalação na região de um milhão de colonos, na maioria idos da Metrópole.

— Estabelecimento de uma rede fluvial navegável por navios de pequeno e médio calados, que deste modo poderão penetrar centenas de quilómetros para o interior de Moçambique

— Exploração do ferro, carvão, titânio e ouro existentes naquela região.

— Produção de açucar e arroz suficientes para cobrir todo o consumo de Moçambique, Angola e Metrópole.

— Exploração das riquíssimas regiões mineiras da Rodésia, actualmente inacessíveis.

#### O maior lago artificial do Mundo

A represa de Cabara-Bassa, a cerca de 240 quilómetros de Tete, deve estar concluída em 1970 e custará mais de dois milhões de contos, para cujo financiamento contribuirão consideráveis investimentos de origem sul-africana.

A barragem, com 36 metros de altura, deterá as águas do Zambeze, dando origem a um dos maiores lagos artificais do Mundo, sendo da ordem do de Assuão, no Egipto.

O total aproveitamento do conjunto orçará em mais de 5 milhões de contos. Supõe-se que esse investimento será fácilmente recuperável, tanto mais que foram recentemente asinaladas jazidas de ouro naquela região — até agora inóspita. Será necessário, entretanto, o acordo da Zambia e do Sudoeste Africano, pois que o Zambeze atravessa também estes dois países.

A fase final da elaboração geral do projecto — que se iniciou há nove anos — consistirá na construção de uma «maquette» monumental, com 90 metros de largo e 9 quilómetros e meio de comprimento!

## Uma publicação útil do Gabinete de Estudos da Corporação do Comércio

O Gabinete de Estudos da Corporação do Comércio publicou um trabalho sobre «A relevância do comércio na tributação», em que se aprecia a participação das actividades comerciais na cobrança dos impostos, directos e indirectos, sendo objecto do capítulo que antecede as conclusões uma larga referência aos outros encargos dos comerciantes. Analisa, assim, a participação do comércio para o Fundo de Desemprego, Imposto de Comércio e Industria, Previdência e as quotizações para os organismos corporativos.

No que respeita á tributação directa, salienta a liquidação e cobrança da contribuição industrial, nela destacando, como é natural, a que deriva do exercício da actividade mercantil.

Em anexo dá-se notícia pormenorizada dos numeros relativos ás contribuições pagas pelos comerciantes, mostrando-se a efectiva relevância económica do comércio no aspecto fiscal e parafiscal.

É este o terceiro trabalho publicado no corrente ano pelo Gabinete de Estudos da Corporação do Comércio, ficando a dever-se a esta Corporação mais este importante contributo para o conhecimento da importância da actividade comercial, agora no domínio da sua participação na cobrança dos impostos.

## Navio americano no porto de Lisboa

Entrou esta manhã no Tejo, em visita de rotina, o navio norte-americano de reparação de cabos submarinos «Aeolus».

O «Aeolus», que navega sob o comando do comandante Howard C. Wellsman, permanecerá no porto de Lisboa até á próxima segunda-feira.


HOJE — NOITE DOS MILIONÁRIOS — HOJE

A FEIRA POPULAR de LISBOA

(A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»)

ONDE TODOS OS VISITANTES PODERÃO FICAR HABILITADOS A MAGNÍFICOS PRÉMIOS E A INTERESSANTES SURPRESAS

MEIAS LIBRAS OURO

SER-LHE-ÃO OFERECIDAS SE A SORTE O AJUDAR

MAIS 1.000$00 SERÃO DADOS E COM A SUA ENTREGA ELÆITO TAMBÉM O — SENHOR MILIONÁRIO

Apurado de forma inédita onde a sorte será jurí!

AS 23.45 HORAS

Sorteio de cinco uteis e interessantes prémios ao qual ficam habilitados todos os visitantes que adquiram bilhetes de entrada no recinto, até ás 23.30 horas

1.º, UM ELEGANTE TELEVISOR — 2.º, UM APARELHO DE RÁDIO — 3.º, UMA ÚTIL BALANÇA — 4.º, UM FERRO ELÉCTRICO — 5.º, VINTE MELODIOSOS DISCOS

Este sorteio tem o patrocínio da categorizada organização EXCLUSIVOS ELÉCTRICOS, LIMITADA

A firma das grandes marcas

VENHA Á FEIRA E TRAGA A FAMÍLIA Á NOITE DOS MILIONÁRIOS

ALEGRIA! PRÉMIOS! DISTRACÇÃO!

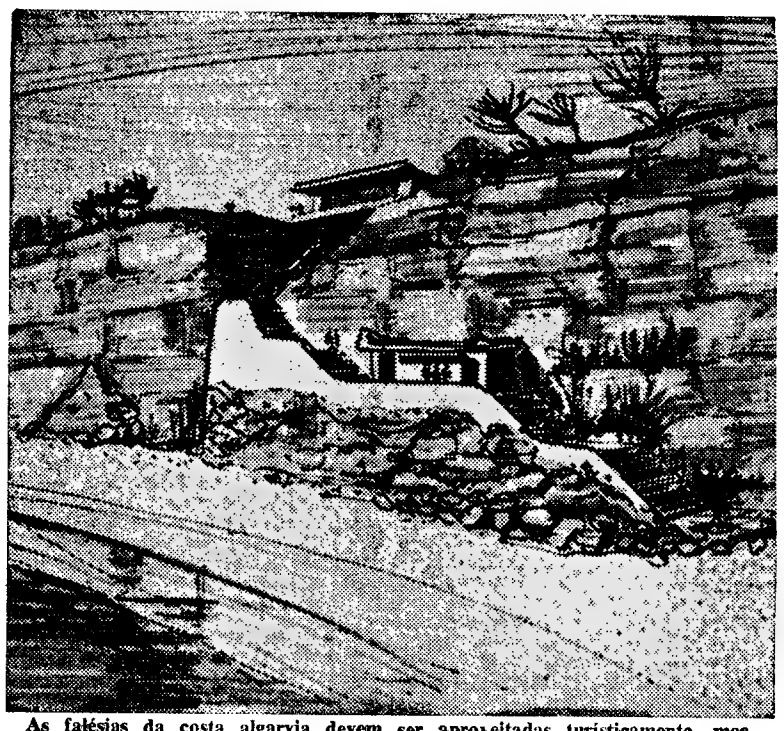
VISITE A EXPOSIÇÃO DOS PRÉMIOS OFERECIDOS POR EXCLUSIVOS ELÉCTRICOS, LDA.

E VOTE NO PASSATEMPO — A VOLTA VISTA DA FEIRA

ETAPA: CURIA - GUARDA

OS PRÉMIOS SÃO BONS! O VOTO É GRÁTIS

ABERTURA ÀS 19 HORAS

As falésias da costa algarvia devem ser aproveitadas turísticamente, mas sem destruir a natureza...

A HORA DO ALGARVE — 1

# Estão concluídos os primeiros estudos de quatro novos centros turísticos
## • Meia Praia (Lagos)
## • Alvor (Portimão)
## • Armação de Pera
## • Manta Rota (Vila Real de Santo António)

**O Algarve está, decididamente, destinado a transformar-se numa zona eminentemente turística, por ventura a mais importante e concentrada do País. É um destino para que o impelem, irresistívelmente, o seu privilegiado clima, as suas belezas naturais, as suas inigualáveis praias e falésias.**

**É uma espécie de compensação da História.**

**Na ponta de Sagres nasceu o desejo de conhecer mundos... Agora, em todos os pontos do Mundo nasce o desejo de conhecer o Algarve.**

**Acontece, porém, que uma bela costa, de clima ideal, abrigada dos ventos, mergulhada num mar morno e dotada de caprichosos recortes, pode ser — como é — forte motivo de atracção turística, mas não será uma autêntica zona de turismo desde que não disponha de um equipamento capaz de albergar, manter, distrair e possibilitar todas as complexas exigências de comodidade e distracções que o turista moderno pretende encontrar.**

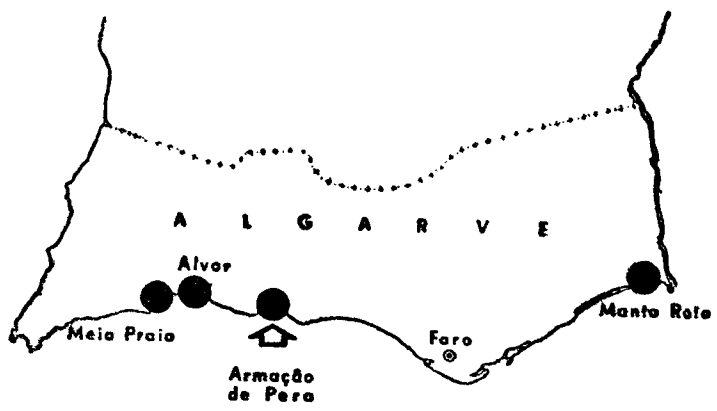
**Por outro lado, é preciso que, ao proceder ao necessário equipamento turístico, o Algarve não deixe de ser ele mesmo, não se deixe destruir, pois, de contrário, correria graves riscos e lamentáveis mutilações, desaparecendo muito daquilo que o impelira para o turismo...**

**Conciliar estes dois aspectos aparentemente inconciliáveis — a defesa do carácter da região e da Natureza e a construção de um complexo sistema de apetrechamento turístico — é precisamente uma das tarefas que se impõe no Algarve...**

**Já se cometeram erros, havendo, por isso, que orientar as iniciativas, oficiais ou privadas, dentro de um plano racional e harmónico, de molde que o Algarve possa corresponder, cada vez melhor, á corrente crescente de turistas e aos objectivos de aproveitamento económico — preservando-o, sem hesitação, dos oportunismos e dos desconchavos a que estaria sujeito se não fossem tomadas as necessárias precauções.**

**É necessário promover o progresso turístico do Algarve e, simultaneamente, defendê-lo do que possa comprometer a sua verdadeira expressão.**

**Nesse sentido, as entidades oficiais competentes decidiram que se promovesse o estudo de quatro novos centros turísticos algarvios, em zonas particularmente indicadas e inteiramente virgens de iniciativas, o que permitiria gizar, de raiz, planos racionais de aproveitamento e desenvolvimento.**




A localização dos quatro novos centros turísticos do Algarve: Meia Praia, Alvor, Armação de Pera e Manta Rota

**No planeamento regional do Algarve, marcaram-se quatro áreas em que se prevêem grandes concentrações de empreendimntos turísticos. São elas: Meia Praia (Lagos), Alvor (Portimão), Armação de Pera e Manta Rota (Vila Real de Santo António).**

**Da primeira fase dos estudos, para cada uma daquelas áreas, foi encarregado um urbanista. As directrizes da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização para os planos sub-regionais dessas quatro áreas pretendem estruturar e disciplinar a expansão urbano-turística, procurando que se não destrua ou prejudique o que distingue a região algarvia e lhe confere carácter próprio. Por isso se propõe a defesa e valorização da paisagem rural e urbana e a defesa panoramica da orla marítima.**

**Simultaneamente com a elaboração dos planos das referidas quatro sub-regiões, procurou aquela Direcção-Geral a execução do plano de ordenação agrária regional e o estudo paisagístico de todo o Algarve; a catalogação e classificação dos imóvis e dos conjuntos urbanos a preservar e, eventualmente, a beneficiar, bem como a elaboração de um anteplano da zona marginal do Algarve.**

**Os estudos prévios dos quatro novos centros turísticos estão concluídos e foram, recentemente, entregues na Direcção-Geral de Urbanização.**

**A SEGUIR:**

**«O critério seguido para o estudo do novo centro turístico de Armação de Pera» — entrevista com o arquitecto urbanista Manuel Norberto Corrêa.**


ZEBÚ

CONFIE NA

Ourivesaria da GUIA

FUNDADA EM 1870

COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA

RUA D DUARTE 4 B
(Edifício do Hotel Mundial)


# Começaram os exames do XXXI Curso da Faculdade de Letras

Em duas salas da Faculdade de Letras de Lisboa começaram, hoje, os exames finais do XXXI Curso de Férias. Para um total de 239 alunos inscritos, candidataram-se a exame nos três cursos 122, o que representa uma percentagem de mais de cinquenta por cento. Os totais parciais, por cursos de dificuldade progressiva, são os seguintes: Português Elementar — 4, Português Complementar — 82, e Português Superior — 36. Verifica-se uma afluência considerável no curso de Português Complementar, que engloba os estrangeiros com medianos conhecimentos da nossa língua. Os principiantes, cuja percentagem foi ínfima no acto de inscrição inicial, não mostraram grande interesse pelo diploma. Quanto aos alunos do curso de Português Superior, excederam toda a expectativa na inscrição inicial e na inscrição para o exame final.

O exam
crita para
sos e duas
e uma pr
mentar ob
uma propi
as provas
do, análise
sação. A
diploma d
as dificul
mentos d
tar, noçõe
e de Hist
guesa. Fi
perior obt
mento de
e a prest
e orais) s
Filologia
Portugues
bre Camõ
Hernani C
tugal, com
tória da A
são Portu
Muitos d
ros, e teri
seu aprov
geral, todo
tuto de Al
Calouste
universida
geiras) co
nos cursos
mentar e
ções finais
numero de
a suas ex
blinhar.
O contin
alemão oci
mes como
dizado nos
tes («Dolm
seu país, o
está instal
xo á Unive

ONDE

*Alguns*
*Hotel de T*
*nifestaram*
*ao mostei*
*outros mon*
*curou a di*
*um guia p*
*ristas, soc*
*meios. Nem*
*Sindicato d*
*agência de*
*diligências*
*um guia, p*
*andavam ta*
*ser já tard*
*Por fim, a*
*melhor das*
*o seu recep*
*ge Ivo Sil*
*franceses n*

## Inicia

A Camar
tomou a fe
lar sinaliza
mento dos
marginal, e
com a Rua
de um mel
bui grander
segurança
onde se re
cia desastr
gravidade.
própria Jun
das, á qual
de semáforo
pode levá-la
carecem igu
zados, segui
nicípio de
de certo mo
sito e ev
perda de v
riais de tod


NA S

NÃO P
PAGA

RUA

## a os exames finais XXI Curso de Férias de de Letras de Lisboa

culdade de
aram, hoje,
XXI Curso
tal de 239
ntaram-se a
122, o que
ntagem de
cento. Os
rsos de di-
são os se-
entar — 4,
r — 82, e
36. Verifi-
onsiderável
Complemen-
strangeiros
mentos da
antes, cuja
no acto
mostraram
diploma.
rso de Por-
am toda a
inicial e
ame final.

O exame inclui uma prova escrita para os dois primeiros cursos e duas para o curso superior, e uma prova oral. O diploma elementar obrigou ao pagamento de uma propina de 150$00, constando as provas (escrita e oral) de ditado, análise de um texto e conversação. A propina aumenta para o diploma complementar (200$00) e as dificuldades também: conhecimentos de Português Complementar, noções de História de Portugal e de História da Literatura Portuguesa. Finalmente, o diploma superior obtem-se mediante o pagamento de uma propina de 250$00 e a prestação de provas (escritas e orais) sobre Português Superior, Filologia Portuguesa, Literatura Portuguesa, incluindo o Curso sobre Camões, leccionado pelo prof. Hernani Cidade, e História de Portugal, com as subalíneas de História da Arte e História da Expansão Portuguesa no Mundo.

Muitos dos candidatos são bolseiros, e terão de justificar agora o seu aproveitamento. Como regra geral, todos os bolseiros (do Instituto de Alta Cultura, da Fundação Calouste Gulbenkian e de várias universidades e instituições estrangeiras) compareceram a exame, nos cursos de Português Complementar e Superior. Mas as inscrições finais contaram com grande numero de estudantes matriculados a suas expensas, o que é de sublinhar.

O contingente mais numeroso, o alemão ocidental, encara estes exames como complemento do aprendizado nos Institutos de Intérpretes («Dolmetscher Instituten») do seu país, o mais célebre dos quais está instalado em Heidelberg, anexo á Universidade.

## ...dos ...cos

s estudos,
áreas, foi
ta. As di-
Geral dos
para os
sas quatro
rar e dis-
bano-turís-
não des-
que distin-
he confere
so se pro-
ão da pai-
a defesa
ítima.
a elabora-
ridas qua-
ou aquela
ão do pla-
a regional
de todo o
e classifi-
conjuntos
eventual-
n como a
eplano da
ve.
os quatro
estão con-

...to Rolo

a Praia,

mente, en-
al de Ur-

o para
tro turís-
Pera» —
arquitecto
Norberto


...NOS,
...ROSA

Artur Garcia, justamente orgulhoso, exibe a «Margarida de ouro» que conquistou em Aranda del Duero

# Foi paquete num escritório

## (a 300$00 por mês)

## o vencedor do VII Festival de Aranda del Duero

**O MAIOR INIMIGO DE ARTUR GARCIA FOI A MÁQUINA PUBLICITÁRIA ESPANHOLA**

A clamorosa vitória portuguesa no VII Festival da Canção de Aranda del Duero levou-nos a procurar ouvir o intérprete de «A dança do mundo», Artur Garcia, cuja ascensão meteórica no mundo da canção o tornou tão célebre, no país vizinho, como Gina Lollobrigida, que ali está a filmar. «A dança do mundo», um «surf» da autoria de Carlos Canelhas e António Antão, não provocou celeuma porque poucas duvidas havia sobre os seus méritos. No dia seguinte á atribuição do prémio já Artur Garcia figurava na contracapa do «Arriba». Com o seu talento pessoal ajudara a melodia de Canelhas e Antão a conquistar a «Margarida de Ouro».

A história de «A dança do mundo» é complicada. Uma semana antes do festival o cantor foi contactado pelos autores: tinha que ir a Aranda del Duero! Trauteou a melodia meia duzia de vezes, cuidou do guarda-roupa e meteu-se a caminho com os outros componentes da caravana portuguesa. Só em Aranda ouviu a orquestração do maestro Férrer Trindade. Este «handicap», no entanto, acabou por servir de estímulo. Quando se

(Continua na 22.ª página)

# A necessidade do estreitamento das relações luso-brasileiras salientada pelo dr. Azeredo Perdigão

RIO DE JANEIRO, 11 — (A. N. I.) — Com um programa em que se incluem um almoço com escritores, na livraria José Olympio, visitas á Fundação Getúlio Vargas e á Biblioteca Nacional (onde se inaugura uma exposição de livros raros) e uma reunião na Academia Brasileira de Letras, prossegue hoje o dr. Azeredo Perdigão a visita oficial ao Brasil, a convite do Departamento Cultural e de Informação do Ministério das Relações Exteriores.

A visita teve ontem dois actos de interesse: a «colação» do grau de doutor «honoris causa» pela Universidade Federal do Rio de Janeiro — sendo as insígnias doutorais impostas pelo reitor magnífico Pedro Calmon — e a imposição das insígnias da Ordem do Cruzeiro do Sul ao presidente da Fundação Gulbenkian, a sua esposa, e a três elementos directores da fundação: Robert Pierre Gulbenkian e drs. Nobre de Gusmão e Branquinho da Fonseca.

No discurso que proferiu, na cerimónia da «colação» do grau na Universidade Federal, o dr. Azeredo Perdigão declarou, nomeadamente:

«É esta a segunda vez que uma universidade brasileira me concede o honroso título de seu doutor «honoris causa». A primeira foi em Salvador, no decurso do IV Colóquio Luso-Brasileiro, em 1959».

Mais adiante, o orador salientou:

«Sucede que, forçado por exigências morais e estatutárias, tive de abandonar por completo a advocacia, para me dedicar inteiramente á realização do pensamento de um homem extraordinário, que, ao falecer, deixou a sua grande fortuna a uma instituição que tem por objecto a beneficência, as artes, a educação e a ciência. Refiro-me a Calouste Gulbenkian e á fundação portuguesa que tem o seu nome», acrescentando: «Por consequência, venerandos mestres e generosos confrades, se com a concessão do grau que acabais de me outorgar, vós quisesteis consagrar um advogado, um homem de leis, vós haveis consagrado uma sombra. A consagração, pode dizer-se, é feita a título póstumo». Salientou que aquele acto «pode interpretar-se, sempre sem sentido pessoal, como reconhecimento da obra que a Fundação Calouste Gulbenkian está exercendo em prol do intercâmbio cultural luso-brasileiro».

O sr. dr. Azeredo Perdigão historiou, em seguida, o que tem sido realizado nesse âmbito, após o que fez o elogio da personalidade de Pedro Calmon e salientou a função da Universidade.

Mais adiante, o orador saudou a Universidade brasileira e os seus catedráticos, e terminou agradecendo a distinção que lhe foi concedida.

Pouco depois, no Itamaraty, no almoço oferecido pelo ministro das Relações Exteriores, ao serem-lhe impostas as insígnias da Ordem do Cruzeiro do Sul, o dr. Azeredo Perdigão proferiu um breve discurso, em que reafirmou, dirigindo-se ao dr. Juracy Magalhães, o interesse que, em Portugal, têm as pessoas responsáveis no sentido de que «as relações entre o Brasil e Portugal se estreitem cada vez mais e dêem, de facto, lugar áquilo que, de direito, resulta dos sucessivos tratados e actos internacionais, negociados, assinados e ratificados desde que D. João VI, pelo tratado de 29 de Agosto de 1825, reconheceu a independência do Brasil e a sua separação da coroa de Portugal».

# ONDF COMEÇA E ACABA

## O LIMITE DAS FUNÇÕES DOS GUIAS-INTÉRPRETES

*Alguns franceses instalados no Hotel de Turismo da Ericeira manifestaram o desejo de uma visita ao mosteiro dos Jerónimos e a outros monumentos da capital. Procurou a direcção do hotel arranjar um guia para acompanhar os turistas, socorrendo-se de vários meios. Nem através do S. N. I., do Sindicato dos Intérpretes, de uma agência de viagens, além de outras diligências foi possível conseguir um guia, pois a resposta era que andavam todos em serviço, ou, por ser já tarde, não o podiam enviar. Por fim, a direcção do hotel, na melhor das intenções, encarregou o seu recepcionista, sr. Carlos Jorge Ivo Silva, de acompanhar os franceses nas suas visitas.*

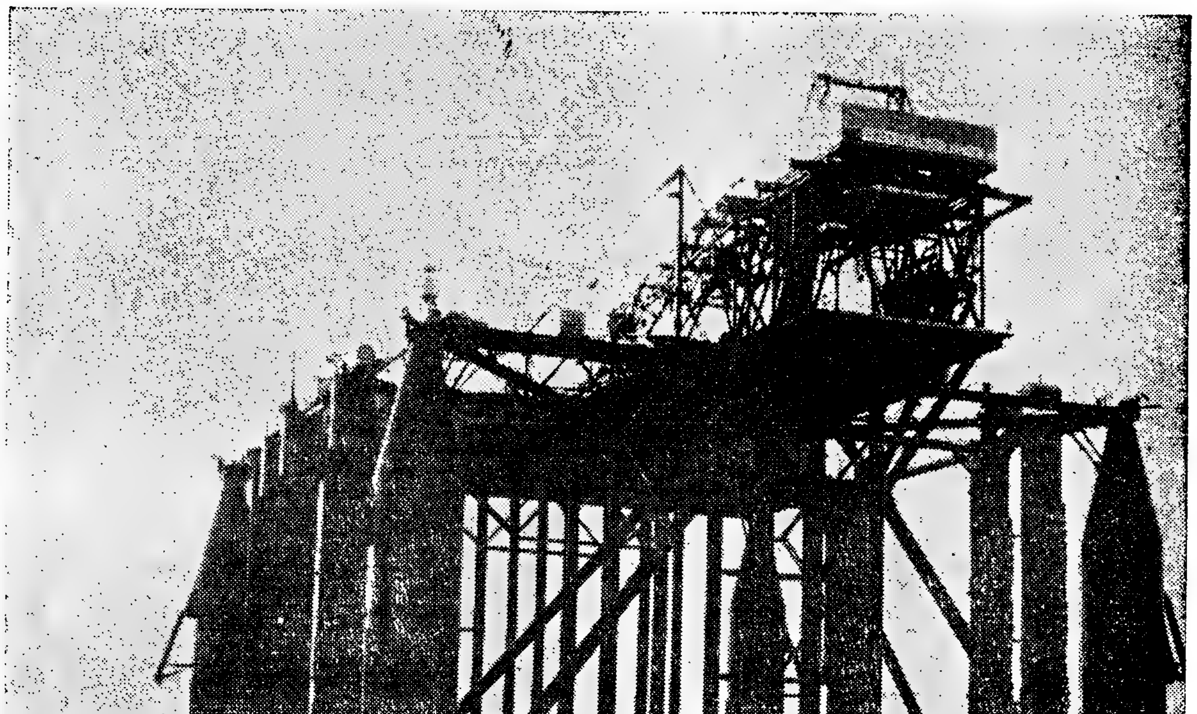
*Uma vez chegados á porta dos Jerónimos, surgiu-lhes o guia sr. Vítor Leite dos Santos, que, segundo parece, já há muito andava alerta relativamente á direcção do referido hotel, e chamou o guarda ali ao serviço da repartição de Turismo e mandou prender o recepcionista, por exercício ilegal da profissão de guia-intérprete. Havendo infracção positiva, o contraventor incorre na pena de quinze a trinta dias de prisão não remíveis.*

*Foi este caso julgado no Tribunal de Polícia, e o magistrado, sr. dr. Bettencourt da Câmara, ouviu o arguido, o participante e as testemunhas de acusação e de defesa, incluindo a representante de uma agência de viagens. Descreveu este as diligências feitas junto das várias entidades oficiais para conseguir intérpretes-guias, começando por relatar as dificuldades em obter as comunicações telefónicas, cujas respostas, recebidas tardiamente, eram negativas: ou não havia intérpretes disponíveis, ou já era muito tarde, e, por isso, impossível de convocá-los, pois, nesta época havia muito serviço. Foi um depoimento bem claro e expressivo.*

*O juiz, que absolveu o arguido, salientou o facto de qualquer pessoa poder acompanhar estrangeiros até á porta dos museus e entregá-los aos guias que aí se encontrem.*

# PESQUISA DE PETRÓLEO em águas portuguesas

**Pela primeira vez, encontram-se agora em curso sondagens submarinas para a pesquisa de petróleo em águas portuguesas. Com efeito, depois de longos trabalhos geofísicos, sísmicos e de sondagens em terra, no enclave de Cabinda, na província de Angola, a Cabinda Golf Oil Company abriu o seu primeiro poço submarino em 10 do mês passado. Para esta primeira operação de sondagem submarina que se fez no espaço português, foi usada uma sonda «Transworld 58», que seguiu da Holanda e que chegou ao seu destino nos princípios de Julho. Demorou três meses a operação de reboque desta sonda, cuja plataforma, tem 74 metros de comprimento, 61,5 m de largura e 39,6 m de altura. Deslocando 6500 toneladas, a plataforma já instalada poderá acomodar a bordo 90 homens**



# Iniciativa feliz

A Camara Municipal de Cascais tomou a feliz iniciativa de instalar sinalização luminosa no cruzamento dos dois ramais da estrada marginal, em S. João do Estoril, com a Rua Florinda Leal. Trata-se de um melhoramento que contribui grandemente para aumentar a segurança do transito num ponto onde se registavam com frequência desastres de maior ou menor gravidade. Se outras camaras e a própria Junta Autónoma de Estradas, á qual competia a instalação de semáforos naquele local e que pode levá-la a efeito noutros que carecem igualmente de ser sinalizados, seguissem o exemplo do Município de Cascais, assegurar-se-ia, de certo modo, a disciplina do transito e evitar-se-iam, porventura, perda de vidas e prejuizos materiais de toda a ordem.

# «MOTOR»

Foi publicado mais um numero, o 142, deste excelente semanário editado por «Publicações Cícero». Mantendo de numero para numero uma apresentação gráfica invulgarmente feliz, «Motor» está atento a todos os problemas do automobilismo nacional e estrangeiro, com especial relevo para o de competição.

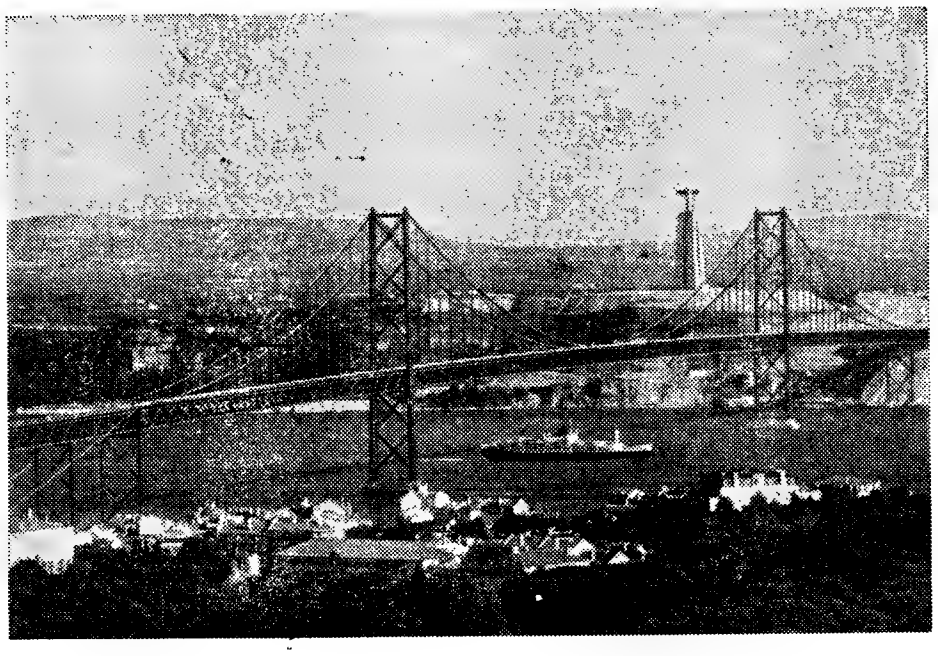
De entre o vasto sumário do n.º 142 destaca-se a reportagem do «Grande Prémio da Alemanha» (Nürburgring), pelo enviado especial José Baptista dos Santos. Outros temas de interesse incluem as reportagens do «Grande Prémio da Finlândia» em motociclismo e do II «Rallye» á Praia de Santa Cruz, uma antevisão do XI Circuito Automóvel do Porto e um oportuno comentário de Ferreira Alves («A ponte sobre o Tejo, o automobilismo e o progresso da Nação»).


NA SAPATARIA ZEBÚ
NÃO PAGA LUXO
PAGA SÓ QUALIDADE
RUA DA ASSUNÇÃO 51

MERGULHÃO
AS MAIS LINDAS PRATAS
Rua de S. Paulo, 162 ● Telef. 30013

ZEBÚ

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto ás pessoas de amizade
GRANDE OURIVESARIA DA MOD
RUA DA PRATA 257

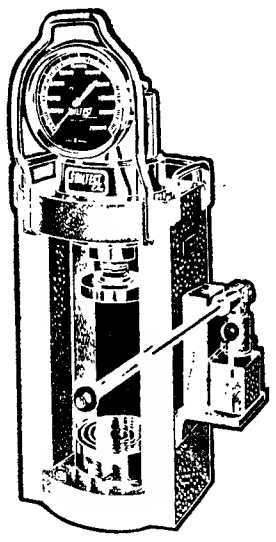


# FAÇA COMO OS TÉCNICOS DA PONTE SOBRE O TEJO

EFECTUE OS SEUS ENSAIOS DE «CONTRÔLE» COM APARELHAGEM

## «SOILTEST»

TERRA-SCOUT



TODOS OS MATERIAIS UTILIZADOS NO MAIOR EMPREENDIMENTO DA ENGENHARIA EM PORTUGAL FORAM ENSAIADOS E RIGOROSAMENTE CONTROLADOS COM APARELHOS DA:

SOILTEST Incorporated

Representantes Exclusivos:

ROLIM COMERCIAL, S.A.R.L.
MÁQUINAS • MOTORES • FERROS — AÇOS • EQUIPAMENTO INDUSTRIAL
LISBOA 2 Largo Vitorino Damasio, 3 Tel. 668173 • PORTO Rua Passos Manuel, 51 Tel. 34633

---

**PIANOS**

**VERTICAIS E DE CAUDA**

ALUGAM-SE

Estabelecimentos

**VALENTIM DE CARVALHO**

**Comércio e Indústria, S. A. R. L.**

95 Rua Nova do Almada 99

LISBOA

---

**EXCURSÃO DA C. P**

DOMINGO, 21 DE AGOSTO

**FESTAS DA SENHORA DA AGONIA EM VIANA DO CASTELO**

LISBOA - VIANA DO CASTELO, E VOLTA em comboio automotor «Foguete» (ar condicionado).

Preço em 1.ª classe: 160$00

Partida da estação de Lisboa (Santa Apolónia), ás 5.40 horas do dia 21, com regresso á mesma estação ás 7.17 horas do dia 22.

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia) na Agência de Viagens da E. G. T. (Rua do Arsenal, 124-1.º) e nos Despachos Centrais do Comércio em Lisboa.

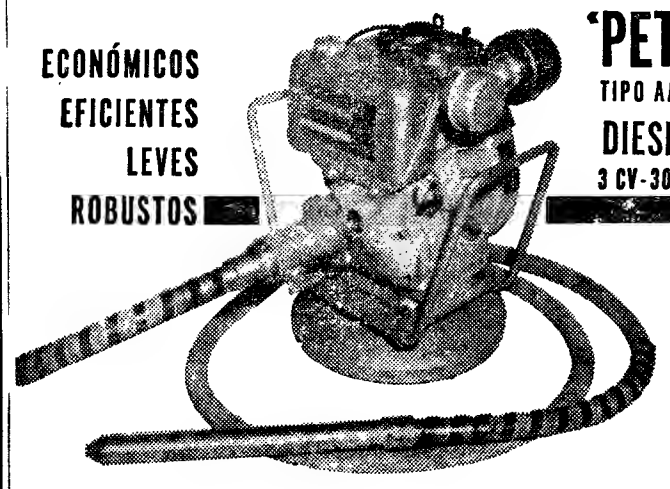
**Em BELVER o «DIÁRIO DE LISBOA» está á venda na AGÊNCIA DO SR. FRANCISCO DA ROSA GRILO CHAMBEL.**

---

# VIBRADORES de BETÃO com o famoso motor 'PETTER'

ECONÓMICOS
EFICIENTES
LEVES
ROBUSTOS

TIPO AA1
DIESEL
3 CV-3000 rpm.



COMETNA COMPANHIA METALÚRGICA NACIONAL S. A. R. L.
SUCESSORA DE ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)
EXPOSIÇÃO E VENDA — Boqueirão do Duro, 38 — TELEFONE 66 1788 — LISBOA

---

CCN companhia colonial de navegação

| PARTIDAS | DESTINOS |
|---|---|

## LINHA DE ÁFRICA

| | |
|---|---|
| «IMPERIO» a sair em 20 de Agosto ás 16 horas | Com escala prévia por LEIXÕES, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. |
| «BENGUELA» a sair em 20 de Agosto | Com escala por LEIXÕES, para: LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 14 a 18 do corrente. |
| «INFANTE D HENRIQUE» a sair em 26 de Agosto ás 12 horas | Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO LOURENÇO MARQUES e BEIRA Carrega de 19 a 23 de Agosto |
| «GANDA» a sair em 31 de Agosto | Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 24 a 29 de Agosto. |

## LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

| | |
|---|---|
| «SANTA MARIA» a sair em 12 de Agosto e 16 de Setembro ás 18 horas | Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAO e PORTO EVERGLADES (MIAMI). |

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 369621/8 — PORTO: Rua Infante D Henrique, 9 — Telef. 23342

---

# FRIGORÍFICOS

QUEM PRECISA PROCURA
QUEM PROCURA ESCOLHE
QUEM ESCOLHE COMPARA
QUEM COMPARA DECIDE-SE

NA GRANDE EXPOSIÇÃO
do Largo de Santa Bárbara, 13-1.º — LISBOA
ONDE SÃO REALMENTE MAIS BARATOS

# Os «Nacionais» de Motonáutica

## despertaram o maior interesse

A ampla e excelente pista que é o estuário do Guadiana voltou a comprovar na tarde de domingo as suas qualidades, oferecendo aos participantes do Campeonato Nacional de Motonáutica, ali realizado, a mansidão e beleza das suas águas e aos milhares de pessoas que se aglomeravam ao longo da Avenida da Republica a oportunidade de assistirem a uma competição de extraordinário nível.

Na tribuna e entre os assistentes viam-se os srs. Raul de Bivar Weinholtz, presidente da Junta Distrital, eng.º Acácio Madeira Pinto, presidente da Comissão Municipal de Turismo, capitão António Rufino Antunes, comandante da 4.ª Companhia da Guarda Fiscal, comandante Luís Pimentel, capitão do Porto, outras individualidades e muitas senhoras.

Todas as provas foram acompanhadas com o maior interesse e entusiasmo pelo publico, que não regateou aplausos não só aos vencedores como aos concorrentes, que a estes deram melhor réplica. Na categoria ET, venceu as duas *mãos* de 8 voltas á pista, no total de 16 milhas, Manuel João Raposo, seguido de José Manuel e Gomes da Silva; na BU, José António Reis Ramos, que se sagrou campeão nacional, seguido de José Maria Casimiro e Firmino de Moura; e na EU, a dos barcos com motores mais potentes, alcançou o 1.º lugar, Manuel Alves Barbosa e o 2.º, «ex-aequo», Óscar Viana e Mário Gonzaga Ribeiro. Disputou-se a seguir uma prova não oficial entre iniciados, vencendo António Simões Ramos, seguido de José Manuel Casimiro e Luís Simões Ramos.

Á noite, a anteceder a distribuição dos prémios, foi oferecido um jantar aos concorrentes e suas esposas no salão de festas do quartel dos bombeiros vila-realenses, assistindo também os srs. presidente da Comissão Municipal de Turismo, capitão do porto e esposa, dr. José Castelo Branco, presidente da Federação Portuguesa de Motonáutica e esposa, e outras individualidades.

Após o repasto fez uso da palavra o sr. João Ilídio Setubal, que em nome do Clube Náutico do Guadiana, a quem se deve a excelente organização das provas, agradeceu o terem estas sido efectuadas em Vila Real de Santo António, bem como a presença das autoridades e dos visitantes, pondo em destaque o contributo dado para tal realização pela Associação Naval Infante de Sagres, de Portimão, e fazendo votos por que a um próximo festival motonáutico a vila pombalina pudesse também concorrer, deixando assim de figurar como simples espectadora. Para o efeito — disse — contava-se já com duas valiosas adesões, que bom seria se concretizassem.

Com geral agrado exibiu-se a seguir o Rancho Folclórico da Casa do Povo da Conceição de Tavira, procedendo-se depois, na esplanada do quartel, onde decorria um animadíssimo baile, á distribuição dos troféus, pela ordem que passamos a referir: Iniciados — 1.º, António Simões Ramos, taça «Junta Distrital»; 2.º, José Manuel Casimiro, taça «Clube Náutico do Guadiana»; 3.º, Luís Simões Ramos, taça «Restaurante Oceano».

Classe ET — 1.º, Manuel João Raposo (Scuderia Magos, de Salvaterra de Magos), taça «Hotel Caravela»; 2.º, José Manuel (Clube Naval de Cascais), taça «Hotel dos Navegadores»; 3.º, Gomes da Silva (S. M.), taça «Clube Náutico do Guadiana»; 4.º, António Quina (C. N. C.), taça «Auto Avenida Acessórios»; 5.º, Filipe Sangareau, e 6.º, Walfred Sangareau (C. N. C.), medalhas.

Classe BU — 1.º, José Ramos, taça «Camara Municipal»; 2.º, José Casimiro, taça «Mercury»; 3.º, Firmino de Moura, taça «Metalgar» (todos da A. N. I. S.); 4.º, Marinho de Abreu (C. N. C.), medalha.

Classe EU — 1.º, Manuel Alves Barbosa (Sporting Clube de Aveiro), taça «Hotel Vasco da Gama»; 2.º, óscar Viana (A. N. I. S.), taça «Hotel Monte Gordo», e Mário Gonzaga Ribeiro (C. N. C.), taça «Posto Abastecedor e Estação de Serviço SONAP»; 4.º, José Castelo Branco (A. N. I. S.), taça «Governo Civil»; 5.º, António Feu (A. N. I. S.), taça «Eva»; 6.º, Nuno Mendes (A. N. I. S.), e Luís Manuel Ramalho (S. M.), e 8.º, Mário Madeira (S. M.), medalhas. Todos os concorrentes a quem couberam taças receberam igualmente medalhas.

### Os portugueses no Campeonato Europeu

Por amável autorização do sr. ministro da Marinha e em resultado da prestimosa colaboração dos srs. chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Reboredo e Silva e almirante Henrique Tenreiro, presidentes do Congresso da Federação Portuguesa de Motonáutica, partiu de Portimão para Palamós, Costa Brava, em Espanha, a canhoneira «Diu» que transporta a equipa portuguesa de motonáutica que vai participar no Campeonato da Europa da classe EU, que se realiza naquela praia espanhola de 13 a 15 do corrente.

A equipa portuguesa, seleccionada pela Federação Portuguesa de Motonáutica é constituída pelas seguintes individualidades: Manuel Alves Barbosa, campeão nacional da modalidade, na classe EU; Mário Gonzaga Ribeiro, vice-campeão; eng.º João Carlos Aleluia, dr. José Pinto de Castelo Branco e António de Magalhães Barros Feu, os quais se fazem acompanhar de uma equipa de mecânicos para assegurar a necessária assistência técnica aos seus barcos e motores.

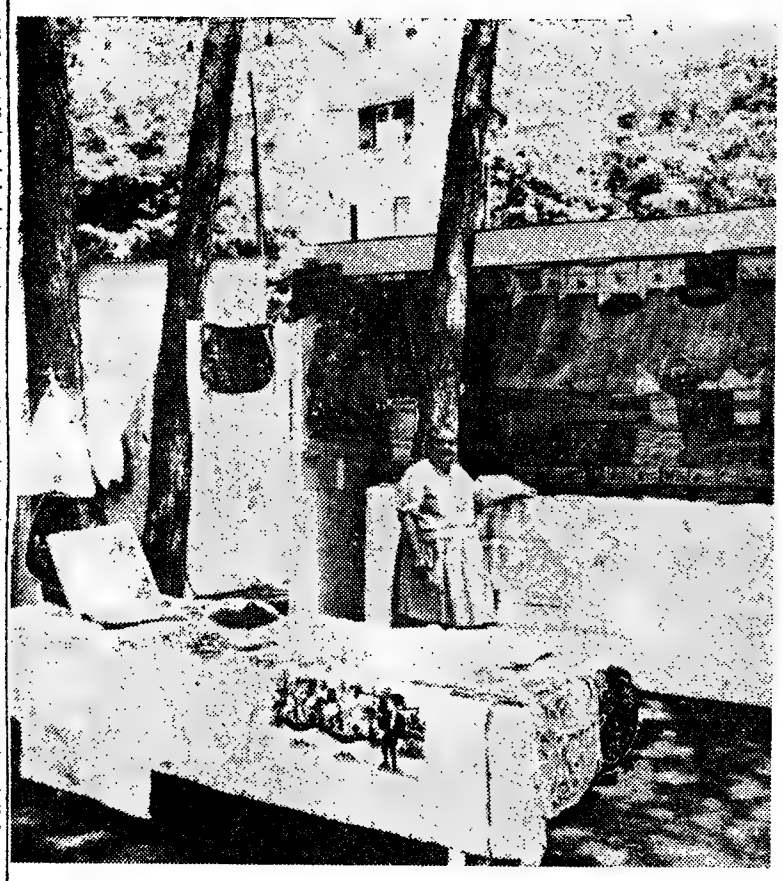
# A III Feira do Artesanato no Estoril

## está aberta ao público

Organizada pela Junta de Turismo da Costa do Sol e patrocinada pelo nosso prezado colega «Diário de Notícias», bem como pelas sociedades Estoril-Sol e Estoril-Plage e Câmara Municipal de Cascais, abriu hoje, no Estoril, junto ao Clube de Ténis, a III Feira do Artesanato Português, onde se podem admirar artigos provenientes de todas as províncias metropolitanas e ultramarinas.

Entre outras atracções de interesse turístico, conta-se um restaurante decorado ao estilo do início do século, o Restaurante d'Avó, dirigido por pessoas bem conhecidas da nossa sociedade. A cozinha portuguesa, que os turistas tanto apreciam, encontra-se representada, ainda, por mais dois restaurantes, o da Aurora e o das Cantarinhas de Mafra.

O certame estará aberto até ao dia 11 do próximo mês, das 16 á 1 hora.



Os característicos bordados do Alto da Lixa também estão representados no certame


# KLOSTERS SUNWARD FERRIES

**SAIDAS REGULARES SEMANAIS PARA**

## GIBRALTAR

**pelo moderno ferry-boat «SUNWARD»**

**PARTIDAS DE LISBOA:**

**Todas as segundas-feiras á meia-noite**

**REGRESSO — SAÍDAS DE GIBRALTAR:**

**17 horas de todas as quartas-feiras, com chegada a Lisboa ás 8.00 horas de quintas-feiras.**

**(PODE LEVAR O SEU AUTOMÓVEL)**

**Para passagens e informações, procure o seu Agente de Viagens ou os Agentes Gerais em Portugal**

**AGÊNCIA MARÍTIMA «OCIDENTE», LDA.**

P. Duque da Terceira, 11-3.º — Telef. 32 81 91/5 — Telex 211 Ocidente-Lisboa

no Porto:

«INTERNAVE» — AGÊNCIA INTERNACIONAL DE NAVEGAÇÃO E COMÉRCIO, LDA.

Rua Ferreira Borges, 57-1.º — Telefs. 2 92 94 e 2 45 37


# NECROLOGIA

**Prof. Mário Tavares Chicó**

*Prof. Mário Chicó*

Estava doente há muito tempo e não tinham ilusões, nem os seus familiares e amigos, nem ele próprio sobre o seu estado. Mas nem por isso a morte do prof. Mário Tavares Chicó deixou de surpreender muitos e de ser profundamente sentida por quantos o conheciam e lhe apreciavam as qualidades de carácter e a inteligência, ou por aqueles que conheciam os seus trabalhos sobre a História da Arte Portuguesa e as suas críticas de Arte.

O dr. Mário Tavares Chicó teve uma vida essencialmente consagrada á investigação, classificação e divulgação da Arte Portuguesa, da pintura, da arquitectura, da escultura; e não apenas da Arte do Continente, senão que de muitos territórios portugueses do Ultramar e do próprio Brasil.

A sua acção irradiou não só pelos livros e pelos artigos de revistas e jornais, mas por aquela actividade modelar de director de Museu, tendo tornado o de Évora verdadeiro modelo de museu provincial, com todas as qualidades que podem valorizar uma pinacoteca singularmente rica. Irradiou, ainda, a sua acção pelas aulas na Faculdade de Letras, onde se formara e em cujo corpo docente entraria pouco depois, na Escola Superior de Belas-Artes, em que também ensinou, e pelas numerosas conferências e comunicações a congressos e seminários de estudo de Arte.

Essencialmente comunicativo, o prof. Mário Tavares Chicó era professor nato, com aquele prazer de conferir as suas opiniões pelas opiniões alheias e de verificar «in loco» as afirmações feitas por si ou por outros. Raí a riqueza e o valor da sua obra que é numerosa e variada no sector das Artes Plásticas.

Alentejano de nascimento, muito lhe ficou a dever a província e Évora fê-lo seu cidadão honorário pelos serviços prestados á cidade desde que um dia foi nomeado director do seu museu. Não mais deixaria de o ser, embora vivesse de há muito em Lisboa e aqui exercesse a sua grande actividade.

Nascera o prof. Mário Tavares Chicó em S. João, distrito de Beja, em 18 de Maio de 1905. Completara, portanto, há bem pouco, 61 anos. Estudou no liceu de Beja e depois veio para a Faculdade de Letras de Lisboa em que licenciaria em Histórico-Filosóficas no ano de 1934. Seriap rofessor da História da Arte na mesma faculdade em 1945 e nomeado director do Instituto de História da Arte, também da Faculdade de Letras, em 2 de Março do corrente ano.

Mas se formara quando foi nomeado director do Museu Regional de Évora, lugar que ainda ocupava. Em Paris trabalhou sob a direcção dos profs. Henri Focillon e Élie Lambert. Trabalhou também, com o arq. Keil do Amaral, na reorganização do Museu da Cidade de Lisboa. Participou na organização do XVI Congresso Internacional de História da Arte, em 1949, e no ano seguinte presidiu á secção de Belas Artes do 1.º Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Washington.

Em 1952, o prof. Mário Tavares Chicó chefiou a brigada de estudos que se deslocou á Índia Portuguesa e de lá traria muitos elementos para estudos que marcaram na arte indo-portuguesa. Regeu depois muitos cursos de Arte em várias universidades e academias portuguesas e estrangeiras e seria feito professor «honoris causa» da Universidade do Recife.

Promoveu muitas exposições de documentação fotográfica de Arquitectura e de Arte portuguesas, em colaboração com o património histórico e artístico nacional do Brasil e com as universidades do Rio de Janeiro, S. Paulo, Brasília, Baía, de Santiago de Compostela, Salamanca, La Laguna, Milão, etc.

O prof. Mário Tavares Chicó era vogal efectivo da Academia Nacional de Belas-Artes, comendador da Ordem do Cruzeiro do Sul e tinha ainda numerosas outras distinções académicas. Entre as suas obras destacam-se as seguintes: «A Arquitectura Gótica em Portugal», «A Catedral de Évora na Idade Média», sobre a «Arte do Renascimento em Portugal», in «História da Arte em Portugal» dirigida pelo prof. Aarão de Lacerda, acerca da Arquitectura e da Talha na India Portuguesa, tendo sido também um dos orientadores do «Dicionário de Pintura Universal» e colaborou em muitas revistas da especialidade.

O prof. Mário Tavares Chicó era casado com a sr.ª D. Maria Alice Lamy Tavares Chicó, pai do aluno de Arquitectura sr. Henrique Lamy Tavares Chicó e da aluna de Pintura, D. Sílvia Lamy Tavares Chicó; era irmão da sr.ª D. Maria Luísa Tavares Chicó.

O funeral efectuou-se esta tarde, com grande acompanhamento, da igreja de São Sebastião da Pedreira para o cemitério do Alto de São João, a cargo da Agência Tavares.

# ATAQUES POR ENGANO NO VIETNAM DO SUL

**(Continuação da 1.ª página)**

### BARCO AMERICANO TAMBÉM ATACADO POR ENGANO

SAIGÃO, 11 — (R.) — Um avião americano disparou sobre um dos seus próprios barcos que fazia uma patrulha nocturna ás primeiras horas de hoje — sendo este o segundo ataque por engano efectuado por aviões americanos em 24 horas.

Os disparos do avião mataram dois tripulantes e feriram cinco homens, que foram transportados para um hospital.

O outro ataque por engano ocorreu na noite anterior, contra uma aldeia a sudoeste de Saigão.

# As exposições da Escola de Belas-Artes do Porto abrem à noite hoje e no sábado

É um acontecimento grande na vida artística de Lisboa a exposição que a Escola Superior de Belas-Artes do Porto trouxe à Lisboa e se encontra na S. N. B. A.

As exposição de «Dois Séculos do Ensino de Desenho do Nú» e a Exposição Magna da Escola têm atraído muito publico á Rua Barata Salgueiro e atendendo a esse interesse a direcção da S. N. B.-A. e a direcção das exposições resolveram que abrissem ao publico hoje á noite e no próximo sábado á noite, das 21 ás 24 horas.

# HORÁRIO DOS COMBOIOS

## ZONA CENTRO

Comunica-nos a C. P que além do serviço regular, no período de 9 de Agosto a 30 de Setembro, e apenas ás 3.as e 6.as-feiras, é estabelecido entre LISBOA, PORTO e PARIS, para transporte de passageiros de serviço internacional, um comboio com o seguinte horário:

| | Cheg. | Part. |
|---|---|---|
| Lisboa (Santa Apolónia) | | 7-00 |
| Pampilhosa | 10-07 | |
| Porto (São Bento) | | 9-12 |
| Pampilhosa | 9-38 | — |
| Guarda | 13-30 | |
| | | 10-35 |
| Castelo Branco | | 10-00 |
| Guarda | 13-29 | |
| | | 13-53 |
| Vilar Formoso | 14-40 | 15-22 |
| Paris (Austerlitz) | 16-05 | — |


# EXTERNATO FEMININO FRANCÊS

RUA DO SALITRE, 62 TEL. 43701

**INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E CURSO LICEAL**

# Itália e Estados Unidos:
## — a triste história do povo judeu

(Especial para o «Diário de Lisboa»)

**Foi na Secção Informativa (preenchida com filmes de valor, já distinguidos ou não noutros festivais) que o certame atingiu maior luzimento. Já aqui assinalámos o facto que merece, sem dúvida, justo relevo e proporciona, também, curiosas observações. Registados já os méritos de películas como «Loja na rua principal», da Checoslováquia, e «Shock corridor», dos Estados Unidos, cabe hoje a vez a «Der junge Torless» («O jovem Torless») apresentado pela Alemanha e realizado por Volker Schlöndorf. É esta, aliás, a sua «primeira obra».**

**«O jovem Torless» concorreu ao último festival de Cannes, onde constituiu um dos maiores acontecimentos, embora (e surpreendentemente) não obtivesse qualquer prémio oficial.**

Autor também do guião, Schlöndorf penetra, com sensibilidade e inteligência no mundo da adolescência, num colégio dos Alpes Bávaros. Entre os seus muros frios, desenrolam-se problemas, inquietudes, cobardias. O tema do filme baseia-se na obra literária homónima de Robert Musil, um dos «grandes desconhecidos» escritores alemães.

É raro que, de uma produção vulgar e cinzenta, como vem sendo, na actualidade, a alemã, surja uma obra importante. Mas isso aconteceu, efectivamente, com «O jovem Torless».

Schlöndorf cursou, em Paris, o Instituto de Altos Estudos Cinematográficos (I.D.H.E.C.) e foi assistente de Louis Malle que o apadrinhou agora, nesta sua «ópera-prima», onde trata um tema delicado com agudeza e penetração psicológica.

### ● «Andremo in città» — primeira obra de Nelo Risi

«Un addio», curta-metragem de Massimo Mida, abriu a sessão da tarde, a primeira dedicada á apresentação de filmes italianos concorrentes aos galardões do festival. Película com intenção introspectiva, psicológica, «Addio» fica-se por aí, na intenção.

O filme de fundo apresentado a concurso foi «Andremo in città» que, uma vez mais, utiliza a temática da perseguição nazi aos judeus, sublinhando assim a acção de conteúdo dramático, acção que decorre numa aldeia jugoslava, nos tempos da ocupação. Geraldine Chaplin, fria e inexpressiva, encarna uma espécie de Ana Frank, mas — no papel e na interpretação — sem a humanidade e a ternura daquela. Vivia ela, escondida, com Mischa, um irmão pequeno e cego. Quando julgavam estar salvos são conduzidos pelas S.S. a um campo de concentração. Lenka, a rapariga, faz, então, crer a Mischa que vão á cidade, a tão desejada cidade dos seus sonhos, escondendo-lhe a dura realidade.

É autor do filme Nelo Risi, irmão do aplaudido realizador Dino Risi. Embora o seu nome seja desconhecido no cinema, Nelo Risi é bem conhecido nos meios intelectuais europeus, pois é autor de numerosos ensaios e livros de poesia moderna e autor, também, de documentários e de programas para a televisão. O tema que inspirou o filme é uma narrativa escrita por sua mulher Edith Bruck. Dado ser esta a primeira obra de Nelo Risi, é natural que o tema escrito possua maior força, nos caracteres das personagens e nas situações criadas pela opressão nazi, do que aquela exposta no filme. Se, por um lado, Risi quis formar um relato que penetre nos tipos descritos á base de acções lentas, não conseguiu tal resultado; se, por outro lado, pretendeu narrar uma história, entre lírica e cruel, tam-pouco alcançou tal propósito, porque lhe falta, precisamente, humanidade, sentimento e veracidade para que, realmente, estejamos imersos no mundo que nos apresenta. E isto porque, naturalmente contra o seu desejo, Risi narra essa história com frialdade. É assim como amor sem poesia. Daí, o facto da película reflectir mais tons melodramáticos do que humanos.

No guião e adaptação do tema intervieram nada menos que seis pessoas, algumas de tão reconhecido mérito como Vasco Pratolini e Cesare Zavattini; mas nem eles nem o realizador tratando-se para mais de um poeta tão prestigioso, lograram (talvez por ser tão numerosa a equipa) infundir, com claridade e eficácia, o tom de emoção humana que a personagem de Lenka encerra, tanto nas suas relações com Ivan, o jovem patriota que ela ama; como na responsabilidade que lhe coube de ocultar ao irmão a verdade de quanto se passava.

Não obstante tais elementos negativos, a película de Nelo Risi possui sequências de qualidade — as dos musicos ciganos, a marcha de Lenka e Mischa para o campo de concentração — que são pinceladas brilhantes num grande quadro onde é cinzenta a tonalidade dominante.

### ● «Cast a giant shadow» — o herói norte-americano na libertação do povo judeu

A noite, os Estados Unidos apresentaram a concurso uma superprodução espectacular, «Cast a giant shadow», de Melville Shavelson, título que se poderá traduzir, talvez, para «A sombra de um gigante», tal como em Espanha.

E aqui está o cinema norte-americano fazendo gala e ostentação, em todo o seu esplendor, dos seus multiplos recursos. Desde «um soldado para toda a Humanidade», como foi cognominado o herói da história, até um fenomenal elenco de «estrelas» e «astros», e junto á sua poderosa industria, um autêntico desdobramento de quantos elementos que intervêm na realização. O colossalismo posto ao serviço de um herói que libertou o povo hebreu dos seus inimigos.

*

A película conta-nos, com demasiados pormenores — tantos que dura duas horas e quinze minutos — a importante colaboração dada pelo coronel David Marcus, do Exército dos Estados Unidos, ao novo Estado de Israel, quando os ingleses abandonaram aquele território em 1947 e o povo judeu se transformou, finalmente, numa nação independente. Aconteceu afinal, que em lugar de uma obra profundamente humana, se está perante uma superprodução realizada para maior honra e mérito do heróico soldado dos Estados Unidos.

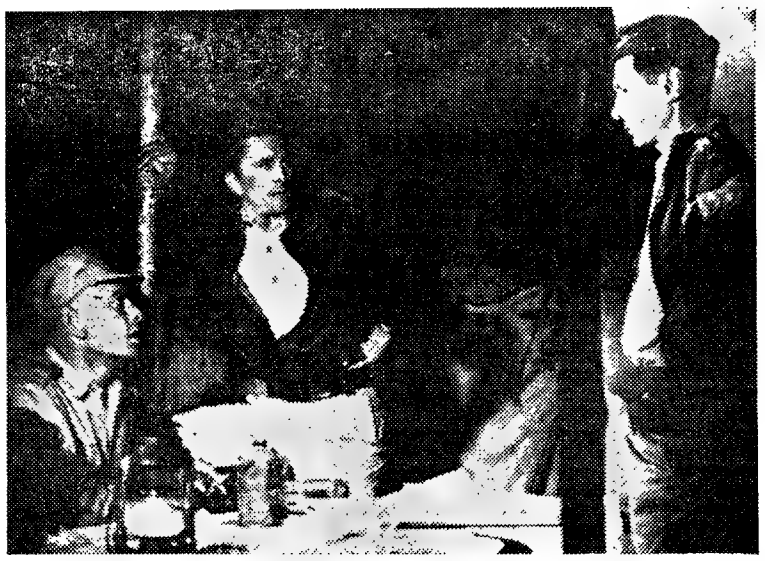
Nem sequer a bem assimilada artesania de Melville Shavelson logrou dar á película uns pormenores de sinceridade, de compreensão e humanidade diante da triste história do povo judeu; limitou-se a empregar, com alardes espectaculares, todos os recursos técnicos e económicos preferindo uma grande exibição de fogo de artifício, abundantes cenários naturais e um esbanjamento de homens e material, para esquecer-se do autêntico sentido que o filme devia ter. Uma vez mais, o espectáculo eclipsou todo o afecto humano.

O filme chega a pesar porque tudo quanto se passa não é mais do que cinema de aventura. Graças a um elenco que inclui nomes da primeirissima linha como Kirk Douglas, Yul Brynner, Senta Berger, Jonh Waine, Angie Dickinson e Frank Sinatra, o publico de uma sala comercial pode entreter-se vendo actuar os seus «astros» favoritos.

Grande parte do filme traz ainda, á recordação do espectador, circunstancias fundamentalmente idênticas que se viram noutro «cinemascópio» americano, «Exodus», baseado também, como este de Shavelson, num livro de êxito popular.

Acção, matizes sentimentais e um final dramático, a trajectória de tanto e tanto filme para o grande publico, preenchem o traçado de «Cast a giant shadow», onde Kirk Douglas repete, pela «centésima» vez, o seu trabalho de protagonista-tipo, bem acompanhado pelos seus confrades, «estrelas» e «astros», tudo muito bem de acordo com o sistema de produção americana.

Eis, pois, um filme grande — 135 minutos de projecção — que, por falta de originalidade temática, ambiental e pessoal, *pesou* sobre a atenção do espectador.



**Superprodução colossal, em Panavision e Technicolor, o filme «Cast a giant shadow» é interpretado por alguns «magníficos» Kirk Douglas, Senta Berger, Yul Brynner, Angie Dickinson, Frank Sinatra e John Wayne**

**Geraldine Chaplin em «Andremo in cittá». É esta a sua terceira película («Sequestro debaixo do sol» e «Dr. Jivago» são as anteriores). Entretanto, herdeira de um nome famoso, ela não conseguiu, ainda, unanimidade sobre os seus méritos de actriz**

# Num futuro próximo
## os grandes mestres do xadrez terão que medir forças com computadores electrónicos

**(Serviço especial da Associated Press)**

AMSTERDAM, *Agosto*. — Muitos dos mais destacados jogadores de xadrez da actualidade pensam que não estará longe o dia em que os autómatos se sentem diante dum tabuleiro, disputando os torneios com uma habilidade desconhecida do homem.

O ex-campeão mundial Mikhail Botvinnik, da U. R. S. S., afirmou recentemente, numa entrevista concedida ao jornal «Parool», de Amsterdam, que os grandes mestres russos se reunirão ainda este ano para falar sobre os métodos elaborados com vista á vitória de uma máquina computadora sobre um homem.

No entanto, ainda segundo Botvinnik, apresentam-se dificuldades de vária ordem para a construção de um autómato xadrezista. Antes de mais é necessário fixar um programa de xadrez em forma matemática, capaz de funcionar num «idioma» conhecido apenas pelo ser humano. Este programa, que terá de ser extremamente complexo, sairá da acção conjunta de um grande mestre do xadrez e de um matemático.

Uma vez estabelecidas as características do programa, deverá ele ser traduzido para o complicado idioma dos computadores electrónicos, conhecido em exclusivo pelos peritos na sua manipulação. Esta segunda parte do trabalho será feita por um matemático, auxiliado na ocasião por um especialista de cômputo electrónico.

Vários xadrezistas de primeiro plano acreditam que, num futuro mais ou menos próximo, será possível construir um computador electrónico especialmente concebido para a prática do jogo. Na sua opinião, o computador de tipo universal não mostrará qualquer «talento escaquístico». Este «talento» só poderá ser insuflado na «memória» de um automático especial.

Diz Botvinnik que o problema mais difícil com que actualmente se defrontam os grandes mestres e os cientistas é a elaboração de um bom programa. A forma mais fácil talvez consista em entregar a elaboração do programa a um grande mestre. Mas poucos são os que acreditam na existência de programas prévios. O xadrez é um desporto de possibilidades realmente limitadas, dizem, e no entanto um quadro completo de tais possibilidades está fora do alcance da mente humana.

Argumentam outros que o jogador de xadrez limita o seu próprio programa (se é que o tem) de forma intuitiva. Deste modo o princípio a seguir radicará na elaboração de instruções limitadas para o computador, compiladas com um grau *óptimo* de precisão. Não pode

**por JAAP FABER**

fugir-se de um horizonte *perceptível*, como sejam por exemplo as possibilidades (limitadas) do adversário da máquina, mesmo que seja um grande mestre — e todos os mestres têm as suas características particulares. Tudo o que saia deste ambito deverá pôr-se de parte.

— Na realidade — disse Botvinnik — á maioria dos grandes mestres repugna a ideia de que possa criar-se um autómato xadrezista. Temem as possíveis consequências desse facto na sua carreira.

Botvinnik, porém, acha que o computador não será um adversário de temer, até porque muitos mestres encontrarão colocação num Instituto de Investigação Científica, a criar eventualmente para a condução do problema.

— Não deixará de ser curioso — acrescentou Botvinnik ao repórter do «Parool» — ver os computadores habituarem-se á vida do trabalhador normal. Por exemplo: levantarem-se cedo para chegarem a horas á repartição...

## O CENTENÁRIO
### da Congregação do Espírito Santo

Uma portaria do ministro do Ultramar manda emitir e pôr em circulação, na província ultramarina de Angola, selos de franquia postal, da taxa de um escudo, comemorativos do primeiro centenário da Congregação do Espírito Santo.

## Campo e contra-campo

● *Este quarto dia do Festival teve ainda a assinalá-lo o início das sessões da Secção Retrospectiva, realizadas de manhã. Não contando ainda com as projecções do Mercado do Filme, os participantes do Festival ficaram assim com um programa de quatro sessões diárias de projecção de filmes: três de tarde, no Palácio do Festival, com filmes a concurso e da Secção Informativa; e uma de manhã, a da Retrospectiva.*

*Neste primeiro dia de Retrospectiva, foram projectados os filmes de Méliès: «Le Voyage dans la Lune» (1902), «Le voyage á travers l'impossible» (1904) e «A la conquête du Pôle!» (1912). De René Clair foi projectado «Paris qui dort», de 1923.*

● *Lufada forte e revigorante de talento e boa disposição, «Tant qu'on a la santé» animou sensivelmente o Festival, arredando a melancolia dominante e substituindo-a por contagiante boa disposição visível no rosto de todos os «festivaleiros». Além disso, o excelente filme de Pierre Staix passou a ser, até então, o mais sério candidato ao galardão maior do certame, além doutros. Candidatura que, assinale-se, viria a receber, no final, a mais decepcionante e injusta das surpresas... Como, no mesmo dia, o sol brilhara, afastando a chuva que caía, quase continuamente, desde o começo do Festival, logo o conhecido e consagrado crítico Alfonso Sanchez escreveu, como título, no seu jornal: «Chegaram dois bons visitantes: o sol e o riso».*

● *Nesta primeira jornada, realizaram as suas conferências de Imprensa a delegação argentina e Pierre Etaix. A deste foi deveras concorrida, tendo sido analisada a sua linha de actor cómico.*

*Na segunda, Alfredo Julio Grassit, chefe da delegação, falou, com grande esperança, do acordo hispano-argentino que conta com um mercado de 240 milhões de espectadores. Embora todos os jornalistas espanhois presentes o apoiassem convictamente, não faltou quem comentasse com amargura:*

*— Há quanto tempo, se falou nisso, pela primeira vez?! Talvez já só se recordem os mais velhos e a verdade é que esses 240 milhões de espectadores preferem os filmes estrangeiros...*

*Lembramo-nos de Portugal e Brasil. Cá e lá...*

● *Antecedendo «Cast a giant shadow», foi apresentada a curta-metragem intitulada «On fighting witches», de Robert Shaye. Tal título levou alguns a pensar num filme de bruxas e bruxedos, mas a realidade foi bem diferente, já que, durante 21 minutos, o «écran» se encheu de boinas brancas dos estudantes suecos que celebravam, animadamente, uma festa folclórica... sem que, em parte alguma aparecesse o folclore e muito menos as bruxas aterradoras...*

A. MARQUES

ADMISSÃO AOS INSTITUTOS / INDUSTRIAL — COMERCIAL
EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS
PROFESSORES ESPECIALIZADOS — ENSINO EFICIENTE
Novas turmas em organização — Aulas diurnas e nocturnas
INSCRIÇÕES: R. Conde Redondo, 56-1.º, Esq.º — Telef. 53 63 80

# Um couraçado disparou acidentalmente sobre uma docā em Inglaterra

**DEVONPORT (Inglaterra), 11 — (A. N. I.) — O couraçado «Tiger» entrava ontem ao fim da tarde no porto inglês de Devon quando, inadvertidamente, se disparou um dos seus canhões, atingindo um paredão da doca e fazendo saltar janelas e cair cabos telefónicos.**

**Ninguém se feriu. Os estivadores haviam abandonado a área minutos antes.**

**Um funcionário do Ministério da Defesa informou que vai ser aberto um inquérito sobre o incidente do «Tiger», comandado pelo capitão-de-fragata J. Kirby.**

# Alargamento do limite das águas territoriais brasileiras

RIO DE JANEIRO, 11 — (F. P.) — O Brasil vai estender a jurisdição das suas águas territoriais para além do limite continental, segundo prevê um projecto de reforma do código das pescarias — anunciado nas suas linhas gerais por Rey Braga, ministro da Agricultura.

Numerosas consultas, designadamente junto de peritos em direito marítimo da F. A. O., precederam a elaboração do projecto, actualmente submetido á aprovação do presidente Castelo Branco.

O novo código implicará uma modificação radical da política de desenvolvimento e exploração das riquezas marítimas do Brasil.

Lembra-se que a «guerra das lagostas», que opôs a França e o Brasil em 1963, resultou de uma diferença de teses entre os dois países.

Os brasileiros sustentavam que as lagostas pertenciam á fauna específica da bacia continental até 200 metros das costas locais e que, portanto, faziam parte dos recursos naturais do Brasil. Segundo a tese francesa, pelo contrário, os crustácios, por se deslocarem em águas livres, podiam ser pescados em águas internacionais. Apesar de não se ter chegado a uma solução jurídica, na prática o caso foi resolvido por uma cooperação entre empresas privadas das duas nações.

O novo código prevê, também, o «contrôle» das operações de barcos de pesca até ao limite da bacia continental, o que poderia fazer ressurgir o litígio.

# O Brasil ameaçado por uma crise político-militar

(Continuação da 1.ª página

**donou, ontem, sem autorização, o comando do Segundo Exército, lançou estas acusações num manifesto á nação, que provocará, sem duvida, uma sanção disciplinar contra o seu autor e desencadeará, talvez, uma crise séria no seio do Exército brasileiro.**

A dois meses das eleições, esta crise inesperada pode pôr em perigo a autoridade do marechal Castelo Branco perante os quadros superiores do Exército, e comprometer a candidatura do marechal Costa e Silva á sucessão do chefe do Estado.

Hoje, será publicado outro manifesto atacando violentamente o presidente Castelo Branco e apoiando o general Amaury Kruel. Os autores do manifesto são oficiais superiores do Exército.

Contudo, nas esferas políticas da capital, afasta-se a possibilidade de uma crise de regime, em virtude do presidente Castelo Branco ser considerado como dominando a situação.

O ministro do Exército não se pronunciou ainda sobre o acto de indisciplina cometido pelo ex-comandante do Segundo Exército, mas soube-se que este não dispõe senão de um prazo de 48 horas, a contar do momento em que o seu cargo foi confiado ao general Luís Guedes, para se apresentar no Ministério e expor os motivos da sua atitude.

# ELEIÇÕES GERAIS E LIVRES NO SABAH E SARAWAK

## — estipula o acordo assinado entre a Indonésia e a Malásia

**DJAKARTA, 11 — (F. P. e R.) — O tratado que põe termo á guerra não declarada entre a Indonésia e a Malásia foi assinado hoje, nesta cidade.**

A Indonésia e a Malásia decidem acabar com as hostilidades entre os dois países — estipula nomeadamente o acordo.

O texto, rubricado pelo primeiro-ministro-adjunto malaio, Tun Abdul Razak e o ministro dos Negócios Estrangeiros indonésio, Adam Malik, comporta quatro artigos.

A Malásia concorda em «oferecer aos habitantes do Sabah Sarawak ensejo para reafirmarem a sua decisão quanto ao estatuto que diz respeito á sua inclusão na Malásia, tão rápidamente quanto possível e mediante eleições gerais, livres e democráticas».

Por outro lado, os signatários decidem estabelecer imediatamente relações diplomáticas.

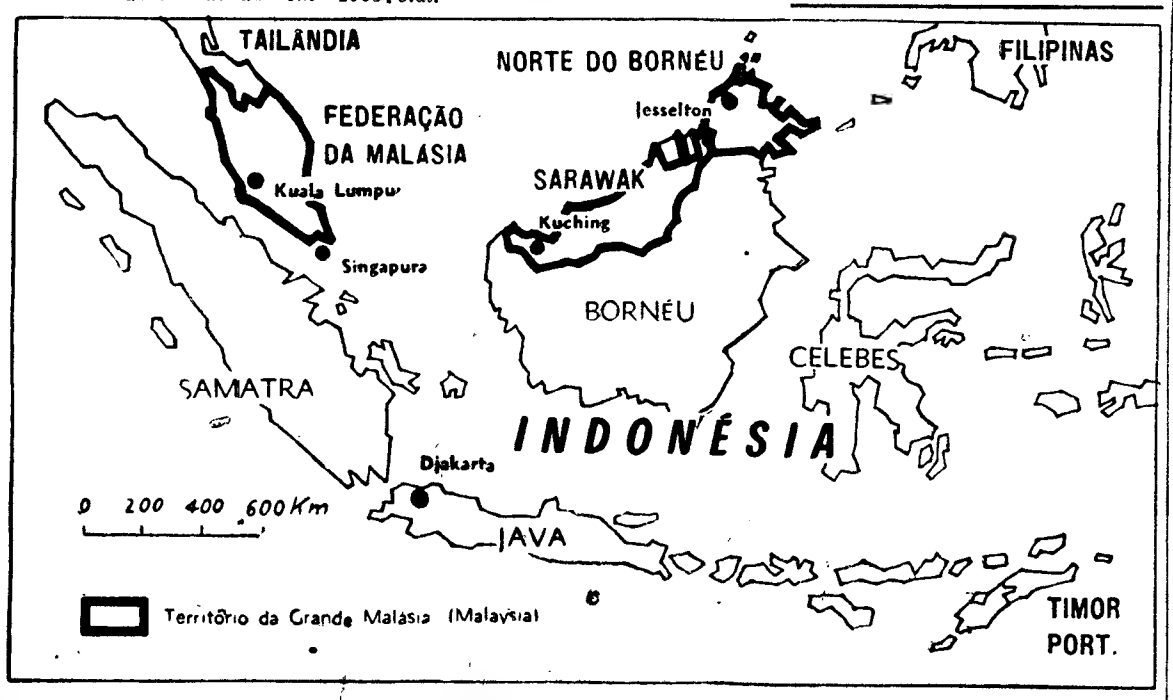
*A Indonésia designava por «confrontação» o estado de guerra não declarada desencadeada em 1963 pelo presidente Soekarno que acusava a Federação da Malásia de ser apenas uma criação neo-colonialista que devia ser esmagada. A campanha desenvolveu-se principalmente nas selvas do Bornéu.*

*Malik e Razak prepararam o tratado de paz em reuniões efectuadas em Bangkok, em Maio e Junho passados.*

*O general Suharto tomou esta decisão assim que o presidente Soekarno transferiu para ele os seus poderes executivos, alegando que a confrontação estava a arruinar a Indonésia financeiramente.*

*As perdas e vidas humanas foram de 100 soldados da Malásia e da Comunidade, e pelo menos 570 soldados da Indonésia. A Inglaterra tem gasto cerca de 225 milhões de libras por ano para manter na Malásia e em Singapura uma força de 50 000 homens.*

*Antes da histórica assinatura de hoje, Razak visitou o presidente Soekarno e ofereceu-lhe um serviço de chá em nome do rei da Malásia. Amanhã, Adam Malik partirá para Kuala Lumpur em visita oficial.*




**Este mapa mostra a localização da Federação da Malásia em relação á Indonésia. Na parte setentrional da ilha de Bornéu situam-se os territórios do S arawak e Norte do Bornéu (Sabah)**

## DIA A DIA

# A REFORMA DE SPAAK

PAUL HENRI SPAAK

**Durante trinta anos, Paul Henri Spaak agitou-se no cenário da política do seu país e da política internacional. Socialista da extrema esquerda no começo da sua carreira, evoluiu até ao centro e á direita, na medida em que, tratando-se de um socialista, a estas palavras é legítimo atribuir significado válido. Partidário e adversário do rei Leopoldo III, o soberano que outro socialista, De Man, converteu, nas vésperas de estalar o conflito, ás suas abstracções e ao seu germanofilismo, Spaak era considerado como ministro inamovível dos Negócios Estrangeiros, e a continuidade da sua presença nesse posto foi o título que justificou a sua rápida ascensão em organismos internacionais de grande projecção. Presidente da assembleia geral da O.N.U. e secretário-geral da N.A.T. O., propagandista infatigável da federação europeia e da comunidade atlântica, os seus louros feneceram e caíram á medida que se malograva a política que aqueles vocábulos simbolizaram.**

**Há semanas Spaak anunciou que deixava a política, que, se lhe dera a glória de uma publicidade ruidosa, o deixara sem meios para viver com a decência correspondente á dignidade das funções que desempenhou. O óbice acaba de ser removido. O antigo ministro belga ingressou nos quadros do alto funcionalismo da I. T. T. C., Companhia Internacional de Telefones e Telégrafos, cujo ramo europeu tem sede em Bruxelas. Com 67 anos, casado de fresca data, e com um cargo bem remunerado, onde a sua experiência e méritos terão ensejo de se manifestar vantajosamente, Spaak pode prestar na actividade particular os serviços que na vida publica nem sempre foram compreendidos ou aplaudidos. Não se trata de uma compensação plena, mas, apesar de tudo, é suficientemente proveitosa para que o seu beneficiário não tenha preocupações com o futuro, que, de outra forma, seria para ele carregado de nuvens.**

# Novos tumultos raciais em Detroit (Michigan)

**DETROIT (Michigan), 11. — (F. P.) — Todas as folgas da Polícia foram canceladas em Detroit, onde se deram novos tumultos raciais, num bairro onde, na véspera, já se tinham registado incidentes idênticos. Uma unidade móvel táctica, especialmente treinada na repressão de tumultos, restabeleceu a ordem.**

**Um negro que foi atingido por um tiro, declarou á Polícia que ia a andar quando, atrás dele, um carro travou brutalmente, virou-se e viu três brancos no carro, um deles gritou «Atenção, meu negro porco», dispadando, em seguida, três tiros que o atingiram na espádua.**

**O carro arrancou imediatamente. O negro Tyronne Powers, que tem 26 anos, foi hospitalizado em estado grave.**

A Polícia declarou que sete jovens brancos — cinco rapazes e duas raparigas — tinham tinham sido presos quando corriam numa rua levando nas mãos «coeктails Molotov».

Foram acusados de posse ilegal de explosivos. Foram presas mais oito pessoas acusadas de incitação á desordem.

O chefe da Polícia, Ray Girardin, declarou que os incidentes raciais eram «isolados, mas graves». Anteontem deram-se escaramuças depois da prisão de um negro. Os polícias foram atacados por um grupo de negros e, dentro de poucos minutos, as desordens tinham alastrado a todo o bairro: brancos e pretos lançavam pedras e garrafas vazias, ouve dois feridos, foram presas sete pessoas.

### DOIS BRANCOS FERIDOS EM BROOKLYN

NOVA YORK, 11 — Dois rapazes brancos foram atingidos gravemente, ontem á noite, em Brooklyn, num bairro habitado por brancos, por tiros disparados por negros.

Relata a Polícia que um grupo de cerca de 40 brancos avançava para quatro pretos, á esquina de um rua, com op ropósito de expulsá-los do bairro. Em vez de se irem embora, os pretos fizeram frente aos atacantes e dispararam alguns tiros. Um dos brancos foi atingido na cabeça e outro no abdómen.

### MANIFESTAÇÕES EM CHICAGO

CHICAGO, 11 — (F. P.). — Foi realizada ontem, ao fim da tarde, sem incidentes, uma manifestação surpresa contra a discriminação racial no alojamento, em que participaram cerca de 200 negros e alguns brancos.

# Trinta mortos e 82 feridos na derrocada de duas pontes

**CARACAS (Venezuela), 11 — (A. N. I.) — Morreram vinte pessoas e outras trinta são dadas como desaparecidas, na derrocada de uma ponte, no rio Caparo, sob um autocarro que a atravessava, perto de Punta de Piedras no Sudoeste da Venezuela.**

**Houve vítimas entre os passageiros do autocarro e entre as pessoas reunidas numa plataforma, vendo a forte corrente do rio.**

### DESASTRE NO CANADÁ

**OTTAWA (Canadá), 11 — (A. N. I.) — Morreram 10 operários e 51 ficaram feridos, dos quais 21 em estado grave, por ter abatido uma secção de 18 metros de comprimento da ponte rodoviária de Heron, em construção próximo da capital canadiana.**

**A ponte situa-se 24 metros acima do nível do rio Rideau. O acidente deu-se quando a secção da ponte se soltou dos seus apoios, despenhando-se sobre o vale do rio.**

**Centenas de voluntários acorreram ao local do acidente auxiliando a recolher os mortos e a transportar os feridos para o hospital de Ottawa.**

**A Polícia fechou ao transito as estradas vizinhas e pediu aos motoristas que se mantenham afastados.**

# MORRIS 850

## O CARRO QUE FAZ EQUIPA!

Em remo, da proa à ré, tudo depende do acerto duma equipa. Como tudo depende, quando se fala em segurança, do acerto carro - condutor. E o MORRIS 850 com o seu já célebre "poder de adaptação" a qualquer tipo de condutor, é só por si um certificado de segurança para quem o conduz. MORRIS 850 - o carro que merece qualquer condutor porque é - o carro que faz equipa!

**A. M. ALMEIDA, S.A.R.L.** - Avenida da Liberdade, 11, 11-A - Lisboa

COMENTÁRIO DA QUINTA TIRADA

# Expectativa redobrada sobre determinados enigmas

- **O Benfica respira saúde e gosta de se mostrar, porque pode**
- **Terceira média consecutiva inferior ao estipulado**
- **Os cofres dos organizadores aliviados por causa da precária condição atlética dos corredores e do medo provocado pelo próximo dia 13**

Por FERNANDO SOROMENHO
(nosso enviado especial)

**Sem razões de queixa, contra a temperatura e contra o perfil do percurso (correu-se, de manhã e desceu-se bastante, embora com um chorrilho de curvas), voltou a não se cumprir a média estipulada pelos organizadores.**

**Em vez dos 38 quilómetros, para 142 quilómetros, o vencedor (Alberto Carvalho), fez 35,951. Por conseguinte, pela terceira vez consecutiva os voltistas não corresponderam à expectativa, pelo que se confirmou, a deficiente preparação e o medo que estão a provocar as durissimas tiradas do próximo dia 13: a escalada das Penhas da Saúde e o contra-relógio individual, de Fundão para Castelo Branco. Ao dafraudamento da expectativa mencionada, alia-se, pois, outra expectativa, esta sobre determinados enigmas em que avultam as atitudes do Benfica, até ontem impressionante de à-vontade, e do Sporting, confinado a papel passivo. Também, a posição do F. C. Porto, de posse da camisola amarela, oferece motivos para se enquadrar na esquemática aludida, considerando a desistência do seu primeirissimo plano, Joaquim Leão, vencedor da Volta de 1964.**

**A ligação entre Viseu e o Porto, através de paisagens deslumbrantes, oferecidas pelas regiões do Vale do Vouga e de Vale de Cambra, dispensa radiografias e a chamada de especialistas, À vista desarmada, pressente-se o funcionamento dos órgãos internos e apontam-se, com o dedo, as zonas afectadas e as zonas sãs. Elementar...**

**A história conta-se em poucas palavras.**

**O sangalhense António Ferreira, que é por sinal de Coimbra, estimulado por vários «esticões» benfiquistas, esgueirou-se ao pelotão, a 11 quilómetros da partida. Durante 81 quilómetros, manteve-se na situação de «leader» para transmitir a impressão de que os seus intentos não seriam molestados. A ideia robusteceu-se. Mas, como é tradicional no ciclismo, o pelotão despertou da sua letargia, graças a um golpe de Acúrsio, um benfiquista, que levou na sua roda o portuense Alberto Carvalho. Descia-se a bom descer. E descia aos poucos, o avanço do sangalhense. A 40 quilómetros do Porto, Ferreira viu a sorte a andar para trás e, 13 quilómetros volvidos, não teve outro remédio senão dizer adeus aos dois homens da jornada. Chegou à meta com 2 m 24 s de atraso.**

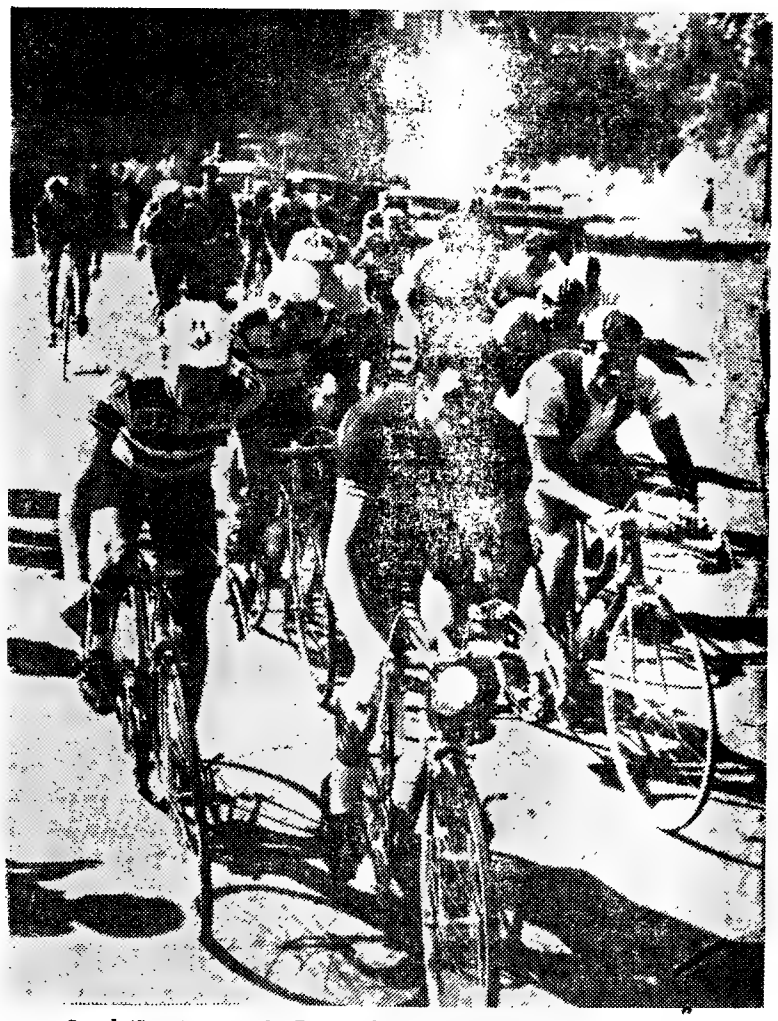
**O resto consistiu num «show». Alberto tomou o pulso a Acúrsio. Este, respondendo, tomou o comando, esquecendo-se que levava, na sua roda, a astúcia da raposa. E, dentro da pista das Antas, o portuense fez a demonstração cabal de que a reserva de energias é fundamental para os momentos decisivos. O benfiquista, aturdido por complexos de responsabilidade e acusando os efeitos do esforço produzido através do acesso que contorna a cidade, depois de ultrapassado o tabuleiro inferior da ponte de D. Luís, cedeu, naturalmente. A festa, claro, pertenceu às centenas de adeptos do F. C. Porto.**

**António Ferreira, um secundário sem pretensões na tabela classificativa, procedeu sem dar azo a discordancias. A distancia era convidativa, tal como as caracteristicas do traçado, para uma iniciativa desta natureza. Simplesmente, o Benfica entendeu não conformar-se e o sonho desfez-se. Mesmo para o Benfica, que não contou com o trunfo de Alberto Carvalho.**

**A tirada assemelhou-se ao limão ressequido. Um resquício de sumo e nada mais. Todavia, serviu para comprovar a sequência lógica dos avisos da véspera. Quem não estava em condições não pode disfarçar... Além de Leão, outro consagrado, Jorge Corvo, abandonou a competição, talvez para sempre. Com a sua idade, desaires destes são como os ácidos corrosivos. Não perdoam...**

**Ainda tem cabimento a referência á equipa desta Volta, a benfiquista, é bom de ver, as camisolas verde e azul-celeste estão nos dorsos de dois dos seus representantes (Peixoto Alves e Francisco Valada); por equipas, o comando pertence-lhe; no segundo e terceiro lugares da «geral», encontram-se Fernando Mendes e António Acúrsio; e, em cinco tiradas, duas vitórias. Por isso, o «claxon» de um dos seus carros de apoio tocou desabridamente, a caminho do Porto. Sinal de que se quer mais e melhor...**

**Apontamento final: os cofres dos organizadores da Volta anunciam «bom tempo». A baixa de 18 unidades, em cinco dias de prova, dos quais três foram a sério, representa uma diminuição nos encargos. Até no papel dos comunicados oficiais se poupam uns razoáveis tostões. É que grão a grão enche a galinha o papo...**



O pelotão atravessando Pessegueiro do Vouga, em bom andamento

# JÁ TEM FAVORITO?

## • Gente da Volta pronuncia-se

Como, de resto, sempre acontece na festa nacional do ciclismo, e apesar de estarem percorridas cinco escassas tiradas já há muitas desilusões.

Há a registar actuações valiosas, mas igualmente actuações desoladoras. No entanto, as hipóteses de vencedor da prova continuam a ser várias.

Contudo, em Viseu, procurámos entre a gente conhecida da Volta algumas opiniões sobre o provável vencedor.

Américo Raposo, antigo corredor do Sporting, que conduz o carro do «Diário de Notícias», disse-nos:

— Peixoto Alves pode beneficiar da forma da sua equipa. Mário Silva, João Roque e, talvez, outros podem ter hipóteses, pois anda muita gente junta, em condições de provocar alterações na tabela classificativa.

Adriano Parreira, conhecido locutor da T. V., «estreante» na prova, afirmou:

— Ainda voto em Peixoto Alves. Parece-me um corredor vivo e não deve estar vencido por ter perdido a camisola amarela. Além disso, tem sido um dos grandes animadores da corrida.

Rui Raposo, irmão de Américo Raposo, também antigo ciclista do

(Continua na página seguinte)

# Peixoto Alves, João Roque Sousa Santos e Manuel Graça

## consideram, por unanimidade que os próximos dias são decisivos

A ligação entre Viseu e Porto, para cumprimento da quinta tirada da Volta trouxe certa movimentação algo inesperada, pois admitia-se, até certo ponto, que a chegada ao Estádio das Antas fosse dominada por elementos do F. C. Porto, certamente desejosos de se evidenciarem na sua terra.

A própria escapada do sangalhense António Ferreira, que o pelotão fácilmente consentiu, deu quase a indicação que os portuenses não deixariam fugir quem quer que fosse, com pretensões.

Contudo, o benfiquista António Acursio não esteve de acordo com tal impressão abalou e apenas o Alberto Carvalho seguiu na sua companhia. Esteve quase a resultar a mudança de camisola amarela, mas Mário Silva manteve o importante símbolo.

Esta tirada deu a indicação que a luta pelo primeiro lugar vai dar muito que falar. No Estádio das Antas, ouvimos quatro dos principais elementos que se admite virem a ser figuras importantes nessa luta que se avizinha: Peixoto Alves, João Roque e os seus respectivos treinadores.

Começámos pelo ex-camisola amarela». Peixoto é um corredor sempre disposto a falar e disse com desembaraço:

— Como as posições se encontram escalonadas, muita coisa pode suceder, de um momento para o outro. A luta está sempre presente em qualquer momento e, portanto, a atenção tem de ser permanente.

— O primeiro lugar continua ao seu alcance. Que pensa fazer?

— O mesmo que os outros, em idênticas circunstancias. Não fazer loucuras e desferir o golpe na ocasião mais oportuna.

— Quando?

— Não sei. Pode ser depressa, mas também pode demorar... Só se for impossível...

João Roque, por sua vez, é menos expansivo. Mede bem as palavras que profere:

— É evidente que não abdiquei de, se puder, ganhar a Volta. As coisas, porém, estão bastante problemáticas e o meu companheiro Manuel Correia está igualmente em boa posição. Portanto...

— Vai esperar?

— Acho que é melhor fazê-lo, durante mais algum tempo.

— Até quando?

— Talvez até á Guarda. Creio que aí vão acontecer coisas importantes.

O técnico do Benfica é, neste momento, um homem feliz. Sousa Santos tem visto os seus pupilos em grande evidência, nos últimos dias, e mostra-se confiante.

— Penso que tenho razões para estar satisfeito. É certo que não tenho a camisola amarela, na minha equipa, mas não custa reconhecer que sete corredores do Benfica estão especialmente bem classificados e prontos para qualquer eventualidade.

— É uma boa vantagem...

— Pois é, mas trabalhámos muito para ela.

— A fuga de Acursio visava o primeiro lugar?

— Foi uma simples tentativa.

— Para insistir?

— Como a equipa se encontra, a ocasião é boa para continuar.

Por fim, o técnico do Sporting, Manuel Graça não dá mostras de desanimo ou descontentamento e espera confiante:

— Ninguém pode afirmar que a Volta está resolvida. É certo que não vamos começar agora a prova, mas também não custa reconhecer que faltam ainda etapas de grande importancia.

— Já próximas...

— O que quer dizer que dentro de pouco tempo se começe já a descortinar algo de concreto.

— Da parte da sua equipa?

— Mantém intactas as suas aspirações e não há motivos para se deixar de acreditar nela.

— Mesmo enfraquecida?

— Ficaram os homens mais for-

## Eliminado e desistente ao mesmo tempo?

**O comunicado do juri, distribuído em Viseu, refere que foi eliminado o corredor n.º 72, do Sporting, António Ferreira, devido a ter infringido o previsto na alínea k) do artigo 106.º e acrescenta que foi resolvido participar o caso á direcção da Federação Portuguesa de Ciclismo.**

**Esclarece-se que a referida alínea alude á infracção que prevê sanções para os corredores que se utilizam de reboques, isto é, de auxílio de meios estranhos aos seus próprios recursos atléticos.**

**Todavia, no mesmo comunicado informa-se que aquele corredor desistiu. Parece-se estar diante de uma contradição. Se o corredor desistiu não pode ser eliminado. Todavia, Vicente Paulo Martins esclareceu que a principal infracção, ou seja, o reboque é muito mais grave para possibilitar o perdão do juri e muito mais a indiferença da direcção do F. C. P. Para faltas da natureza em causa está previsto, pelo menos, o castigo de seis meses de suspensão. A circunstancia de António Ferreira ter desistido não o ilibe da culpa ao regulamento da prova. A desistência deu-se sem quebrar a gravidade da sua infracção.**

## De acordo...

**O dr. Barreiro de Magalhães, por força das circunstancias, está autorizado a falar de cátedra sobre determinados problemas relacionados com a condição física dos corredores que participaram e participam nesta Volta. E, a nossa concordancia com a sua doutrina, exposta a tirada mais longa: Fafe-Viseu.**

**Segundo o médico da Volta, tornou-se incompreensível que o director da corrida, em face do forte calor que se fez sentir, não houvesse ordenado o abastecimento liquido. E o dr. Barreiro de Magalhães acrescentou: «Fui testemunha de vários casos, autenticamente dramáticos, de corredores sofrendo as torturas da sede, com visíveis sinais de desidratação. Por vezes, não sabemos se o sofrimento do corredor que se abeira do carro do médico é real ou devido a qualquer fingimento, mas hoje quase posso garantir que o mal de que se queixavam era mesmo a falta de água».**

**Esta censura velada condensa uma grande verdade. O director da corrida esqueceu-se do sofrimento alheio. E, francamente, não custava mesmo nada tomar providências nesse sentido. Oxalá não volte a esquecer-se...**

## 6.ª TIRADA NAS ANTAS

# ASSOBIOS E OS CORREDORES PRIVADOS DE ALGUMAS HORAS DE REPOUSO

PORTO, 10 — O Estádio das Antas registou boa afluência de público. A formação das séries provocou suspeitas, por influência de interesses clubistas e porque realmente houve desequilíbrio de forças. Por isso as assobiadelas abundaram. Um pandemónio.

A tirada, a sexta, tida como passatempo para perder tempo, provocou, mesmo assim, algumas alterações na tabela classificativa. Questões de segundos. A principal consistiu na subida do benfiquista Acúrsio ao 2.º lugar. Acúrsio ganhou 1 segundo a Mário Silva, 41 segundos a Fernando Mendes, 22 segundos a Manuel Correia, 14 segundos a Peixoto e Roque e 25 segundos a Valada.

Na primeira série, o belga Vanden Nest ouviu das boas por fazer barragem a João Roque e por «sprintar» como um monstro. Foi o vencedor com 12 minutos e 45 segundos.

Na segunda série, Laurentino Mendes, Manuel Castro, Valada e Gevaert correram como irmãos siameses, mas quem ganhou foi José Pinto. Tempo: 12 minutos e 45 segundos.

A terceira série foi o «show» da noite, graças a Peixoto Alves, que defrontou três sportinguistas (Patrício, Emiliano e Carlos Santos), o tavirense Palma e o brasileiro Renato. Peixoto demonstrou a sua «ralé» inconfundível. O público, de pé, aplaudiu-o. Tempo do vencedor (Peixoto Alves, claro): 12 minutos e 50 segundos.

Na quarta série, o belga Semissaert «fugiu» á partida sem opção, vencendo com 12 minutos e 58 segundos.

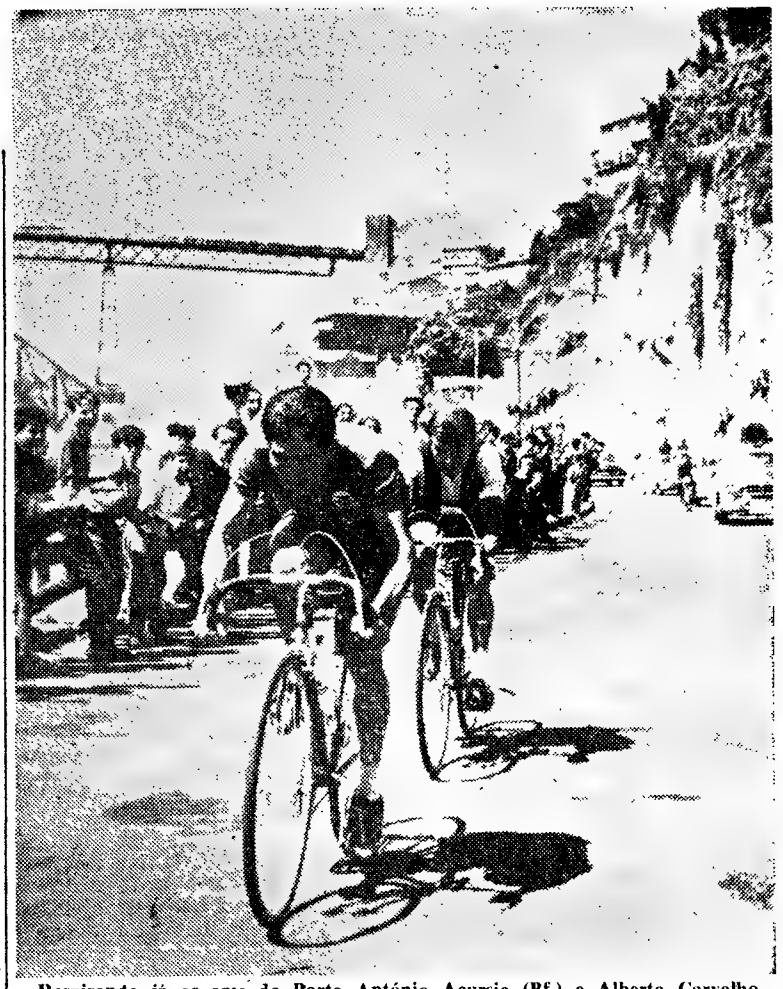
Registou-se, a seguir, a melhor corrida, na quinta série. Os benfiquistas Acúrsio e Pedro Moreira dominaram a situação. Pedro Moreira fez 12 minutos e 36 segundos, o melhor tempo, á média de 42.857.

Na sexta série, Fernando Mendes foi assobiado de modo estranho. Indalécio foi perseguido pelo seu companheiro de equipa Páscoa, e Venceslau «rebocou» Fernando Mendes. Vencedor: Sérgio Páscoa, em 13 minutos e 17 segundos.

A última série contou com o «camisola amarela», Mário Silva, mas quem triunfou foi o sportinguista Leonel Miranda. Tempo: 12 minutos e 37 segundos. O segundo da noite.

Concluindo: o F. C. Porto fez boa receita. A «Volta» foi manchada, outra vez, como uma caricatura de corrida, e os corredores deitaram-se muito tarde para se levantarem muito cedo. Acúrsio, no entanto, deve ter sonhado com ouro...

FERNANDO SOROMENHO



Respirando já os ares do Porto António Acursio (Bf.) e Alberto Carvalho (F. C. P.) aceleraram o andamento a caminho das Antas

# Números e nomes

## À PARTIDA PARA A TIRADA DE HOJE

### Quadro de honra

**Vencedores das tiradas**

1.ª Peixoto Alves (Benfica)
2.ª Vanden Nest (Flandria)
3.ª Manuel Correia (Sporting)
4.ª António Moreira (Benfica)
5.ª Alberto Carvalho (F. C. P.)
6.ª António Moreira (Benfica)

**Portadores da camisola amarela**

1.ª —
2.ª Peixoto Alves (Benfica)
3.ª Peixoto Alves (Benfica)
4.ª Mário Silva (F. C. P.)
5.ª Mário Silva (F. C. P.)
6.ª Mário Silva (F. C P.)

**Equipas vencedoras das tiradas**

1.ª S. L. e Benfica
2.ª Flandria
3.ª Sporting C. P.
4.ª S. L. Benfica
5.ª S. L. Benfica
6.ª Ginásio de Tavira

**Vencedores das contagens para o «Prémio da Montanha»**

1.ª António Acursio (Benfica)
2.ª Sérgio Páscoa (Tavira)
3.ª Laurentino Mendes (Benfica)
4.ª Laurentino Mendes (Benfica)
5.ª António Ferreira (Sangalhos)

**Os melhores de cada equipa**

1.º Mário Silva (F. C. Porto)
2.º António Acursio (Benfica)
4.º Manuel Correia (Sporting)
9.º José Azevedo (Cedemi)
10.º A. Cardoso (Sangalhos)
15.º Indalécio de Jesus (Tavira)
17.º Smissaert (Flandria)

### AS BAIXAS DA PROVA

**Os que não alinharam à partida**

35 — Joaquim Andrade (Sangalhos)

**Eliminados (7)**

*Na 3.ª tirada* — n.º 50, José Vale (ind.); n.º 73, Roberto Barbosa (S. Paulo)

*Na 4.ª tirada* — 13, Roger Dewilde; 15, Marin Creelle; 16, N. Meens e 17, A. Planckaert, todos da Flandria; 47, J. Precioso (Cedemi).

*Na 5.ª tirada* — 32 Henriques da Silva (Sangalhos).

**Desistentes (8)**

*Na 4.ª tirada* — 11, H. Docan e 20, L. Willenes, ambos da Flandria; 46, António Pereira, da Cedemi; 57, Joaquim Freitas e 59, Manuel Jorge, ambos do F. C. Porto; 61, Albano Ferrer e 62, António Francisco, ambos do Sporting; 72, Pedro de Sousa, de S. Paulo.

*Na 5.ª tirada* — 27, Jorge Corvo (Tavira); 51, Joaquim Leão (F. C. Porto).

**Os efectivos das equipas**

| | | |
|---|---|---|
| Benfica | 10 | (10) |
| Flandria | 4 | (10) |
| Tavira | 8 | ( 9) |
| Sangalhos | 6 | ( 7) |
| Cedemi | 5 | ( 7) |
| F. C. Porto | 6 | ( 9) |
| Sporting | 8 | (10) |
| S. Paulo | 1 | ( 3) |
| Individuais | — | ( 1) |
| | 48 | 66 |

### MÉDIAS HORÁRIAS

| *Tiradas* | *Prevista* | *Realizada* |
|---|---|---|
| 1.ª | (a) | 46,753 |
| 2.ª | (a) | 45.649 |
| 3.ª | 36,000 | 33.163 |
| 4.ª | 35,000 | 33,927 |
| 5.ª | 38,000 | 35,959 |
| 6.ª | (a) | 42,857 |

(a) Realizada em pista, ou circuito.

# O adeus de um algarvio e de um bom desportista

Jorge Corvo despediu-se da Volta e talvez tenha dito adeus, definitivamente, á mais importante competição velocipédica que entre nós se disputa. A sua idade, que não é um velho trôpego, esclarece-se, já não lhe consentirá que se dedique afincadamente aos treinos para poder regressar ás suas famosas epocas do apogeu das suas faculdades físicas.

A caminho do Porto, cidade que sempre o acarinhou e o admirou, o Jorge, de lágrimas nos olhos, a sofrer momento doloroso, abandonou a prova. A caravana sentiu a desistência, porque se habituou a ver no algarvio, que não costuma ser expansivo a falar, um desportista de alto a baixo, credor de respeito.

O Ginásio de Tavira, que sempre primou pelo aprumo das atitudes dos seus dirigentes e atletas, pode ufanar-se de contar com um corredor da estirpe de Jorge Corvo. A sua presença no ciclismo português deixou impressões vincadas, a despeito de nunca ter ganho a Volta. Por duas vezes, perdeu, apenas por segundos, o primeiro lugar. Foi em 1959 e 1963.

Jorge Corvo, que veio para esta Volta, ressentindo-se de doença recente, o que prejudicou a sua preparação, desistiu, pela primeira vez, após nove participações consecutivas.

Embora derrotado, Tavira e o Algarve podem orgulhar-se do seu excelente «estradista». E nós, para lhe significarmos uma simbólica homenagem, só desejamos que no desporto português despontem outros atletas com a envergadura de Jorge Corvo.

**SINTRA ESPERA-O**
**NO DOMINGO**
Para a sua deslocação utilize os
**COMBOIOS ELÉCTRICOS**

# Já tem favorito ?

(Continuação da página anterior)

Sporting, que conduz o carro do médico da Volta, comentou:

— Manuel Correia é o que se mostra com mais possibilidades de vencer. Penso até que é o único que sabe fugir do pelotão, fazendo-lhe frente com determinação. Não quero dizer, no entanto, que não veja outros capazes de ganhar.

Maximiano Rola, antigo ciclista do Lisgás e do Sporting, motociclista da prova, disse:

— Estou convencido de que será um corredor do Benfica, cuja equipa me parece mais homogénea, capaz de lançar um «leader». Estou a ver muita gente a fraquejar perante o força dos «encarnados».

José Manuel Marques, antigo corredor do Alpiarça, anda na prova como funcionário da «Robbialac» e teve a mesma opinião de Rola:

— Acho que os homens melhor classificados do Benfica têm mais fortes possibilidades de vencer, considerando o rendimento da equipa, na caminhada para Viseu.

Vítor Campos é o intérprete da Flandria, junto dos jornalistas belgas. Para ele o favoritismo oferece-lhe o seguinte pensamento:

— Talvez João Roque, por ser um corredor duro e resistente. Esta Volta, está provado, exige muita resistência. Aliás, logo na pista das Antas, os próprios jornalistas belgas disseram que João Roque lhes parecia o corredor mais forte. Tenho exactamente a mesma opinião.

## Saídas

● **Demos já notícia sobre o estranho procedimento de quatro corredores belgas que, tendo abandonado a Volta, foram obrigados pelo seu director técnico a percorrerem grande parte do percurso da tirada Viseu-Porto. Por isso, partiram antes da caravana, devidamente equipados, provocando surpresa e confusão na multidão que se encontrava nas bermas da estrada. O acontecimento, por ser inédito, abriu um precedente que, se pega, originará um pandemónio dos diabos. É que os desistentes, como o fizeram os belgas, resolveram parar para verem a passagem da caravana, dando origem a equívocos escusados. De resto, uma «Volta» não é competição destinada a treinos. Lamenta-se, portanto, a omissão do comunicado do juri a este respeito. Se fossem portugueses, não escapavam...**

● Manuel Tiago, seccionista do Sporting, aparenta uma verticalidade de dirigente que apraz assinalar. Correctíssimo e sempre atencioso para os jornalistas, que o procuram a fim de serem esclarecidos sobre qualquer problema relacionado com a sua equipa. Em Viseu, á partida para o Porto, Manuel Tiago aproveitou o ensejo para verberar o procedimento de António Ferreira, que foi eliminado, apesar de ter desistido, por ter sido visto a servir-se de reboque durante a prova, afirmando que o Sporting não gosta de ser desprestigiado por quem comete infracções desta natureza. «Os ciclistas, para além de serem profissionais, devem saber ser dignos da sua condição de desportistas». A afirmação de Manuel Tiago merece uma «camisola amarela». Nós atribuimo-la com todo o prazer...

● **O «Austin Spride», modelo «sport» descapotável, em que nos deslocamos, guiado pelas mãos seguras de Fernando Primo, sempre que tentamos retomar o contacto com o pelotão, após termos telefonado para a redacção, voa na estrada, metendo-se em buracos impossíveis. Parece um tufão. Ora, na tirada a caminho do Porto, numa dessas recuperações sensacionais, em que o Primo é «ás», um espectador, vendo o pequeno e rápido carro, pintado de vermelho, teve este comentário: «Olha, as corridas de automóveis só começam no sábado, mas este, para se treinar, anda aqui a dar «bigodes» nos ciclistas». O Fernando Primo sentiu-se como um incompreendido. Mas quando viu o arranque de Acursio gritou, recompensado: «P'rá frente, Benfica». Enfim, o Primo anda mais contente do que uma família inteira...**

● Os corredores, que andam em fuga quilómetros a fio, quando entrevistados, logo a seguir ao seu violento esforço, dizem coisas cómicas. O Laurentino Mendes, por exemplo, á chegada a Viseu referiu-se a um sonho que lhe fez antever a chegada, no dia seguinte, ao Porto como vencedor. «Sonhei para amanhã, mas, afinal, a coisa esteve para ser hoje». Horas depois o mesmo corredor declarava que tentara a fuga para beneficiar seu irmão Fernando, na sua opinião um dos favoritos para ganhar a Volta. E, para remate, informou que, este ano, será o ultimo, visto que irá para a Venezuela, em 1967.

● **Mais outro boletim médico: cinco corredores assistidos, durante a tirada Viseu-Porto. Esta Volta está a assemelhar-se a um hospital ambulante. Um médico é insuficiente para as encomendas...**

● Francamente, estão a ser muitíssimos escassos os apontamentos de recorte pitoresco. Por mais que se busque, o vazio é tremendo. Nos outros anos, ainda havia corredores que se distinguiam pelo seu espírito folgazão, ou por qualquer pormenor curioso. Como excepções, apontamos a boa disposição de Peixoto Alves que, de vez em quando, esfrega o estômago para dar a errada impressão de que tem dores, e as patilhas que o Valada está a deixar crescer.

● **Duas boas «pinceladas Robbialac»: o palanque onde trabalham os juízes e os cronometristas e a bancada destinada para a Imprensa. Parece impossível que a Federação, tantas vezes organizadora da Volta, não disponha de material adequado para as funções referidas. Se não houvesse «Robbialac», a pintura seria um borrão...**

# DESPORTOS

# O Sporting é finalista
## dos «Nacionais» de Handebol de 7

## VOLEIBOL

### Futuros corpos gerentes da A. V. L.

Na sede da Associação de Voleibol de Lisboa, realizou-se ontem, á noite, uma reunião de delegados dos clubes, com vista á elaboração da lista dos corpos gerentes para 1966-67.

Após ponderada troca de impressões foi marcada para data a designar, nova reunião em que serão indicados os nomes dos futuros dirigentes, prevendo-se a reeleição de alguns dentro dos limites que a lei faculta.

### As últimas jornadas da Taça de Portugal realizam-se em Ílhavo no sábado e no domingo

A encerrar as actividades da presente época realizam-se no sábado e no domingo, no Pavilhão dos Desportos de Ílhavo, respectivamente as meias-finais e a final da Taça de Portugal, de voleibol. No sábado jogam: Sporting de Espinho-Benfica e C.D.U.P.-L. Ginásio. No domingo a partir das 16 horas, jogam os vencidos e vencedores, da véspera.

A Federação, marcando para Ílhavo, estas jornadas, visou a propaganda da modalidade.


**SINTRA ESPERA-O**
**NO DOMINGO**
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS


## Nadadores de Vigo e de Lisboa
### exibiram-se com agrado na piscina de S. Bento

*A monotonia da natação lisboeta foi ontem — como será hoje — despertada por uma reunião (a 1.ª) de um torneio triangular internacional, em que intervieram nadadores do Real Clube Náutico de Vigo, do Clube Sportivo de Pedrouços e do Clube Nacional de Natação.*

*Os dois clubes lisboetas, cujos propósitos de fazerem algo de proveitoso para a valorização de tão salutar quão util desporto, tomaram uma iniciativa que só pode merecer louvores, por vários motivos entre os quais é notório o da sua capacidade de organização.*

*A presença dos nadadores de Vigo não deixou de suscitar o maior interesse, não porque se esperasse a presença de «ases» da natação espanhola, antes porque se admitia que os despiques que eles viessem a travar com os nadadores de S. Bento e de Pedrouços viessem a ser ardorosos — como de facto aconteceu.*

*E só foi pena que o simpático Clube Nacional de Natação não tivesse podido dispor de dois dos seus elementos mais representativos — Fernandes e Lança, ausentes por motivo dos Jogos da F. I. S. E. C. A réplica oferecida aos espanhóis teria sido, sem durida, mais caliosa do que foi, sem que, no entanto, deixasse de ser atraente.*

*A organização foi cuidada e a reunião foi seguida com manifesto agrado. Em suma, um festival ligeiro, despretensioso, mas merecedor de ser repetido e imitado.*

*Depois do desfile dos nadadores dos três clubes, da sua apresentação e do descerramento de duas lápidas (uma comemorativa da visita do R. C. N. de Vigo, e outra de um recente festival dos Jogos Luso-Brasileiros) pelos srs. Roberto Osores, do Clube Viguense e dr. Aurélio Martins, delegado da C. B. D. deu-se início ás provas*

*Uma das mais jovens nadadoras lisboetas, Ana Paula Valente (4 anos) nadou 25 metros, no estilo «bruços», ouvindo os primeiros aplausos.*

*Resultados técnicos:*

200 metros bruços (masculinos): *1.º, Miguel Balman (N. Vigo), 3.01,2; 2.º, Mário Bebiano (Nacional), 3.01,8; 3.º, Carlos Gomez (N. Vigo), 3.14,8.*

100 metros costas (femininos): *1.ª, Ondina Oliveira Carmo (Nacional), 1.30,3; 2.ª, Alexandra Costa (Nacional), 1.37,8; 3.ª, Isabel Centeio (Pedrouços), 1.52,7.*

100 metros mariposa (masculinos: *1.º, Ignacio Vizcaino (N. Vigo), 1.15,6; 2.º, Vítor Martins (Nacional), 1.16,5; 3.º, José Ramos (Pedrouços), 1.26,7.*

100 metros livres (femininos): *1.ª, Ana Paula Matos (Nacional), 1.20,7; 2.ª, Maria Helena Cunha (Nacional), 1.22,4; 3.ª, Maria Raquel Oliveira (Pedrouços), 1.29,6.*

100 metros bruços (femininos): *1.ª, Maria Teresa Gomes (Nacional), 1.27,7; 2.ª, Francisca Zasman (N. Vigo), 1.40,7; 3.ª, Isabel Rosa (Nacional), 1.42.*

100 metros costas (masculinos) *1.º, José Sousa Laranjo (Nacional), 1.18,6; 2.º, Ignacio Vizcaino (N. Vigo), 1.21; 3.º, João Paulo Costa (Nacional), 1.21.*

4x50 metros livres (femininos): *1.ª, Nacional (Ondina Carmo, Teresa Gomes, Paula Matos e Alexandra Costa), 2.27,7.*

4x100 metros estilos (masculinos): *1.º, Nacional (Laranjo, Bebiano, Gouveia Martins e Julio Vieira), 5.18.*

*Seguiu-se um animado desafio de polo aquático, com jeitos de ineditismo na piscina de S. Bento, que agradou sem reservas.* — D. D

Disputou-se ontem, á noite, a penultima jornada da 2.ª fase dos campeonatos nacionais de handbol de sete, com os resultados seguintes:

SENIORES

| | |
|---|---|
| Benfica-Sporting | 13-17 |
| F. C. Porto-Paramos | 23-16 |

JUNIORES

| | |
|---|---|
| Belenenses-Sporting | 14-13 |
| Beira Mar-F. C. Porto | 17-7 |

Com estes resultados ficaram conhecidos os finalistas da Zona Sul, o Sporting, nas duas categorias, que defrontará, em seniores o F. C. Porto e em juniores, o Boavista.

No encontro principal, na Luz, a maneira como as equipas encararam o jogo teve influência predominante no seu desenrolar.

O Sporting, que, praticamente, entrou a ganhar por oito golos, adoptou uma toada cautelosa na sua defesa e embora beneficiando de certa infelicidade do seu adversário, ao intervalo, perdia apenas pela diferença mínima (5-6). Reatado o encontro e com o Sporting, já com António Marques, os leões lograram adiantar-se no marcador (11-8) e até final a sua superioridade foi evidente, perante um antagonista completamente desorientado e sem força física para se opôr á toada calma e eficiente do vencedor.

Pode afirmar-se que ganhou a equipa que melhor defendeu — a diferença de processos defensivos foi notória entre as duas equipas — e, também aquela que teve um guarda-redes a dar confiança aos companheiros e que soube ainda anular com facilidade impressionante os rematadores adversários, caso bem frisante no duelo Martins-Borges.

Em relação aos encontros desta época entre os mesmos contendores este foi, de longe, o pior, em relação ás duas equipas, mormente á dos benfiquistas que, na segunda parte irreconhecíveis, em que a precipitação reinou em todos os seus elementos

O antigo internacional Paulo Claro, do Porto, foi o árbitro e, também contribuiu para o muito de mau que se verificou no encontro. Critérios algo desconcertantes a pedir providências urgentes para as ilacções provenientes dos colóquios que Emile Horle veio fazer ao nosso País.

## NOTÍCIAS DE FUTEBOL

As equipas mostram pressa de se prepararem para a próxima época. Não admira, portanto, que o Benfica e o Belenenses tenham combinado para hoje, ás 21 e 45, um desafio-treino, no Estádio da Luz.

*

Finalmente, dá-se como certa, após longo período de incerteza, a presença do barreirense Adolfo no clube dos «encarnados».

*

O F. C. Porto espera a visita do Atlético de Madrid, no próximo dia 28. Bom princípio de época para os portuenses.

*

O Desportivo da C. U. F. iniciou já a preparação das suas equipas. Nota mais sensacional: a reaparição do guarda-redes Vítor Manuel, vítima de um grave acidente, no Porto, na ultima época.

*

Francisco Cabrita será o adjunto de Francisco Riera na preparação das equipas principais do Benfica. Diz-se que Ângelo receberá o encargo da preparação dos juvenis.

*

O conhecido guarda-redes do Lusitano de Évora, Vital, passa a representar o Vitória de Setubal, no qual já ontem encetou os treinos. Também na equipa sadina ingressaram Mateus (ex-Portimonense) e José Carlos (ex-Almada).

*

Rafael (ex-Sanjoanense) e Assis (ex-Almada) foram transferidos para o Atlético.

## José L. Sousa e Melo
### um jovem jogador de golfe em evidência

Uma equipa de golfe de juniores portugueses, com a incumbência de representar o nosso País no campeonato europeu, há dias disputado na Holanda, teve ali meritório comportamento, vencendo as selecções da Áustria e da Suiça e classificando-se em 2.º lugar do 2.º grupo, o que correspondeu á 10.ª classificação (entre dois países).

Mas não se limita a isto a passagem dos jovens portugueses pelos certames além fronteiras.

O jogador José Lara de Sousa e Melo — uma verdadeira «esperança» do golfe português —, nome já bem conhecido e detentor de um valoroso palmarés, graças á sua óptima actuação na Holanda, mereceu a escolha para a equipa continental, designada para defrontar a Inglaterra e participar no «Boys Championship».

Por esse motivo seguiu directamente da Holanda para Inglaterra.

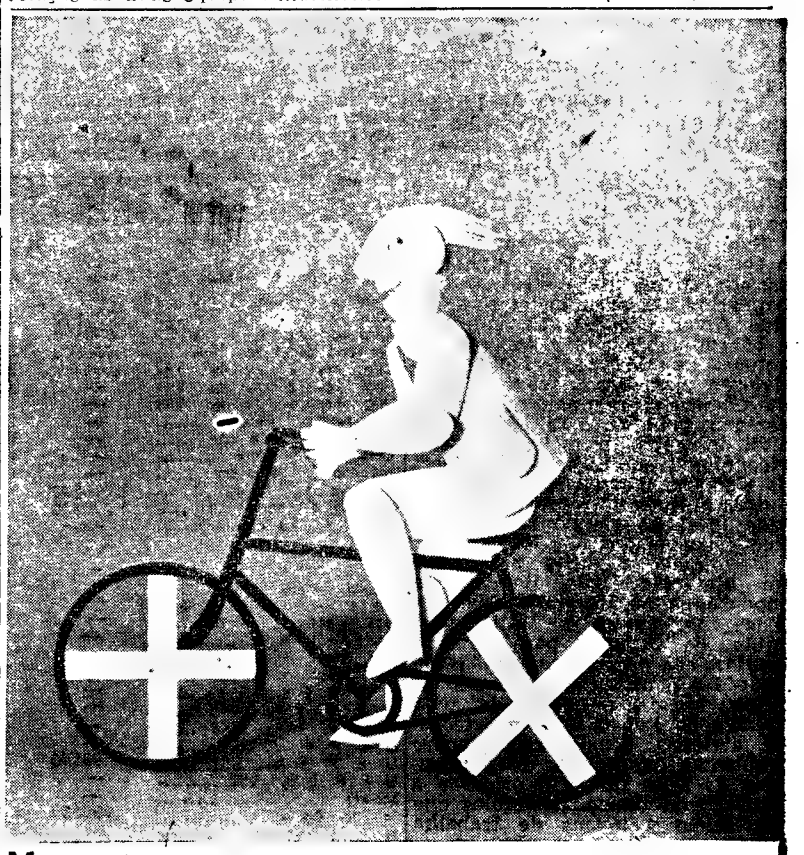
descanse...
descansado!

Como habitualmente, a nossa casa forte, com todos os dispositivos de segurança, está à sua disposição para guarda dos seus valores e arrecadação de volumes.
Instalações melhoradas e ampliadas.

FÉRIAS SÃO FÉRIAS

**Vá tranquilo! Nós olhamos pelo que é seu.**

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
UM CASO ESPECIAL NA BANCA PORTUGUESA



some... multiplique...

...as suas economias

COFRE-MEALHEIRO

"Depósitos em condições especiais"

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
UM CASO ESPECIAL NA BANCA PORTUGUESA

# BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇOES DE CONSULTA QUOTIDIANA

## Programa da Rádio

EMISSORA — **1.º programa** — 451 — 665 kc/s — As 18: Noticiário; 18 e 10: Dançam 18 e 35: Rádio Mocidade, programa da Mocidade Portuguesa; 19: Noticiário regional; 19 e 10: Atenção, Luanda!; 19 e 15: «A Ciência e o Homem», pelo dr. António Manuel Baptista; 19 e 35: Instrumentistas — Reportagem da 29.ª Volta a Portugal em Bicicleta; 19 e 45: Festival 66; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 21: Bailarico; 21 e 20: 31.º episódio do folhetim «Exodus»; 21 e 40: Música brasileira; 22: Ontem e hoje; 22 e 30: Noticiário — Boletim meteorológico; 22 e 40: Espectáculo, magazine de teatro e cinema; 23: Programa da noite; 0: Noticiário — Programa da noite; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho.

**2.º programa** — 397 m — 755 kc/s — Às 18: Que quer ouvir?; 18 e 40: Música sinfónica; 20: Noticiário — Boletim meteorológico; 20 e 15: A ópera «A Voz Humana», de Francis Poulenc; 22 e 58: Resumo do programa; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 5: Fecho.

**3.º programa** — 94,3 m — Modulação de frequência 2 — Às 23: Intercâmbio-musical — Obras de Charles Chaynes — em gravações cedidas pela Radiodifusão Televisão Francesa; 23 e 46: Canções de Theodor Fröhlich, pelo tenor Ernst Haefliger; 0: Música de câmara; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS — 290,1 m — 034 kc/s — Às 17: Noticiário; 17 e 2: Bossa nova, 17 e 15: Campeão português; 17 e 30: Cartas ao Sr. Director; 17 e 45: Ela e o seu mundo — SEQUÊNCIA 18. 18: Histórias da tia Joaninha; 18 e 15. Clube das donas de casa; 19: Noticiário; 19 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio Jornal; 20: Noticiário; 20 e 15: Ribalta — QUADRANTE 2-9-0; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Conjuntos vocais; 21: Noticiário; 21 e 8: Um conjunto, 21 e 15: Vozes de Itália; 21 e 30: Andam cantigas no ar; 22: Noticiário; 22 e 2: Variando para agradar; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0 e 2: Meia-noite; 3 e 2: Sintonia-63; 6 e 2: Desculpe mas já são horas.

**Modulação de frequência** — 90,7 mc/s — Às 17: Noticiário, 17 e 55: O nosso programa; 19: Noticiário; 19 e 14: Em órbita; 20: Noticiário; 20 e 52: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 22: Noticiário; 22 e 2: Programa á Go-Go; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0 e 2: A noite é Vang; e 3: Fecha

**Emissor de Miramar** — 383,7 m — 782 kc/s — As 17: Noticiário; 17 e 2: Clube do disco; 17 e 46: À procura de um nome — PROGRAMA 18: 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19: Noticiário; 19 e 2: ...dirige o ritmo; 19 e 15. Vozes de Paris; 19 e 30: Robbialac, 19 e 45: Melodias para si — PROGRAMA PARA TODOS; 20: Noticiário, 20 e 3: Rádio Pascard; 20 e 17: Variedades; 20 e 45. Os nossos artistas; 21: Noticiário; 21 e 8: Orquestra; 21 e 15: Hoje é vedeta...; 21 e 30: Apenas musica; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22: Noticiário; 22 e 2: Bossa nova; 22 e 15: Ele e ela; 22 e 30: Conjuntos de ritmo; 22 e 45: O fado na voz de...; 23: Noticiário; 23 e 5: Clube da Juventude; 0 e 2: Meia-noite; 2: Fecho

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1285 kc/s — Às 18: Canções para ouvir e recordar; 8 e 25: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: C. C. C. igual a C. C. C.; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Cartaz musical do Brasil; 20: Sinfonia da vida; 20 e 15: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: Selecções; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Musica do cinema; 22 e 45: Noite e ritmo; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

**Emissor do Porto** — 2560 m — 1169 kc/s — Às 18: Tangos; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Musica seleccionada, 19 e 25: Publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Programa de Lisboa; 20: Musica e acaso; 20 e 15: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 22 e 30: Programa de Lisboa; 22 e 45: Noite e ritmo; 23 A 23.ª hora; 2: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 397 m — 755 kc/s — Às 17: Abertura; 17 e 5: Rumo ao futuro; 17 e 15: Separador; 17 e 20: Musica do século XX ou concerto; 17 e 45: Noticiário; 17 e 55: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — 188 m — 1594 kc/s — (99,4 m/c) — Das 17 e 30 ás 19: Clube Radiofónico de Portugal. 19 ás 22: Rádio Graça; 22 ás 2: Rádio Peninsular.

## Programa da TV

HOJE — Às 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Telejornal — edição da tarde. 19 e 45. Fury («O Pequeno Ladrão de Cavalos» com Peter Graves, Bobby Diamont, William Fawcett, Jimmy Baird e Roger Mosley. Realização de Ray Nazarro); 20 e 10, Ambiente e Decoração; 20 e 35, Barreira de Sombra; 21, Telejornal — edição da noite; 21 e 25, Boletim Meteorológico; 21 e 30, Agenda da Praça; 21 e 40, No Mundo da Arte; 22, Um Homem Chamado Shenandoah; 22 e 30, Variedades («Novas Canções Portuguesas» — 3.º programa, com a colaboração de Artur Ribeiro, Mara Abrantes, António Luz, Gina Maria, Artur Garcia, Cidália Moreles, Tony de Matos, Guilherme Kjölner, Zelinda Isabel e António Galvário. Orquestra sob a direcção do Maestro Tavares Belo. Realização de Oliveira Costa); 23 e 5, O Cavaleiro da Mansão Vermelha (Ultimo episódio. Realização de Claude Barma, segundo o romance de Alexandre Dumas, com Annie Ducaux e Jean Desailly); 23 e 30, XXIX Volta a Portugal em Bicicleta — reportagem dos enviados especiais da R. T. P.; 23 e 45, Telejornal — ultimas notícias; 23 e 50, Meditação; e 23 e 55, Fecho

AMANHÃ — Às 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Telejornal — edição da tarde; 19 e 45: Os Vigilantes dos Céus — «Desafio á Morte», com Kenneth Tobey e Craig Hill; 20 e 10, Ao Serviço da Nação — um programa das Forças Armadas; 20 e 35, Fim de Semana — «Vila do Conde»; 21, Telejornal — edição da noite; 21 e 25, Boletim Meteorológico; 21 e 30, Agenda da Praça; 21 e 40, Sangue na Estrada; 21 e 50, Concurso «Dize Tu, Dire Eu» (6.ª sessão Apresentação de Artur Agostinho e Maria Helena Fialho Gouveia); 22 e 25, Danger Man; 23 e 20, XXIX Volta a Portugal em Bicicleta — reportagem dos enviados especiais da R. T. P.; 23 e 35, Telejornal — ultimas notícias; 23 e 40, Meditação; 23 e 45, Fecho.

## Serviços urgentes

### Telefones

**BOMBEIROS** — Sapadores 322222 ✿ Voluntários, 538524

**AGUA GAS E ELECTRICIDADE** — Companhia das Aguas, 361353 ✿ Companhias Reunidas 537021 ✿ Gazcidla 538821 ✿ Gazcidla (dom. e feriados) 382069

**POLICIA E G N R** — Serviço de emergência, 115 ✿ Segurança Pública 366141 ✿ Judiciária 735380 ✿ Marítima 326456 ✿ Internacional 362721 ✿ Viação e Trânsito 42205 ✿ G N R (área rural) 36865)

**SAUDE** — Cruz Vermelha 665342 ✿ Enfermagem permanente, 766161 ✿ Enfermagem de urgência, 43738 ✿ Hospital de Santa Maria, 775171 ✿ Hospital de S. José, 860131 ✿ Sangue, oxigénio e soro, 771161 ✿ Transfusões soros e oxigénio, 538524

**TRANSPORTES** — Aeroporto 721101 ✿ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✿ ✿ Caminhos de ferro (Estoril) 361121 ✿ Estação Fluvial (T. Paço) 325345 ✿ Estação Mar de Alcântara, 663195 ✿ Estação Marítima do Rocha, 672445 ✿ Estação Fluvial (Belém) 638531

## Farmácias de serviço

### ● Em Lisboa — Turno G

(Ver pelos bairros das mediações e telefones entre parêntesis)

**AJUDA** — Moura, Trav do Memória, 55 (630944) ✿ Biotifar, R. D. João de Castro, 27-B (638824)

**ALCANTARA** — Bairrão, R. Prior do Crato, 25 (661321)

**ALMIRANTE REIS** — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453)

**ALVALADE** — Zil, Av. do Igreja, 3-D (713780) ✿ Roma, Av. de Roma 85-B (772466) ✿ S. João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-B (725140)

**AMOREIRAS** — Britânica, Trav. do Léque do Póvoa, 5-B (689250)

**AREEIRO** — Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (727300) ✿ Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (726860)

**AVENIDAS NOVAS** — Alcântara, Av. da República, 14-A (713379) ✿ Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (713043) ✿ Dalva, Av. Duque de Avila, 125 (45225) ✿ S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira 1-9 (48642)

**BAIRRO DA ENCARNAÇÃO** — Zita, R. 1, lote 48 (388172)

**BAIXA** — Fernandes, R. de S. José, 187 (26476) ✿ Azevedo, Filho, Pr. de D. Pedro IV, 31 (21473)

**BENFICA** — União, Est. de Benfica, 592-594 (700092) ✿ Alegria, Est. de Benfica 80-A-B (780511)

**CAMÕES** — Moz Teixeira, R. Poço dos Negros, 115 (663961)

**CAMPO DE OURIQUE** — Lobel, R. de Infantaria 16, 98-B (688807) ✿ União, R. Saraiva de Carvalho, 110 (663643).

**CAMPOLIDE** — Salutar, R. B, n.º 5-A-B Bairro da Liberdade (683894) ✿ Pinto, R. de Campolide 83 B (682601).

**CASELAS** — Macedo Filho, R. do Gravato, 5-B (61 814)

**CHARNECA** — São Bartolomeu, Junto dos Balsares de Baixa Vila Paula Jorge (790969)

**CONDE REDONDO** — Sousa Martins, R. Sousa Martins, 25 (63468)

**ESTRELA** — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo lote 4 loja B (666971)

**ESTEFANIA** — Pancada Lda. Suc. R. Rebelo da Silva, 9 (43340)

**GRAÇA** — Ziler, R. de S. Tomé 54-56 (862835)

**LUMIAR** — Central do Lumiar, R. do Lumiar 11 (790480) ✿ Douro, Al. das Linhas de Torres 93-A-B (791131)

**MADRAGOA** — Eduardo A. César, R. das Trinas, 102 (662631)

**OLIVAIS** — Higiene, Rua B 4 lote 45 (388026) ✿ S. Paulo, Rua 2, junto à Estrada de Moscavide (Olivais Sul)

**PALHAVÃ** — Canto, Est. das Laranjeiras 202-B (780841)

**PENHA DE FRANÇA** — Central da Penha, R. Penha de França, 58-60 (849245) ✿ Vitalis, R. Morais Soares 66-A (848011)

**PICHELEIRA** — Lezmar, R. João do Nascimento Costa, 16 A (728395-720103).

**PRINCIPE REAL** — Albano, R. da Escola Politécnica, 59 (26750)

**REGO** — Baptista, R. Francisco Torres da Costa 3-C (771873)

**ST AMARO** — Correio de Azevedo, R. Luís de Camões, 48-50 (638625)

**DE SANTA APOLONIA AO BEATO** — Freitas, R. Zófimo Pedroso, 1-3 (881136) ✿ Banhe, Est. de Chelas, 173-175 (382241) ✿ — Frazão, R. da Cruz de St. Apolónia 90-92 (847019).

### ● Na Linha de Cascais

**ALGÉS** — Branco — Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081)

**CAXIAS** — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

**PAÇO DE ARCOS** — Godinho de Silva — Av. Patrão Lopes 4 (Tel. 2420039)

**OEIRAS** — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)

**PAREDE** — Brandão — Av. da Republica, 77-C (Tel. 2471054)

**ESTORIL** — Suíça — Cruzeiro (Tel. 260087)

**CASCAIS** — Marginal — Av. Marginal (Tel. 280078); A. Costa — R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

### ● Na Outra Banda

**ALCOCHETE** — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

**ALHOS VEDROS** — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

**ALMADA** — Algarve — R. Fernão Lopes, 1 (Tel. 270271)

**BAIXA DA BANHEIRA** — Nova Fátima — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

**BARREIRO** — Avenida — Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2273212)

**COVA DA PIEDADE** — Atlantico — Quinta do Pombal, 1 (Tel. 274365)

**MOITA** — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga, (Tel. 239025)

**MONTIJO** — Montepio — R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)

**SESIMBRA** — Lopes — R. Cândido dos Reis, 57 (Tel. 229028)

**SETÚBAL** — Normal do Sul — P. de Bocage (Tel. 22216)

**SEIXAL** — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 22 8560)

### ● Na Linha de Sintra

**AMADORA** — Cavaco — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 931149)

**DAMAIA** — Confiança — Est. Militar, lote D (Tel. 971023)

**QUELUZ** — Gil — Avenida Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes — Avenida Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)

**CACÉM** — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

**MEM MARTINS** — Química — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

**S. PEDRO DE SINTRA** — Valentim (Tel. 980456)

**SINTRA** — Marrazes — Estefânia — L. Afonso de Albuquerque (Tel. 980058).

**COLARES** — Colares — Abreia (Tel. 299088).


**CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE**

Injecções — Tratamentos — Veias — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância

Telef. PPC 76 61 61

**MÉDICO PERMANENTE**

CLÍNICA GERAL

CHAMADAS TELEFONICAS 76 61 44

**CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA**

INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO SOROS E CAMAS ARTICULADAS

Rua Conde Redondo, 56, 2.

Telef. 43738


# NOVA AGÊNCIA DO BANCO BURNAY NA GUARDA

GUARDA, 11 — Constituiu acontecimento de relevo, na cidade da Guarda, a inauguração, no passado dia 3, da Agência do Banco Burnay. Em franco desenvolvimento e rápida expansão, está esta instituição bancária. A abertura de suas portas, entre nós, é mais uma demonstração da sua vitalidade e desejo de servir a economia nacional.

Vindo expressamente de Lisboa, em representação do Conselho de Administração do Banco, esteve o sr. eng.º Caeiro da Matta, que era acompanhado pelo dr. Palmeiro Ribeiro, director da Filial do Banco na cidade do Porto.

Sua Excelência Reverendíssima o sr. bispo da Guarda dignou-se assistir á abertura dos serviços bancários nas suas instalações, na Rua Alves Roçadas, 12, lançando a bênção sobre elas e sobre todos aqueles que lá vão trabalhar. Estiveram presentes o sr. presidente da Câmara Municipal, que representava, também, o sr. governador civil, impedido de assistir por serviço oficial em Lisboa, vereadores da Câmara, magistrados, e muitas outras pessoas de representação da vida local no campo social, político e económico.

Terminada a curta cerimónia, foi oferecido, pelo Banco, um copo-d'água no Hotel do Turismo. O sr. eng.º Caeiro da Matta usou, então, da palavra, para cumprimentar, nos presentes, a cidade da Guarda e o distrito, explicando os objectivos de abertura de uma agência do Banco Burnay e tecendo algumas considerações sobre problemas de crédito, de poupança e de ética que vão orientar a actuação do Banco, princípios que constituem a norma de trabalho permanente do Banco Burnay.

Sua Excelência Reverendíssima o bispo da Guarda usou a seguir da palavra, dizendo do interesse que tem para a economia de uma região a presença das instituições bancárias e chamando a atenção sobre os princípios que acabavam de ser definidos, perfeitamente integrados, até, na doutrina da Igreja.

Depois, o sr. presidente da Câmara pronunciou também algumas palavras, em seu nome e no do sr. governador civil, de apreço pela iniciativa e de certeza de a nova Agência vir contribuir para o desenvolvimento, sob todos os aspectos, da região da Guarda.

Muitos dos presentes cumprimentaram o Banco Burnay na pessoa do seu Administrador presente, aproveitando este a oportunidade de apresentar o sr. Julio Eduardo Pereira da Silva, gerente em exercício da Agência do Banco Burnay.


**SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO**

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS


# BOLSA DE LISBOA

## AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

| Fundos do Estado | Efect. | Compra | Venda |
|---|---|---|---|
| Cons. 4 3/4 % 1. 10 | — | 657$00 | — |
| Cons. 3 % 1. 10 | 723$50 | 723$50 | 724$00 |
| Cons. 3 1/2 % 1. 10 | 850$00 | 848$00 | 852$00 |
| Centenários 4 % 1940 | 1.980$00 | 1.975$00 | 1.985$00 |
| Obg. Tes. 4 1/2 % 1942 | — | 1.007$00 | — |
| Obg. Tes. 4 1/2 % 1943 | — | 1.007$00 | — |
| Obg. Tes. 4 1/2 % 1944 | — | — | — |
| Externa 1.ª série | — | 1.200$00 | — |
| Externa 1.ª série cor. | — | 1.240$00 | — |
| Externa 2.ª série | — | 1.250$00 | — |
| Externa 2.ª série cor. | — | 1.250$00 | — |
| Externa 3.ª série | 1.290$00 | 1.290$00 | — |
| Externa 3.ª série cor. | 1.290$00 | 1.285$00 | 1.295$00 |
| Cout. 3.ª série s/1 | — | 300$00 | 301$00 |
| **Obrigações** | | | |
| Aguas Lisboa 5 % | — | — | — |
| Norte de Portugal 5 % | — | 102$00 | — |
| Gás. Elect. 3 3/4 % | — | — | — |
| Gás. Elect. 4 % | — | 900$00 | — |
| Gás. Elect. 4 1/2 % | — | — | 950$00 |
| Gás. Elect. 5 % | 955$00 | 955$00 | 960$00 |
| U. E. P. 3 3/4 % | — | — | 90$00 |
| U. E. P. 4 % 1945 | — | — | 87$00 |
| U. E. P. 4 % 1948 | — | — | — |
| U. E. P. 4 1/2 % | — | — | 93$00 |
| U. E. P. 5 % 1951 | 88$50 | 88$50 | 89$00 |
| U. E. P. 5 % 1952 | — | — | — |
| Sonete | — | 785$00 | 790$00 |
| H. do Douro | 905$00 | 905$00 | 906$00 |
| H. E. S. Estrela | — | — | — |
| C. P. 4 1/2 % | 1.006$00 | 1.005$00 | 1.006$00 |
| Metropolitano | 990$00 | — | 995$00 |
| TAP | — | — | 1.000$00 |
| **Acções** | | | |
| **Bancos** | | | |
| Alentejo | 1.320$00 | 1.300$00 | 1.400$00 |
| Angola | — | 1.410$00 | 1.450$00 |
| Espírito Santo | — | 11.000$00 | — |
| Lisboa & Açores | — | — | 4.200$00 |
| Portugal | — | 2.430$00 | — |
| Ultramarino | 1.410$00 | 1.406$00 | 1.410$00 |
| Agricultura | 1.320$00 | 1.320$00 | 1.400$00 |
| Crédito Predial | 1.595$00 | 1.590$00 | 1.600$00 |
| P. Atlântico | — | — | — |
| Totta Alianço | — | — | — |
| **Seguros** | | | |
| Fidalidade | — | — | — |
| Mundial | 345$00 | 340$00 | 350$00 |
| Sagres | — | — | — |
| Tagus | — | — | — |
| Soberano | — | — | — |
| **C.as Ultramarinas** | | | |
| Ag. Cassequel | — | 555$00 | 565$00 |
| Ag. das Neves | — | — | — |
| Agricultura Colonial | — | — | — |
| Açúcar de Angola | 730$00 | 730$00 | 735$00 |
| Boror | — | 135$00 | 150$00 |
| Cabinda | — | 27$00 | 30$00 |
| Cadá | 1.500$00 | 1.500$00 | — |
| Cam. do Búzi | — | 71$00 | 72$50 |
| Ilha do Príncipe | — | — | — |
| Incomati | — | — | — |
| Moçambique | — | 63$00 | 64$00 |
| Zambézia | — | 45$00 | — |
| Diamantes | 1.170$00 | 1.160$00 | 1.180$00 |
| Lobito | 540$00 | 538$00 | 545$00 |

| Comp.as diversas | Efect. | Compra | Venda |
|---|---|---|---|
| Cimentos Tejo | — | 1.900$00 | — |
| Cimentos Leiria | — | 1.400$00 | 1.550$00 |
| Industrial Aliança | — | — | — |
| Portugal e Colónias | 1.365$00 | 1.365$00 | 1.370$00 |
| Nac. de Navegação | 1.005$00 | 1.000$00 | 1.010$00 |
| Col. de Navegação | — | 565$0 | — |
| Port. de Celulose | 4 700$00 | 4.680$00 | 4.750$00 |
| Port. de Pesca | — | 1.010$00 | — |
| Port. de Tabacos | 360$00 | 395$50 | 361$00 |
| Tabacos de Portugal | 1.000$00 | 1.000$00 | — |
| Petroquímica | — | 3.850$00 | 3.900$00 |
| Termoeléctrica | 1.850$00 | 1.840$00 | 1.860$00 |
| Socor | — | 5.270$00 | 5.300$00 |
| Socel | 3.800$00 | 3.800$00 | 3.850$00 |
| U. F. Azoto | 1.095$00 | 1.095$00 | 1.099$00 |
| **Aguas, Electricidade e Gás** | | | |
| Aguas Lisboa 934 | — | 525$00 | 535$00 |
| Aguas Lisboa 1936 | — | 400$00 | 500$00 |
| Eléct. das Beiras | 1.808$00 | 1.805$00 | 1.810$00 |
| Gás e Electricidade | 423$00 | 422$50 | 423$00 |
| H. Alto Alentejo | 265$00 | 264$50 | 265$00 |
| H. E. Cávado | — | 1.405$00 | 1.420$00 |
| H. E. Zêzere | 1.615$00 | 1.610$00 | 1.617$00 |
| Nac. de Electricidade | — | — | 1.700$00 |
| União Eléctrica Port. | 255$00 | 254$00 | 256$00 |
| H. Douro | 1.447$00 | 1.447$00 | 1.450$00 |
| H. E. S. | — | 2.000$00 | 2.050$00 |
| F. I. D. E. S. | — | 116$30 | 119$80 |
| F. Invest Atlântico | — | 170$80 | 175$90 |

BANCO BORGES & IRMÃO

| PAÍSES | COMPRA | VENDA |
|---|---|---|
| Africa do Sul — Rand | 85$50 | 87$50 |
| Alemanha — Marco | 7$10 | 7$30 |
| América: | | |
| Dólares de 1 a 4 | 28$40 | 28$70 |
| Dólares de 5 a 1000 | 28$60 | 28$90 |
| Argentina — Peso | $10 | $15 |
| Austria — Shilling | 1$10 | 1$15 |
| Bélgica | $55,5 | $57,5 |
| Brasil — Cruzeiro | $01 | $01,5 |
| Canadá — Dólar | 26$40 | 26$90 |
| Dinamarca — Coroa | 4$10 | 4$30 |
| Espanha — Peseta | $47,5 | $48,5 |
| França | 5$77 | 5$92 |
| Holanda — Florim | 7$80 | 8$05 |
| Inglaterra — Libra | 79$50 | 81$00 |
| Itália — Lira | $04,55 | $04,7 |
| Marrocos — Dirham | 4$70 | 5$20 |
| Noruega — Coroa | 3$90 | 4$10 |
| Suécia | 5$40 | 5$70 |
| Suíça — Franco | 6$60 | 6$75 |
| Ouro: | | |
| Inglaterra (Libra Isabel) | 287$00 | 297$00 |
| Inglaterra (1/2 Libra) | 215$00 | 230$00 |
| Portugal — barra fino | 33$00 | 33$70 |


**J. BURNAY, L.DA** — RUA DO OURO 72 — Notas estrangeiras, Papéis de crédito, Telef. 321273

# CARTAZ DOS CINEMAS

## ESTREIAS DE HOJE

### O VERÃO DOS MEUS SONHOS — no POLITEAMA
### TERRA DE MALVADOS — no AVIS

**TIVOLI**
Telef. 5 05 95
(M. 12 anos)
Às 3 da tarde (p. r.) e 9 da noite
8.ª MÊS
31.ª SEMANA
Um espectáculo maravilhoso em
TODD-AO em 70 mm
**MÚSICA NO CORAÇÃO**
c/ Julie Andrews e Christopher Plummer

**SÃO JORGE**
Telef. 5 41 53/54
Hoje, ás 21.30
(M. 17 anos)
Integrado no «Festival 007»
**AGENTE SECRETO 007**
com Sean Connery — Ursula Andrews

**MUNDIAL**
Telef. 53 87 43
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
Festival do Filme Italiano
**A ZARAGATEIRA**
Real. Luigi Zampa com Anna Magnani

**EDEN**
Telef. 32 07 68
Às 15.15, 18.30 e 21.30
(Adultos)
Uma série de crimes diferentes, mas todos com a mesma marca enigmática!
**ASSINATURA DO CRIME**
com Patrick Wymark e Alexander Knox

**MONUMENTAL**
Telef. 55 51 31
(M. 17 anos)
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Toda a alegria do mundo numa maravilha mágica de mulheres bonitas, champanhe, beleza e encanto!
**CAN-CAN**
com Frank Sinatra — Shirley Mac Laine — Maurice Chevalier

**ROMA**
Plateia 72 77 78
Balcão 72 91 92
Às 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
Spencer Tracy
á frente de um fabuloso elenco, na mais desconcertante e louca das comédias!
**O MUNDO MALUCO**
Tela de 70 mm. — Technicolor
— Preços normais —
AR CONDICIONADO

**POLITEAMA**
Telef. 32 63 05
HOJE, ás 21.30
ESTREIA
A comédia de fabuloso interesse de sedução
**O VERÃO DOS MEUS SONHOS**
com Hayley Mills e Burl Ives
Um admirável poema de ternura
Tecnicolor (M. 12 anos)

**estúdio 444**
Telef. 75 00 95
Às 15.30 e 21.45
(Adultos)
16.ª SEMANA
DE SENSAÇÃO!
do mais extraordinário e vibrante documentário sobre o ilegal mercado de carne humana!
**AS ESCRAVAS AINDA EXISTEM**
Realização em Eastmancolor
AR CONDICIONADO

**EUROPA**
Telef. 66 10 16
Às 15.30 e 21.45
(Adultos)
Um filme em que acontece á «italiana»
**DOMINGO DE VERÃO... (À ITALIANA)**
c/ Anna Maria Ferrero e Ugo Tognazzi

**RESTELO**
Telef. 61 03 75
Às 21,30
(Adultos)
**ESTRANHA OBSESSÃO**
com Dirk Bogard e Mary Ure

**LIZ**
Telef. 4 85 60
As 21 horas
(Adultos)
JOVEM MENTIROSO
TERRA COR-DE-ROSA

**CINEMA IDEAL**
Telef. 32 41 94
Às 15.15 e 21 h.
(M. 17 anos)
REVOLTA EM BATASI
INTENÇÃO DE MATAR

**IMPERIO**
Telef. 55 51 34
Às 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)
com Anita Ekberg e Tony Randall
**O ALFABETO DO CRIME**

**estúdio**
Às 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
13.ª SEMANA
O maior filme de sempre
**AFRICA ADEUS**

**CONDES**
Telef. 32 25 23
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
(M. 17 anos)
Ninguém gostaria de viver em Peyton Place...
Mas todos gostariam de saber os seus escandalos!
**AMAR NÃO É PECADO**
com Lana Turner — Hope Lange

**ODEON**
Telef. 32 62 83
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e ás 21.30
GRANDE ÊXITO
da notável e alegre comédia musical
com os dois famosos ídolos
Lola Flores e António Aguilar
**A BRUXA CIGANA**
...quanto maior era o ciúme que os dominava mais os seus corações se aproximavam...
(M. 12 anos)

**ALVALADE**
Telef. 76 30 80
Às 15.45 e 21.45
(M. 12 anos)
«Ciclo de aventuras no Oeste»
**WINCHESTER 73**
com James Stewart e Shelley Winters

**AVIS**
Às 21.45 (12 anos)
Randolph Scott e Ann Richards
na empolgante odisseia de um punhado de homens que ousaram penetrar em território proibido.
**TERRA DE MALVADOS**
95 minutos de fortes sensações!
AR CONDICIONADO

**ESPLANADA PORTUGÁLIA**
Telef. 4 76 63
As 21.30
(M. 17 anos)
**A CIDADE AMEAÇADA**
**ENFERMEIRA PARA TODO O SERVIÇO**

# O VENCEDOR DO FESTIVAL DE ARANDA

(Continuação da página central)

instalou diante do microfone (o festival realizou-se na Praça de Touros, cheia até cima), o nervoso era muito, pelo menos tanto como as responsabilidades. Cantou. Foi aplaudido. «A dança do mundo» era uma das doze canções finalistas e o Artur respirou aliviado.

Na sessão final subiu ao palco confiante. O publico voltou a gostar e acompanhou a melodia em surdina. Da a pouco o juri anunciava o seu veredicto: primeiro prémio para «A dança do mundo», de Carlos Canelhas e António Antão, interpretada por Artur Garcia. Foi um nunca acabar de abraços e lágrimas sentidas. Quem diria que ao pesadelo ia suceder este sonho real?

### A máquina publicitária espanhola

O Festival de Aranda já fora ganho duas vezes por artistas portugueses (Maria Helena e Madalena Iglésias). A canção «Ó meu rio Douro», que Maria Helena celebrizou, é o actual tema de abertura da competição de Aranda. E no entanto...

— Para ser franco — começa Artur Garcia — não contava ganhar. Os espanhóis têm a seu favor o publico, o esquema de votos (18 votantes espanhóis para 8 portugueses) e uma tremenda máquina publicitária. Muito antes de o festival começar já as musicas espanholas são ouvidas na rádio. Os artistas distribuem discos aos jornalistas. «Quer a minha canção? Faz favor.» O publico conhece as musicas de cor. As espanholas... Na altura da votação, não calcula a luta que se trava entre as editoras de discos. Esfolam-se vivos!

Continua com um sorriso embaraçado:

— Ganhei porque a canção de Carlos Canelhas é realmente bonita. Aliás, foi o Canelhas quem ganhou. É um «campeão de festivais».

A contagem final apurou 18 votos para «A dança do mundo» e 13 para a canção classificada em segundo lugar, dos espanhóis Morell e Cerrato. Muito importantes os votos da Emissora Nacional e de Sevilha, que foram todos para Artur Garcia. O festival, que já saiu dos limites acanhados com que veio ao mundo, teve as honras de ser transmitido integralmente para as televisões espanhola, francesa e italiana (nós demos só metade).

Entretanto, das doze canções finalistas só seis receberam prémios do juri. As outras seis foram votadas pelo publico, num esquema á parte. Maria Helena, muito popular em Aranda del Duero, recebeu um prémio especial desse publico que ainda não esqueceu o seu primeiro êxito.

### De paquete a cantor célebre

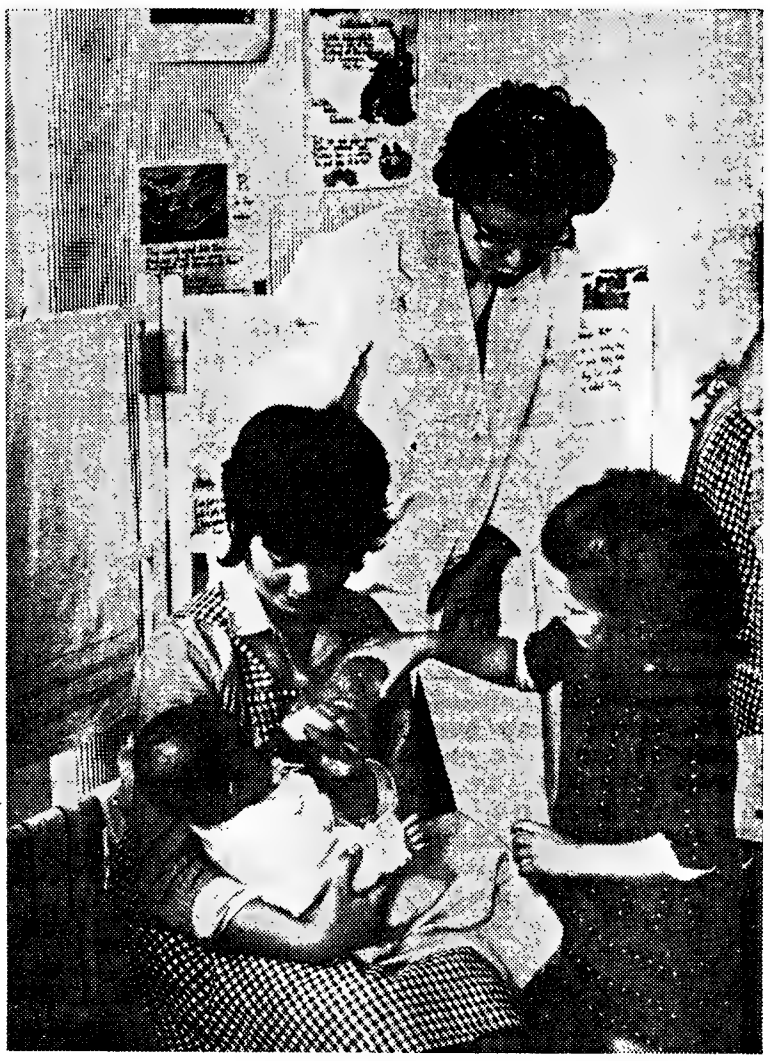
Artur Garcia canta desde 1959. Frequentava o 2.º ano do Curso Comercial quando a situação económica da família o obrigou a empregar-se.

— A minha família era muito pobre — diz o cantor. — A certa altura fui trabalhar como paquete para o escritório de um primo meu. Ganhava 300$00 por mês. Depois a firma Eduardo Martins, Lda., deu-me um lugar de empregado de balcão. O meu sonho era cantar. Não sei porquê, sentia isso mesmo. Mas cantar de bolsos vazios é difícil... Chamaram-me para a tropa. Por um triz não embarquei em direcção á índia. Depois engrenei no Centro de Preparação d Artistas da Rádio. Sou da mesma fornada da Simone, da Madalena, da Fátima Bravo e da Alice Amaro.

Ganhou o primeiro *cachet* na Emissora Nacional: 300$00. Hoje cobra por noite 2500$00. A Televisão Espanhola pagar-lhe-á 30 mil pesetas (com viagem e estadia) para actuar no programa «Noche de Sábado», no próximo dia 27. Vários agentes estrangeiros estão interessados neste cantor modesto e de poucas palavras. Agora, sim, vai começar para ele «a dança do mundo»

— Há tempos quiseram contratar-me como cantor-bailarino para Roma. Recusei. Agora estou disposto a tudo. Se for preciso dançar, danço mesmo...

O antigo paquete sabe por experiência que a vida é dura. Em Aranda del Duero, porém, ganhou a batalha mais saborosa, aquela que estava destinada outras mãos talvez menos hábeis. Fotografaram-no para a contracapa do «Arriba». Artur Garcia encolhe os ombros e diz que não tem importancia.



As alunas do Liceu de Moels Cop (Inglaterra) podem combinar o seu curso com outras práticas adicionais, que lhes darão, por exemplo, diplomas de pediatria, funcionalismo ou comércio de retalho. Esta forma de ensino, altamente revolucionária, encontrou bom acolhimento por parte das alunas finalistas. Na gravura, uma aluna do último ciclo aprende os segredos do biberão

# OUTROS ESPECTÁCULOS

**TEATROS**

AVENIDA — Às 22: «Um príncipe do meu bairro» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «A cidade não é para mim» (12 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Pobre Bitô» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Quando é que tu casas com minha mulher» (17 anos).

**CINEMAS**

ARCO ÍRIS — Às 21: «O Criminoso» (17 anos).
BOM. V. LOURES — Às 21 e 30: «Todos podem matar» 12 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «As aventuras de Pili e Mili» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 15: «A mais bela do Mundo» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Charada» (17 anos).
IMPERIAL — Às 21: «Mulher de Palha» (17 anos).
JARDIM — Às 21; «007 missão em Lisboa» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Marisol apaixonada» (12 anos).
OLIMPIA — Às 19: «A teste do paraíso» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «O Diabo» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Os cavaleiros da Távola Redonda» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «O Cardeal» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Muros do desespero» (17 anos).
CASTANHEIRA — Às 21 e 30: «Casca de banana» (17 anos).

COIMBRA

### ● Na Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — Às 21 e 15: «Louco por garotas» e «Gigantes da Maratona» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Hercules contra Vampiro» (17 anos).
CARCAVELOS — VITÓRIA-CINE — Às 21 e 30: «Divórcio á americana» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O segredo dos jacintos amarelos» e «A corrida» (12 anos).
ESTORIL — CINE ESPLANADA — Às 21 e 15: «O Mundo sem Sol» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «À procura do ídolo» (12 anos).

### ● Na Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O comboio fantasma» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Assaltaram o banco» e «A noite da Águia» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Escandalo na praia» (17 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO — Às 21 e 30: «O caso da cobra maldita» (12 anos).
ERICEIRA — CASINO — Às 21 e 15: «A mulher que não queria amar» e «O monta-cargas» (17 anos).

### ● Na Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Nunca será tarde» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «O espadachim diabólico» e «Fantomas» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Inferno na Terra» e «A sombra do caçador» (17 anos).


**VENDE-SE**
**ARREDORES DE LISBOA**
Serração de madeiras, carpintaria mecanica, loja de ferragens e azulejos da AFA, grandes barracões, muito terreno e moradias, um só conjunto, preço 5 500.000$00, está livre de qualquer encargo e trata o próprio.
Resposta a este jornal ao n.º 197.

**bom apetite**

**restaurante arameiro**
PRÉMIO DO S. N. I.
TRAV ST.º ANTÃO, 21 — LISBOA
(Restauradores) Telef. 36 71 85

**RESTAURANTE BÓLIDE**
(Premiado nos concursos do S. N. I.)
AMANHÃ
BACALHAU NO FORNO À BÓLIDE
ARROZ DE FRANGO À TRIPEIRINHA
Diàriamente especialidades do caso
AV. DE ROMA, 7-A — Telef. 763522

**RESTAURANTE REFÚGIO DO TAVARES**
Casa especializada em
MARISCOS E FRANGO NO ESPETO
Serviço á lista
Av Braga, N.º 3 — Telef. 62475
PÓVOA DE VARZIM

**Restaurante CASTANHEIRA**
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
Est. da Torre—Lumiar—Tel. 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
SALAS RESERVADAS PARA BANQUETES E LÁNCHES DE CASAMENTO
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

**RESTAURANTE CUBANA**
Av. Miguel Bombarda, n.º 14
Telefone 77 32 80
COZINHA PORTUGUESA
Amanhã:
Bacalhau à Cubana
Sábado:
Caldeirada à Cubana

CALDAS DA RAINHA
**HOTEL ROSA**
120 anos ao serviço do Turismo
Todo o conforto
Serviço de Restaurante
Av Miguel Bombarda, n.º 14
(Aberto todo o ano) Telef. 22163

# DIÁRIO DO PORTO

Diário de Lisboa

DELEGAÇÃO
RUA DO ALMADA, 30-2.º
Telefones 20954/5 • Telex 782


## Vítimas de acidentes

Veio do hospital de Paredes para o de São João, nesta cidade, o sr. Julio Martins Barbosa, de 62 anos, casado, agricultor, residente no lugar de Sabrosa, daquele concelho, que sofreu traumatismo craniano, em consequência de uma queda na sua residência.

— Recolheu, também, ao hospital de São João, em estado de coma e com traumatismo craniano, o sr. Joaquim da Silva, de 32 anos, casado, morador em Ferreiros, que, trabalhando, numa quinta em Alvaredo (Melgaço), na serração de pinheiros foi atingido por um deles.

— Esta manhã, um automóvel conduzido pelo sr. Gualdino Valente Leite, de 44 anos, casado, guarda-livros, Rua do Campo Lindo, 237, voltou-se, no cruzamento das ruas da Boavista e Antunes Guimarães e embateu num poste. O automobilista sofreu ferimentos dos quais se tratou numa casa de saúde.

## Grémio do Comércio da Póvoa de Varzim

PÓVOA DE VARZIM, 11 — Tomaram posse dos cargos directivos do Grémio do Comércio desta vila, os srs. Timóteo Guimarães Vasconcelos, presidente da assembleia geral; Marcelo Gomes de Oliveira e José A. Mesquita de Carvalho, secretários; Adélio Fernandes Serra, presidente da direcção; Heitor da Costa Pinho, secretário; e José Moreira Torres, tesoureiro.


POSSUIMOS TUDO QUE É NECESSÁRIO PARA ENXOVAIS E PARA A SUA CONFECÇÃO
PREÇOS EXCEPCIONAIS

Lavores Femininos
Av. Guerra Junqueiro, 3-D
LISBOA
LAVORES
Rua Áurea, 179


## Espectáculos para hoje

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «As raparigas de Sanfrediano» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Cinderela em Paris» (12 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «O Leão» (12 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «Lenço fatal» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «A Nave dos Loucos» (17 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «O veneno do diabo» (17 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «A maldição do rubi negro» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21 e 15: «Sandokan e os piratas» e «As três espadas» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Capas Negras» (12 anos).
CINEMA DO TERÇO — Às 21: «O tempo do amor» (17 anos).

## Amanhã, à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «As raparigas de Sanfrediano» (17 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «O leão» (12 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «Uma vida por viver» (17 anos).
BATALHA — Às 15 e 30: «O lenço fatal» (17 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «O veneno do Diabo» (17 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «A maldição do rubi negro» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 15 e 15: «Tambores de África» (12 anos).

## Volta para Bragança o Batalhão de Caçadores 3

BRAGANÇA, 11 — Vai ser reinstalado nesta cidade (dia 28 do corrente) o heróico Batalhão de Caçadores 3.

Bragança inteira prepara-se para receber, festiva e hospitaleiramente, todas as briosas forças militares que vêm ficar aquarteladas na antiga sede do extinto Regimento de Infantaria 30, no Forte de S. João de Deus, e, ainda, aquelas que vêm participar nas projectadas cerimónias.


LIMPA VIDROS

Pedidos aos distribuidores exclusivos
LUICAR, LDA.
RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA, 117
LISBOA Telef. 663354
Condições especiais p/ revendedores



INSTITUTO DE NOVAS PROFISSÕES

(Reconhecido pelo Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira)

CURSOS DE: Turismo
Guias-Intérpretes

Outros Cursos: Relações Públicas, Organização e Direcção Administrativa, Secretariado, Publicidade

Abertas as inscrições
Informações Av. Duque de Loulé, 47, 1.º
Telefone 55 53 19


# O CONCURSO DE ARTE DRAMÁTICA

Começam hoje as provas da selecção do Concurso de Arte Dramática, promovido pelo S. N. I., com a colaboração da F. N. A. T. no qual actuarão trinta grupos cénicos do Norte. Hoje, o Grupo Dramático do Monte Aventino apresenta, na sua sede, a peça «Selo de Chumbo», de Armando Tavares.

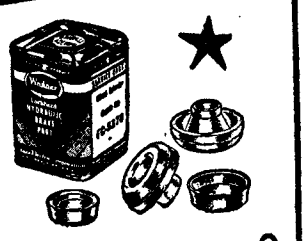
Depois de amanhã, caberá a vez, ao Centro de Recreio Popular, de Matosinhos-Leça, a comédia «Direito á Felicidade», de Santos Braga; no dia seguinte, o «Clube Oliveira do Douro, representará «Os Pássaros de Asas Cortadas», de Francisco Rebelo; e no dia 15 apresentar-se-á perante o júri, a Escola Dramática Musical e Recreativa de Contumil, com o drama «Casa de Pais», de Francisco Ventura.

## O «VERDE GAIO» EM ESPINHO

ESPINHO, 11 — Exibe-se amanhã, á noite, num teatro desta vila, sob o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo, o Grupo de Bailados «Verde Gaio».

O espectáculo, aguardado com muito interesse, inclui-se no III Festival de Musica e nas Festas de Verão, que têm grande êxito nesta praia.


Wagner
LOCKHEED



PEÇAS LEGITIMAS
PARA TRAVÕES HIDRÁULICOS
ÓLEOS

EQUIPAMENTO ORIGINAL
AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA



12.º ANDAR EM CASCAIS
EDIFÍCIO TORREMAR
VENDEM-SE 2 ANDARES
550 contos. Lindo panorama, c/ piscina no terraço. Outro no Outeiro da Vela (Prédio E, 2.º piso), 2 ass. coz., c. banho, por 180 contos. Facil. pagamento. Telef. 48089.


# CALENDÁRIO DESPORTIVO

HANDEBOL DE SETE — Campeonato Regional de Reservas (jogos em atraso): Vilanovense-Leixões e Boavista-F. C. do Porto, ás 21 e 30, nos rinques dos primeiros.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Distrital de Juniores: F. C. do Porto (B)-Carvalhos, ás 21 e 30, no rinque da Constituição.

DIVERSOS — Assembleia geral do Tirsense, ás 22 horas, para tentativa de solução da crise directiva.

### Mais de 200 contos de prémios para as corridas automobilísticas do Porto

Para as corridas que no sábado e no domingo se efectuam no circuito de Lordelo do Ouro, destinou o Automóvel Club de Portugal, como entidade organizadora, mais de duzentos contos de prémios, sendo 175 precisamente só em dinheiro. O restante destina-se a taças.

Dos prémios pecuniários, 100 contos são para a Formula 3, que é, como se sabe, a n.º 1 do programa — a corrida que no domingo fechará com chave de ouro mais esta jornada automobilística que o Porto vai viver no próximo fim de semana.

O A. C. P. seleccionou os melhores pilotos, conseguindo assim reunir para a prova de domingo um excepcional lote de bons «volantes» estrangeiros, aos quais se juntará, como é já do conhecimento geral, o português Joaquim Filipe Nogueira.

Ainda, quanto a prémios pecuniários, haverá mais 75 contos, a dividir igualmente pelas corridas de Turismo, Grande Turismo e Formula V — 25 contos cada.

Dado todos estes aliciantes, o Porto, mórmente a sua população, vai ter no sábado e no domingo um grande espectáculo automobilístico — ou melhor, dois em vez de um.

## Uma exposição agro-pecuária em Oliveira de Azeméis

OLIVEIRA DE AZEMÉIS, 11 — Em comemoração do 2.º aniversário do início das suas actividades, a Cooperativa Agrícola de Oliveira de Azeméis, e integrada nas comemorações do 40.º aniversário do movimento de 28 de Maio, promove uma exposição agro-pecuária, que estará patente de sábado até terça-feira.

O programa foi assim organizado: sábado, ás 15 horas, abertura da exposição, com a presença do sr. secretário de Estado da Agricultura; ás 15 e 30, classificação dos exemplares bovinos submetidos a concurso. Dia 15, ás 9, recepção ás autoridades no limite do concelho, no lugar de Curval (Pinheiro da Bemposta), de onde um cortejo automóvel seguirá para o recinto da exposição; ás 9 e 30, reunião da assembleia geral; ás 11 e 30, distribuição de prémios aos produtores contemplados no concurso pecuário; e, ás 13, almoço em honra das entidades convidadas e confraternização de associados da Cooperativa Agrícola.


MINHA SENHORA!
Para a decoração do seu LAR, chame um bom pintor e use
TINTAS LACOSE
FÁBRICA DE TINTAS
LACOSE, LDA.
Av. Marquês de Tomar, 5-B
Telefone PPCA 46712—LISBOA


### Entrega aos internacionais portuenses do prémio «Banco Pinto & Sotto Mayor»

A Administração do Banco Pinto & Sotto Mayor, faz hoje a entrega aos quatro internacionais de futebol, Festa, Pinto, Américo e Manuel Duarte, do prémio oferecido por aquele Banco a todos os jogadores que constituiram a selecção portuguesa de futebol, ao ultimo campeonato do Mundo, disputado em Londres. O prémio, de 15 contos para cada, será distribuido pelas 19 horas, numa reunião de homenagem aos quatro internacionais, na sede do grupo desportivo do Banco Pinto & Sotto Mayor, a que assistirão a direcção da sucursal nesta cidade, representantes das direcções do F. C. do Porto e do Leixões, e as entidades mais representativas do desporto local.

Entre os vários oradores, falará em nome daquele estabelecimento bancário, o director da sucursal nesta cidade, sr. Alfredo Mesquita.

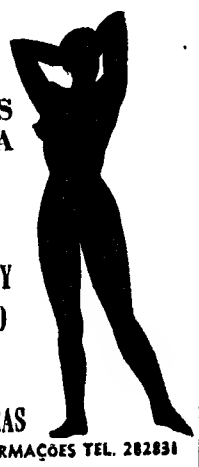
### Paula no Vitória de Guimarães?

Corre em Guimarães, com grande insistência, de que o jogador, Paula, do F. C. do Porto, será um futuro elemento do clube Vimaranense, isto até porque tem sido visto com frequência, acompanhado dos seus futuros colegas.

## Farmácias de serviço esta noite (1.º turno)

**ANACLETO DE BARROS**, R. do Loureiro, 104 (T. 3-5045) ✻ **CAMEIRA**, Rua do Heroismo, 90 (T. 5-2583) ✻ **CANAVARRO**, R. da Restauração, 53 (T. 6-0754) ✻ **CONFIANÇA**, R. de Santa Catarina, 960 (T 2-2884) ✻ **COSTA CABRAL**, Rua de Costa Cabral, 1832 (T. 4-0780) ✻ **FIGUEIREDO**, Rua de Cedofeita, 125 (Tel. 2-1620) ✻ **FONTE DA MOURA**, Rua de Tanger, 1463 (T. 68-1444) ✻ **MONTE DOS BURGOS**, R. do M. dos Burgos, 802 (T 6-2279) ✻ **MONTE CATIVO**, Rua do Monte Cativo, 444 (T 4-1687) ✻ **NOVA AVENIDA**, Av. Fern. Magalhães, 692 (T. 5-2250) ✻ **PADRÃO**, L. do Padrão, 342 (T 5-2149) ✻ **PARENTE**, R. das Flores, 114 (T. 2-1611) ✻ **POMBEIRO**, Campo dos Mártires da Pátria, 152 (T 3-1295) ✻ **SÁ DA BANDEIRA**, R. de Sá da Bandeira, 236 (T 3-6687) ✻ **NACIONAL**, Rua Senhora da Luz, 156— Foz (T. 68-0833)


SAUNA FINLANDÊS
COM PISCINA PRIVATIVA



AS MAIS MODERNAS INSTALAÇÕES DA EUROPA
• MASSAGENS HIGIÉNICAS E DESPORTIVAS
• BANHO (e massagem) DE VICHY
• DUCHE (massagem) SUBAQUÁTICO
• DUCHE ESCOCÊS
ASSISTÊNCIA MÉDICA PRIVATIVA
SECÇÕES PARA HOMENS E SENHORAS
hotel estoril sol
ABERTO DAS 9 ÀS 12 E DAS 16 E 30 ÀS 20 HORAS • INFORMAÇÕES TEL. 282831

# Vida Literária e Artística

2.º CADERNO
SUPLEMENTO
SEMANAL DO
Diário de Lisboa
N.º 419
11-8-1966


## «CONSIDERO A LITERATURA POÉTICA DE PORTUGAL A MAIS RICA DO MUNDO»

### – declarou-nos numa entrevista de despedida o escritor brasileiro Olavo Dantas

Figura de relevo na vida literária do Brasil de hoje, com uma vasta obra que vai ser continuada em importantes criações de vários géneros, Olavo Dantas está em Portugal há mais de um mês e inicia hoje a viagem de regresso. Trouxe-o até nós, além do desejo de conhecer o país, onde nunca havia desembarcado, o propósito de assinalar com a sua presença as celebrações do cinquentenário de vida literária de Ferreira de Castro. O voto foi cumprido com a conferência e o discurso que proferiu em Aveiro, a 23 e 24 de Julho e relembrado ainda na conferência sobre Castro Alves que realizou no Museu João de Deus.

Este escritor, com doze livros publicados de poesia, romance e evocações de viagem; almirante-médico da Armada brasileira, que viajou largamente pelo Mundo; membro activo de diversas Academias e institutos culturais do seu país — é uma sensibilidade viva e flagrante a quem a visita a Portugal emocionou profundamente. Agrário Peixoto, que era lúcido julgador, chamou a Olavo Dantas «o Pierre Loti brasileiro» e a qualificação tem mantido voga perene. Foi ainda num testemunho de sensibilidade e de comunicação humana que o ilustre escritor, antes de regressar ao Brasil, com a sua esposa, a escritora Clara Sylvia, quis deixar expressa no «Diário de Lisboa» a sua mensagem comovida.

«O povo português — disse-nos Olavo Dantas — tem o poder mágico de encantar quem o visita na sua terra. Este ambiente, tão cheio de beleza e arte, parece dar realidade a nossos melhores sonhos. Eu, como oficial da Armada brasileira, fiz inumeras viagens, mas confesso que nenhuma me deu maior prazer do que esta que estou realizando há mais de um mês em Portugal. O meu saudoso amigo Saul Navarro dizia-me que «Portugal era do tamanho de um coração». Ando em apuros para retribuir uma parcela mínima das gentilezas que tenho recebido. A necessidade humana de amar é bem mais notada em Portugal, que por isso mesmo é país de artistas e poetas».

— O que mais o impressionou nesta primeira visita a Portugal?

— Cada recanto da vossa terra tem sempre uma nota artística pitoresca ou legendária para nos fazer sonhar. Os Jerónimos, a Batalha, a Torre de Belém, a biblioteca da Universidade de Coimbra, o Buçaco, o Terreiro do Paço no

(Continua na página seguinte)

OLAVO DANTAS

## STENDHAL E A FILOSOFIA ILUMINISTA

### por Frederico Montenegro

Foi relendo e rememorando Descartes que ele me surgiu como ponto de partida para determinado estudo, ou melhor, introdução a um estudo que de há muito me vem tentando: a filosofia iluminista projectada na obra de Stendhal e na valorização cultural da estética, especialmente o sensismo iluminista de Condillac.

Como me parece sempre urgente que não deixemos cristalizarem-se pelo tempo e com a nossa evolução cultural os conhecimentos que formos adquirindo e as conclusões que deles tirarmos no próprio momento de os adquirir, assim se explica que relesse e «ressuscitasse» Descartes, modificando em alguns pontos e confirmando noutros a interpretação do seu pensamento. Mas já que (aplicando em parte um dos supremos preceitos cartesianos) temos de nos restringir á dedução metódica da duvida analisando a evidência (mesmo que essa evidência não seja a de Descartes), pela redução do complexo ao simples e deste, sistemáticamente, de novo até áquele, já que assim é, fixemo-nos num ponto exacto. Esse ponto exacto de partida é a posição daquilo que em princípio classificarei de racionalismo ético cartesiano ao sensismo iluminista de Condillac. É claro que muitas variações graduais poderíamos (e deveríamos) expor de Descartes a Condillac e, depois, penetrando mais fundo no campo literário, deste ultimo a Stendhal. Poderíamos (e deveríamos) ponderar toda a gama de oposições parciais intermediárias, tais como: as de Espinosa, Leibnitz e Malebranche a Descartes; as de Berkeley e Hume (na evolução inevitável do idealismo e também do cepticismo), bem como a de Montesquieu (na vanguarda de um criticismo histórico) a Condillac, e a oposição deste a Rousseau, a Voltaire, mesmo a Locke; e, mais especificamente, numa perspectiva literária, o que opôs de maneira absoluta Stendhal a Chateaubriand, a Madame de Stael ou a Lamartine, bem como a Vítor Hugo. Porém, toda esta matéria, versada amplamente como merecia, dava lugar a um tratado de especulação filosófico-literária e não a um

(Continua na ultima página)

## A «National Gallery», de Londres e os seus dois mil quadros

### por DAVID DAVIES

(Assistente de História da Arte no «University College»)

A «National Gallery», um dos maiores e mais importantes museus do mundo, teve início em 1824, com a compra pelo Estado britânico de 38 quadros da colecção de John Julius Angerstein. Ao contrário do Museu de Viena, cujas colecções magnificentes foram acumuladas ao longo dos séculos pela Casa de Habsburgo, o museu de pintura de Londres não pôde contar com o valioso património de obras de arte que se sabe ter pertencido ao rei Carlos I, mas que foi dispersado pelo Governo republicano de Oliver Cromwell. O corpo inicial de pintura foi enriquecido por vários benfeitores, de alguns dos quais cumpre fazer menção. Em 1826 «sir» George Beaumont doou generosamente a sua galeria particular, que incluía «O castelo de Steen», de Rubens, a «Descida da Cruz», de Rembrandt, obras de Canaletto e outras. O reverendo W. Hollwell Carr ofereceu á «National Gallery», em 1831, vários quadros, entre os quais «S. Jorge e o Dragão», de Tintoretto e «Mulher no banho», de Rembrandt. Também o grande pintor Turner fez a doação, em 1856, dos quadros que tinha em seu poder nessa data.

Em 1853, entretanto, foi conce-

(Continua na página central)

«A Virgem e o Menino, com Santa Ana e S. João Baptista», de Leonardo da Vinci — uma das peças mais preciosas das colecções da «National Gallery»

## Ao reler «Emigrantes» e «A Selva» — III

### por GIUSEPPE CARLO ROSSI

Depois da literatura brasileira de Nordeste e dos estudos de carácter social e económico sobre aquelas terras, poderia suceder que se subestimassem os méritos de Ferreira de Castro em ter, com os seus primeiros romances, chamado a atenção para aqueles complicados problemas brasileiros, para que se fazia sentir cada vez mais urgente a necessidade de achar uma solução. Mas a consciência moderna de tais problemas acaba, pelo contrário, por lançar nova luz sobre aquelas suas páginas, sublinhando-lhes de novo o valor, não só como documento autêntico de vida transfigurado pela arte, mas também de intuição do futuro. A coragem de homens que afrontaram os selvagens «parintintins» da floresta virgem, como Rondon: o trágico destino dos «seringueiros», ligados á cadeia das dívidas contraídas com os respectivos ávidos patrões; o emaranhado de sentimentos e de acções primitivas a que as dificuldades, as insídias, as frustrações da vida quotidiana forçam aqueles homens, atirados para fora do mundo, numa existência de luta contra a natureza; os encontros e os embates de populações, raças, costumes diversos; tudo, no modo como é focado por Ferreira de Castro, soa como um alarme prenunciador de tantos problemas e perigos do presente.

E, de um ponto de vista mais estreitamente literário, persiste o encanto da ruptura de confins, naqueles seus romances, entre a realidade e o sonho, como acontece com o protagonista de *A Selva*, para quem Portugal, evocado no fundo da Amazónia, «era uma quimera, não existia talvez. Pequeno e lá longe, os que o levavam na memória não estavam certos se viviam em realidade ou se sonhavam com a narração dos que

(Continua na página seguinte)

## Centro de Estudos Internacionais no Rio de Janeiro

Com sede em Ipanema, no Rio de Janeiro, foi há pouco criado o Centro Brasileiro de Estudos Internacionais que, através de vários cursos, visa oferecer ao publico em geral e aos estudiosos dos mais variados sectores, em particular, uma visão cultural panoramica, bem como a possibilidade de aperfeiçoar e actualizar os conhecimentos préviamente adquiridos. Já estão sendo dados os seguintes cursos: Português para estrangeiros, responsável Agostinho Dias Carneiro; Evolução e Compreensão da Arquitectura Antiga, Alex Nicolaieff; Análise Textual de Ulisses de J. Joyce, António Houaiss; Moderna Poesia Portuguesa, Amélia Lacombe: Conversação e Gramática Americana, Arlie Smith; Temas Filosóficos na Literatura Contemporanea, Celina Junqueira; Técnica de Tradução e Alemão para Principiantes, Daniel de Brito, etc.

# AO RELER «EMIGRANTES» E A «SELVA»

(Continuação da página anterior)

tinham voltado das descobertas...» (*A Selva*, 10.ª edição, pág. 74); tudo no desconforto da dúvida, nos contrastes entre o passado e o presente, e — noutro plano não menos determinante — entre a Europa e a América.

É de supor, com razão, que Ferreira de Castro não aspirasse de facto ao mérito (que, porém, lhe é reconhecido) de enriquecer a vida literária moderna, não só de Portugal, especialmente, mas de toda a Europa, com representações imponentes de aspectos grandiosos da Natureza, como os que espontaneamente soube então delimitar e descrever, do interior do continente sul americano: o temporal na Amazónia; a cheia do Rio das Amazonas, com a arca de Noé dos animais ameaçados; a maré desmesurada de peixes na massa de água sem limites daquele rio; o terror, nos homens, das serpentes, ou o perigo dos insectos; e sobretudo a solidão do homem, perdido na floresta virgem, daquela floresta virgem metade da qual vive da outra metade, «como se a água não bastasse para o império vegetal e fosse necessário sugar as árvores que chegaram primeiro. Não havia ramagem que não alimentasse, com o próprio sangue, o seu parasita — as grinaldas estranhas que a envolviam» (*A Selva*, pág. 178).

É uma presença lancinante da selva, cuja sensação o autor transmite ao leitor, como se também este nela se sentisse preso e aterrado, e por cujas tenazes implacáveis e sensações alucinantes o próprio autor, ao apresentar uma edição qualquer (por exemplo, a décima) de *A Selva*, pode dizer: «Esqueço-me de mim mas não me esqueço da selva», e pode ao mesmo tempo, com pleno direito, afirmar ter completado, com os seus dois romances, a visão do Brasil: «Num [«Emigrantes»], a paisagem ridente do Sul do Brasil; noutro [«A Selva»], a paisagem majestosa do Norte. Em «Emigrantes», o exílio pelo estômago: em «A Selva» o desterro pelo espírito», concluindo precisamente: «E nos dois, a unir-los indissoluvelmente, a luta pela vida, a conquista do pão, a miragem do oiro».

Nesta reafirmação — que provém de releitura dos dois romances, a tanta distancia de tempo — de valores persistentes do significado humano e literário de Ferreira de Castro, um leitor italiano encontra outro motivo específico de interesse, de consenso, de grata compreensão. É a simpatia que transparece, nas páginas de *Emigrante*, pelos emigrantes italianos, irmanados com os portugueses na patética tragédia colectiva da «luta pela vida» além-Atlantico. Quando os apresenta em grupo, Ferreira de Castro envolve os emigrantes italianos numa atmosfera de afecto, como quem, compartilhando da sua tragédia, compartilha também das penas, encontrando-se embora a sofrer penas iguais; quando fixa a atenção sobre um deles — o jovem calabrês que o escritor faz companheiro de quarto, durante um dos tremos das peripécias, de Manuel da Bouça —, apresenta-o numa atitude de dedicação total e de lealdade até á ultima a respeito do companheiro de infortunio. Um povo de emigrantes como o português não ignora que a emigração é de há muito e continua a ser um drama (drama da colectividade e drama dos indivíduos) para o povo italiano; é igualmente notório que o Brasil representou e representa um dos mais longos capítulos desta patética odisseia italiana, a qual, por mudadas que possam ser ou aparecer as circunstancias, continua a ser dolorosa e mortificante. Contra esta dor e esta mortificação os italianos do Brasil resistem e reagem sobretudo com o espírito de inventiva e a coragem dos componentes individuais das colectividades constituídas no ponto de chegada, inserindo-se na grande colectividade do povo adoptivo com iniciativas sempre novas, quer de finalidade concreta quer de valor simbólico. Aos serviços prestados nas ultimas décadas pelos italianos á agricultura, á industria e ao comércio do Brasil, acrescenta-se hoje o turismo (a contribuição dos emigrantes italianos do ultimo pós-guerra para a organização turística brasileira hodierna é digna de particular relevo). Em recordação simbólica da obra de uma comunidade italiana no Brasil, foi levantado recentemente, em São Caetano do Sul, um monumento ao emigrante. É um símbolo, episódico em si mesmo, mas de enorme significado interior, como todos os símbolos; e, a seu lado, a Itália de hoje pode bem colocar, como outro símbolo igualmente significativo (porque devido a um escritor não italiano), e não menos duradouro no tempo que um monumento de bronze (porque vivente na obra de um escritor ao qual se pode legitimamente aplicar a autorizada afirmação horaciana do «exegi monumentum aere perennius»), a simpatia de Ferreira de Castro para com os emigrantes italianos. A Ferreira de Castro vão, portanto, também por este motivo, a afectuosa estima e a grata apreciação dos leitores do país — a Itália — que primeiro traduziu na própria língua aqueles romances.

GIUSEPPE CARLO ROSSI

RENÉ CHAR

# René Char
## consagrado com o «Prémio dos Críticos»

O poeta e ensaísta René Char recebeu recentemente o «Prémio dos Críticos», que lhe foi atribuído pelo conjunto da sua obra. Nascido a 14 de Junho de 1907 no Vaucluse (sul da França), René Char estudou em Avignon e na Universidade de Aix. A sua obra de poeta, muito conhecida nas novas gerações literárias portuguesas, é considerável. Em 1945 publicou «Seule Demeure», em 1946 «Feuillets d'Hypnos», em 1949 «Fureur et Mystères» e «Claire», em 1950 «Les Matinaux» e «Le Soleil des Eaux», em 1951 «Une Sérénité Crispée». Seguem-se ainda, em 1953, «Lettera Amorosa», depois «Recherches de Base et du Sommet», em 1955 «Pauvrette et Privilégiée». Em 1957 publicou a colectânea de prosas e poesia «La Parole en Archipel», em 1964 «Comme une Présence» e, já em 1966, «Retour Amont».

# ENTREVISTA COM OLAVO DANTAS

(Continuação da página anterior)

entardecer luminoso — seria um nunca acabar de recordações inesquecíveis. Só quero lembrar uma nota pessoal: como marinheiro, senti uma emoção intensa, em Lisboa, ao passar sob o Arco das Portas do Mar. Que nome cheio de poesia! Quanta coisa relembra! Foram os portugueses que abriram essas portas para o mundo!

— Quer dizer-nos alguma coisa sobre a literatura portuguesa?

— Apenas que a conheço profundamente, sobretudo na poesia, desde os Cancioneiros aos modernos. E que vou lê-la e estudá-la cada vez mais. Teixeira de Pascoaes e Ferreira de Castro são, para mim, duas grandes figuras da literatura universal. Mas o que mais gratamente quero evocar agora, prestes a partir, são os amigos dilectos que tenho em Portugal: além de Ferreira de Castro, que vim abraçar emocionadamente neste ano comemorativo, o meu caríssimo Guedes de Amorim, que tão belamente conjuga na sua obra a dimensão transcendente e o ideal humano das criaturas; e o Álvaro Salema, cuja actividade é hoje um traço de união entre a cultura portuguesa e a brasileira; e os novos amigos que vim conhecer e a quem fiquei gratíssimo: António Vítor Guerra, director da biblioteca da Figueira da Foz, o dr. Jaime Lopes Dias, que me recebeu generosamente no Museu João de Deus, o industrial aveirense Carlos Aleluia — e tantos mais. São fidalgos de alma, da mais nobre fidalguia universalmente aceite.

— E do português, em geral, que impressão dominante conserva?

— A visita demorada que fiz agora confirmou o que a literatura me revelara: que o português é, acima de tudo, uma alma lírica. Por isso a literatura poética portuguesa — assim a considero — é a mais rica do mundo.

O almirante Olavo Dantas vai regressar ao Brasil. Deixa nos que o acompanharam durante a sua estadia a saudade da presença de um amigo e da convivência de um belo espírito — e regressa como um mensageiro do mais íntimo encontro intelectual luso-brasileiro.

# Colecção nova
## da Livraria Bertrand

Uma série de original concepção vai ser iniciada pela *Livraria Bertrand* sob o título «O Amor e a Coroa», começando com o romance ou narrativa histórica romanceada «As Lobas do Escorial», de Michel del Castillo. O tema da obra é significativo. À volta da corte de D. Carlos IV, rei de Espanha, e da rainha D. Maria Luísa, agita-se num turbilhão o povo madrileno, cujo pitoresco só serve para realçar o curso desenfreado das suas paixões e revoltas. Neste redemoinho erguem-se as figuras impressionantes do «par do século», as do pintor Goya e da duquesa de Alba. O camponês atarracado, de uma violência selvagem escusada pelo génio da sua visão, e a grande dama insinuante, cheia de garbo e audácia, amam-se loucamente nas vésperas do cataclismo europeu da Revolução Francesa e da invasão de Napoleão, que desmoronou o secular trono de Espanha, nos fins deste galante, louco e requintado século XVIII.

# A invenção do amor
## ou a realização duma fantasia

### por MANUEL SIMÕES

*H — Seria tão belo um mundo de amor!*
*M — Duvido muito da capacidade de amar, vinda dos outros...*
*H — Todos a temos dentro de nós. É só preciso utilizá-la... e saber utilizá-la. Mostrar-lha-emos, estou certo.*
*M — Não nos compreenderão, rir-se-ão de nós. E depois a vida é curta de mais, para jornada tão longa!*
*H — Alguém disse há muitos anos: transporta todos os dias um punhado de terra e terás uma montanha.*
*M — É verdade! E não disse: transporta todos os dias um punhado de água e terás um mar!*
*H — Bravo! É urgente começar... Os outros farão o cume da montanha!*

Este diálogo, que precede o acto de *invenção do amor*, é uma síntese da problemática do novo filme de António Campos. Planificado a partir do poema de Daniel Filipe, importa desde já salientar que, sem deixar de se apoiar na densidade poética que o texto literário contém, António Campos conseguiu uma autonomia suficiente para se impor por suas próprias imagens, sem cair numa ilustração, pura e simples, do texto do conhecido poeta. De facto, o jovem realizador detém-se mais insistentemente nas consequências da *invenção*, particularizando diversas situações que objectivam uma civilização de raiz alienatória, uma corrupção que motivou o amor «com carácter de urgência».

E será oportuno declarar que «A invenção do amor» contém das mais belas imagens que já vimos em filmes portugueses. Trata-se, com efeito, de uma obra que, realizada por um cineasta amador, em condições de trabalho que se adivinham as mais precárias, transcende o que se costuma enquadrar no âmbito do amadorismo (qualitativamente menos válido) para se expressar por uma linguagem adulta, tècnicamente apreciável, que se identifica até com um cinema europeu dos nossos dias.

### Quem é o realizador

António Campos principiou a filmar por volta de 1955. Entregue a si mesmo, começou a estudar cinema com um interesse invulgar. E logo em 1958 realiza o seu primeiro filme de 8 mm, «Um tesoiro», adaptando um conto de Loureiro Botas. Apresentando-o no Festival Internacional de Cinema Amador de Carcassone (França), logrou conseguir o «Trophée de l'Espoir», entre 193 películas representando 42 países. É importante salientar que este prémio é concedido aos realizadores que mostrem qualidades e condições de poderem vir a fazer grandes obras. E o filme veio a receber o prémio da melhor interpretação feminina, nas Jornadas Internacionais do Filme de 8 mm, realizadas em Paris (1960), interpretação que esteve a cargo de uma mulher do povo, natural de Vieira de Leiria, mulher que nem chega a saber deste seu sucesso: morre pouco depois de concluídas as filmagens.

Os prémios, como é natural, entusiasmaram o jovem realizador. Ainda em 1959, filma «O Senhor», adaptação do conhecido conto de Miguel Torga, filme que obtém o «diploma de honra» no Festival de Carcassone (1959) e o 1.º prémio na categoria «enredo», no Concurso Nacional de Filmes de Amadores, realizado em 1960. Acerca destes dois trabalhos, pronunciou-se então Manuel de Oliveira: «Aqui estão dois filmes-tipo, que apontam caminho apropriado á criação de um cinema de raiz portuguesa. Um pé na ficção e na ideia poética de dois contos escolhidos na nossa literatura, outro na realidade do meio ambiente que escolheu para fazer decorrer as histórias, (...) António Campos oferece dois sóbrios e genuínos exemplos».

Em 1963, como bolseiro da Fundação Gulbenkian, estudou cinema na «London School of Film Technique». Durante a sua estada em Londres, exibiu o seu novo filme «Almadraba Atuneira» (16 mm), obra que uma personalidade da B. B. C., que assistia á projecção, considerou superior, em muitos aspectos, ao famoso *Terra trema*, de Visconti. «Almadraba Atuneira», ou a dura faina do atum (de que actualmente existe cópia no Museu do Homem, de Paris, teve ainda uma segunda apresentação no «Overseas Film and Television Centre».

Por estas alturas, começou a trabalhar na cinematização de «Bonecos de luz», para o produtor Cunha Teles, projecto que não teve continuidade pelos conhecidos problemas de que enferma o nosso cinema. Até que, em 1965, empreende a realização de «A invenção do amor» (16 mm).

### Um cinema antropomórfico

Com «A invenção do amor», atinge António Campos uma maturidade cinematográfica digna de realce. Dispondo agora de outros recursos técnicos, o filme alcança uma dimensão que poucas vezes temos apreciado em filmes nacionais. E se o processo de contar acusa algumas deficiências, fàcilmente superáveis com uma montagem mais maleável, se a evidente poetização de algumas cenas lhe diminui a sua força expressiva, o certo é que estamos frente a um cinema de polémica, isto é, um cinema que põe problemas a que ele próprio abre o diálogo.

Utilizando uma câmara obstinada em apreender o Homem, «A invenção do amor» (como de resto os restantes filmes de A. Campos) enquadra-se num tipo de cinema antropomórfico. De facto, é o Homem o tema que nos propõe constantemente; o homem que trabalha, enquadrado num complexo social preciso e delimitado, resistindo e criando — tal é o fulcro de uma cinematografia sèriamente comprometida com os mais prementes valores humanos. De resto, «A invenção do amor» confirma as reais qualidades deste cineasta amador, qualidades que nos dói não ver aproveitadas em obras de maior envergadura, designadamente em 35 mm — mas isso é uma história com a qual António Campos já nada tem que ver.

MANUEL SIMÕES

# Homenagem
## a Kokoschka

Entre as exposições realizadas ultimamente para homenagear o pintor Oskar Kokoschka pelo seu 80.º aniversário teve especial destaque a levada a efeito na galeria de Estado de Stuttgart, na Alemanha. Nessa evocação estiveram patentes ao publico 140 aguarelas e desenhos de Kokoschka dos anos de 1906 até 1965, na sua maioria pertencentes a particulares. Completam a exposição trabalhos emprestados pelas galerias de Munique, Nova York, Zurique, Viéna e Stuttgart. Kokoschka apresenta-se como um dos grandes desenhadores da nossa época, segundo se aponta no jornal hamburguês «Die Welt». Nos seus trabalhos neste domínio Kokoschka renuncia quase por completo a paisagens e panoramas de cidades. Concentra-se na figura humana, em estudos de movimentos e, sobretudo, em retratos.

«A identidade absoluta entre o interior e o exterior nos grandes retratos de Kokoschka é sempre de novo emocionante», declarou o crítico da «Süddeutsche Zeitung», de Munique. Com os seus trabalhos, Kokoschka teria dito tanto de toda uma geração como Sigmund Freud, «apesar de não ter começado a trabalhar com a intenção de analisar almas, mas para ser artista... A situação psíquica fundamental encontrou em Kokoschka uma especificação sem par: o homem entregue a forças que determinam o seu destino; o homem em situações para as quais é impelido».

SEJA DO SEU TEMPO!
LEIA
motor
O jornal que não havia em Portugal
SAI AS 6.as FEIRAS

OBRAS COMPLETAS
DE
TEIXEIRA DE PASCOAES
ACABA DE SAIR O 2.º VOLUME QUE REUNE:
À VENTURA — JESUS E PÃ
PARA A LUZ — VIDA ETÉREA
340 PÁGINAS — BROCHADO — 40$00
LIVRARIA BERTRAND

# ACTIVIDADE EDITORIAL

## NOVAS EDIÇÕES
## DE AUTORES ESTRANGEIROS

### «UM HOMEM DE CONFIANÇA»
de Simenon

Deve-se á *Livraria Bertrand* a divulgação em Portugal da obra de Simenon, que constitui um dos *casos* mais excepcionais da literatura francesa contemporânea. Além de nos apresentar um caso invulgar de relações humanas em que as duas personalidades em choque criam pouco a pouco todos os elementos de um autêntico conflito passional, o romance «Um Homem de Confiança», de Simenon, que a *Bertrand* publica na colecção Autores Universais, Serie Mistério, constitui uma análise cerrada á ambição da juventude, ao medo de ser asfixiado por condições de vida sórdidas, mas também á surda inquietação de se medir a si próprio.

Sob a aparência de literatura recreativa ligeira, Simenon tem nesta narrativa mais um testemunho da sua qualidade de intérprete literário da mais séria problemática humana.

### «EL GRECO»
de Simon Vestdijk

É uma apaixonante narrativa a que a *Editora Ulisseia* acaba de publicar na sua Colecção Romance e Vida e que tem por tema «El Greco — Romance da Espanha da Inquisição», do escritor holandês Simon Vestdijk. A tradução de Manuel Mendes conservou toda a expressividade literária e humana desta biografia romanceada, que não só documenta a trajectória do genial pintor como ergue ante os leitores um flagrante, intenso e revelador panorama retrospectivo da vida espanhola no final do século XVI. É um belo livro, sem dúvida, que a todos os seus valores reune o de ser um apreciável elemento de cultura.

### «SCIENTIA LIBERATRIX OU...»
de Alphonse Allais

Mais conhecido como humorista do que na qualidade, que foi relevante, de renovador literário a partir de uma ousada experiência surrealista, «avant la lettre», Alphonse Allais começa a encontrar agora, entre nós, a aura de poderoso e insólito criador que lhe é devida. Mestre do absurdo, como tem sido chamado, o escritor francês surge expressivamente representado na colectanea de contos e narrativas «Scientia Liberatrix ou...» que a *Editora Ulisseia* apresenta na sequência da sua Colecção Sucessos Literários, em tradução e com prefácio esclarecedor de Aníbal Fernandes. É esta, finalmente, em português, como acentua o prefaciador, a primeira selecção do verdadeiro criador que foi Alphonse Allais, um dos maiores humoristas de todos os tempos.

### «RUM»
de Blaise Cendrars

Foi Blaise Cendrars, que ficou ligado á nossa história literária como tradutor para francês de «A Selva» de Ferreira de Castro, um romancista e novelista de notável projecção entre as duas guerras. Como escreveu Marcel Girard, os seus romances-cinemáticos, escritos numa espécie de prosa lírica, parecem pertencer ao domínio do maravilhoso mas são, de facto, a epopeia vivida do perfeito aventureiro. Nesta estirpe literária se enquadra o romance «Rum — A aventura de Jean Galmot», que a *Editora Ulisseia* acaba de publicar em tradução de Eduardo Fonseca e integrada na Colecção Vária.

Em abertura do livro insere Eduardo Fonseca uma expressiva «Notícia meteórica sobre Cendrars e o seu mundo», que assinala o profundo amor do romancista pela humanidade e o universalismo da sua obra. Uma capa original de Carlos Fernandes valoriza a edição.

## O «livro do mês»
## da Portugália Editora

Tem despertado grande interesse a iniciativa da Portugália Editora de apresentar mensalmente aos leitores, com especial relevo, uma obra, de edição sua ou alheia, que com verdeiro fundamento se possa considerar o «livro do mês».

É desejo da Portugália Editora que esta nova iniciativa constitua com efectivo interesse, um verdadeiro serviço prestado ao leitor, e por esse motivo considera quaisquer críticas ou sugestões que lhe sejam comunicadas.

## «OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO»
## — estudo de Maria Odette de Almeida Duarte

Teve larga sensação mundial a descoberta, em 1947, dos rolos de documentos antiquíssimos a que se deu a designação de «Manuscritos do Mar Morto». Esses textos estão hoje identificados nas suas origens e significado, trazendo contribuição notável ao estudo da evolução do judaísmo, das comunidades místicas pré-cristãs e das próprias origens do cristianismo. Do muito que se tem escrito sobre esses preciosos achados e dos debates que motivaram fez Maria Odette de Almeida Duarte uma síntese esclarecedora, desenvolvendo ainda uma interessante interpretação histórica sobre a seita dos Essénios, que precedeu no sistema monacal a forma de vida dos monges cristãos, embora sob diferente inspiração.

Escreve a autora que «os monges cristãos do Oriente tiveram, em oposição ao espírito sectário dos homens que se consideravam só eles amados por Deus e que há viam de dominar os outros homens (os Essénios), um ideal verdadeiramente universal e que tinha por base o amor a todos os homens, pois todos eram filhos de Deus». É uma tese que fica como principal motivação deste trabalho, revelador de séria cultura.

BLAISE CENDRARS

## Os prémios
## da «Maison de Poésie»

A instituição da língua francesa «Maison de Poésie» atribuiu há dias os seguintes prémios literários, referidos a 1966: o Grande Prémio Petitdidier a Jacques Charles; o Prémio Émile Blemont a Jean Camp; o Prémio Gabriel Vicaire a Roland le Cordier; o Prémio Paul Verlaine a Marie Thérèse Arnoux; o Prémio Van Lerberghe a Carlo Masoni (Bélgica); o Prémio Edgar Poe a Nelly Gédéon (Líbano); e o Prémio da Crítica a Joseph Majault.

## LIVROS AUTOGRAFADOS DE ERICO VERÍSSIMO

A visita recente de Erico Veríssimo a Portugal deu a muitos dos seus leitores o privilégio de ficarem com livros autografados pelo escritor. Por acordo entre as editoriais *Livros do Brasil* e *Portugália Editora*, estão á venda exemplares de obras de Veríssimo com o seu autógrafo. Projectam-se outras iniciativas idênticas para futuro.

## Obras de Shakespeare

Por equívoco justificável deu-se notícia no Suplemento transacto de ter sido concluída a publicação em fascículos da edição «Obras de Shakespeare». O editor informa, porém, que faltam ainda 4 fascículos para conclusão da obra. Aqui deixamos registada a rectificação.

### CONCURSO FOTOGRÁFICO FERROVIÁRIO

Terminará em 31 de Agosto o grandioso concurso fotográfico que o «Boletim da C. P.» está promovendo para comemorar a conclusão próxima da electrificação da linha do Norte até Campanhã e simultaneamente os 50 anos da estação de Porto (S. Bento).

Temas admitidos (unicamente fotografias a preto e branco e no formato compreendido entre 30 e 40 cm.): «A estação de S. Bento, em qualquer dos seus aspectos», «Locomotivas anteriores á época da inauguração de Porto-S. Bento (1916)» e «Electrificação da linha do Norte».

As produções seleccionadas serão expostas, em Outubro, na estação principal da capital nortenha, sendo atribuídos numerosos prémios ás fotografias mais classificadas.

O «Boletim da C. P.» — estação de Santa Apolónia, Lisboa, e a Delegação do Serviço do Tráfego, Estação de S. Bento, 2.º andar — Porto, enviarão gratuitamente o Regulamento do concurso a quem o solicitar.


## Colóquio
## sobre Madame de Stael

O segundo centenário do nascimento de Madame de Staël foi celebrado, entre outras iniciativas, por um colóquio histórico-literário que reuniu em Coppet, na Suíça, junto ao castelo onde viveu a escritora e que pertencia a seu pai, o ministro Necker, numerosos estudiosos da vida e da obra dessa grande figura da cultura europeia. Foram cerca de 150 os participantes, vindos de quinze países, entre os quais o Japão, o Canadá, a Polónia, Israel, etc.

**EXCURSÕES INDIVIDUAIS**

Conheça toda a Europa utilizando as viagens ao estrangeiro organizadas pela C. P. com todas as despesas incluídas.

Peça a respectiva brochura ao Serviço Comercial e do Tráfego nas Secções de Informações e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa

**SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO**

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS


# AUTORES PORTUGUESES

## Livros de Poesia

Nos últimos meses têm sido recebidos numerosos livros de poesia, alguns de reais qualidades, outros de modesto significado pessoal, mas aos quais nem o tempo nem o espaço permitiriam demorada referência. A seguir se dá a resenha dessa copiosa produção lírica nacional, de amplitude incomportável na faina noticiarista ou crítica.

— «Poema Um», de ÂNGELO OCHOA, Coimbra.

— «Maíssa (Mãe Negra)», de ANUNCIAÇÃO PRUDENTE, África Editora, Lourenço Marques

— «Capricho Ribatejano», de AUGUSTO BARREIROS, Lisboa.

— «Cosmose», de DOMINGOS DE OLIVEIRA, Paços de Brandão.

— «Lira Coimbrã e Portulano de Lisboa», de GUILHERMINO CÉSAR, Livraria Almedina, Coimbra.

— «Memória Acicular», de HIPÓLITO CLEMENTE. Edições Panorama, Lisboa.

— «Ocasionais», de JÚLIA MAURY, Editora Pax, Braga.

— «Em Comum com a Noite», de JOÃO CARLOS, Ponta Delgada.

— «Seis Histórias Quiócas», de JOSÉ ALMEIDA SANTOS, Instituto de Angola, Luanda.

— «Urgência», de JOSÉ VIALE MOUTINHO, Porto.

— «In Memoriam», de MANUEL MENTARFA, Porto.

— «Ao Entardecer», de M. CONCEIÇÃO JR., Editora Progredior, Porto.

— «Folhas que o Vento Arrancou», de MARIADELTA, Editora Pax, Braga.

— «Parei os meus Relógios», de M. EMÍLIA CORREIA, Edições Tapete Mágico, Lisboa.

— «Nasceu Poesia», de MARIA RIBEIRO CRUZ, Lisboa.

— «Por ser Mulher e Poeta», de MARIA TERESA VARELA, Panorâmica Poética Luso-Hispânica, Lisboa.

— «Poesias», de NUNO VASCO, Lisboa.

— «Ano Novo», de OLIVEIRA DE FONTEMAR, Lisboa.

## 2.ª edição
## da Antologia «Poesias»
## organizada por Branquinho da Fonseca

Em 2.ª edição, que consagra o interesse de um largo publico, foi posta á venda pela *Portugália Editora* a antologia «Poesias», seleccionada e anotada por Branquinho da Fonseca. Desde João Roiz de Castelo Branco, com a admirável «Cantiga, Partindo-se», a Florbela Espanca, com cinco dos seus mais belos sonetos, a antologia oferece um panorama expressivo e magistralmente coordenado da poesia portuguesa em quase oito séculos da sua multímoda trajectória. Não são muito numerosos os poetas seleccionados; mas o critério da escolha e a representatividade dos escolhidos suprem a estreiteza da colectanea assim reunida. Uma antologia de poetas, como escreve Branquinho da Fonseca na abertura da edição, é sempre, por sua natureza, uma obra incompleta e marcada pelo subjectivismo, preferências e discutível critério de quem a organiza

Tal como se apresenta, a antologia é convite aliciante a quem conheça mal a nossa poesia. Para isso foi organizada — e a 2.ª edição, vinda agora a publico, atesta que tem cumprido bem os seus fins.

### «POEMAS»
de Reinaldo Ferreira

Como escreveu José Régio no comentário de abertura desta compilação da poesia de Reinaldo Ferreira — o malogrado escritor que se distanciou e veio a morrer quase desconhecido em Moçambique — constituiram os «Poemas» inesperada revelação de mais um grande poeta português. Desvendada a sua obra, a 2.ª edição do volume que a revelou a largo publico acaba de surgir, na Colecção Poetas de Hoje, da *Portugália Editora*, consagrada pelo alto nível literário em que se tem mantido Reinaldo Ferreira está vivo para o tempo literário nesta colectânea — inabacada a sua obra em todos os sentidos mas bastante expressiva para assinalar um grande artista que se perdeu prematuramente.

Como acentua José Régio, no livro está evidenciado «mais um homem-poeta que se debate entre velhíssimas potências contrárias; mais um caso dramático; e, não obstante a originalidade, a persistência, a beleza com que se apura o artista, em Reinaldo Ferreira, a exprimir o seu sentimento negativista da vida, mais uma obra que, parecendo afirmar o Nada, todavia deixa filtrar aquele raio de luz ou clarão longínquo sem o qual nem sequer se poderia manifestar o drama, o conflito».

É um acontecimento excepcional da história da nossa poesia o que se afirma nestes «Poemas» de Reinaldo Ferreira, agora publicados em 2.ª edição pela *Portugália Editora*.


## ESCAPARATE

*(De 1 a 8 de Agosto de 1966)*

**Autores portugueses**

*Título* — «Carta de Prego»
*Autor* — Maria Pimentel Montenegro
*Editora* — Editora Lux
*Colecção* — Parnaso
*Numero de páginas* — 73
*Preço* — 25$00

*Título* — «Luz no Tunel»
*Autor* — Maria da Beira
*Editora* — Edição da Autora — Dep. Livraria Aviz — Porto
*Numero de páginas* — 566
*Preço* — 50$00

**Autores estrangeiros**

*Título* — «A Psicologia do Casamento»
*Autor* — Dino Origlia
*Tradutor* — Jorge Felo
*Editora* — Arcádia — Lisboa
*Numero de páginas* — 573.
*Preço* — 90$00

**NOVIDADE**

**Georges Simenon**

**UM HOMEM DE CONFIANÇA**

**romance**

**O célebre «L'Aîné des Ferchaux», história de um fabuloso destino que proporcionou a Simenon uma das suas mais vigorosas obras**

Brochado - 274 págs. - 40$00

**Um livro da colecção**

**AUTORES UNIVERSAIS**

**Série Mistério**

**LIVRARIA BERTRAND**

# A «National Gallery» de Londres e os seus quadros

(Continuação da 1.ª página)

dido um donativo anual de 10 000 libras com o objectivo expresso de que a instituição não se limitasse a exibir obras de arte, mas também a instruir o público na história da arte. O primeiro director, «sir» Charles Eastlake, prosseguiu vigorosamente a política de valorização do museu. Em 1857 adquiriu «A Família de Dario», de Veroneso, «O Martírio de S. Sebastião», atribuído a António e Piero del Pollainolo, quadros da colecção Lombardi-Baldi em que se incluíam um tríptico de Duccio o «S. Romano», de Uccello, e a «Adoração dos Reis», de Botticelli. Assim se iniciou uma série de aquisições que fizeram vir para Londres um conjunto de quadros da Renascença italiana sem outro

Um conjunto de obras clássicas em exposição nas novas salas da «National Gallery»

paralelo no mundo, fora da Itália. O «Baptismo de Cristo», de Piero della Francesca, foi comprado por Eastlake em 1861 e custou 241 libras.

Os sucessores de Eastlake, «sir» William Boxall e «sir» Frederic Burton, promoveram a compra de «S. Miguel» e «Natividade», de Piero, a «Madona nos Rochedos», de Leonardo da Vinci, da «Madona» de Rafael, e da «Descida ao Túmulo», de Miguel Angelo. A compra da Colecção Peel, em 1871, da qual faziam parte «O Chapéu de Palha, de Rubens, e obras de Hobbema, bem como da série Ellis, em 1876, elevaram ao primeiro plano as colecções de holandeses e flamengos na «National Gallery». Já no século XX o património foi enriquecido com a doação de 192 quadros de diversas escolas por George Salting, de várias obras de Rafael pelo dr. Ludwig Mond e de peças francesas do século XIX por «sir» Hugh Lane. Outras obras-primas da mesma época, incluindo um famoso Seurat que veio da «Tate Gallery», foram adquiridas graças a um fundo instituído por Samuel Courtauld. A contribuição altruísta da Fundação Max Rayne tornou possível ao actual director a compra do quadro «Grandes Baigneuses», de Cézanne.

Outro benemérito do património reunido no palácio da Trafalgar Square é o Fundo Nacional de

A fachada da «National Gallery» sobre a Praça de Trafalgar em Londres

Colecções de Arte. Têm essa origem a compra de obras de primitivos que se incluem entre as mais preciosas do museu. O Fundo cuida, também, de evitar a saída da Grã-Bretanha de criações artísticas qualificadas — e por esse esforço se ficou a dever-lhe a aquisição de «Cristina da Dinamarca», de Holbein, da «Vénus», de Velazquez, e de cartões de Leonardo. Cerca de um milhão de ingleses contribuiram para o pagamento de uma obra do mestre da «Gioconda» em resposta ao apelo lançado pelo Fundo.

Graças á construção das novas salas da Colecção de Reserva quase todo o património de pintura da «National Gallery» está agora patente ao público. Os quadros estão metódicamente dispostos por ordem cronológica das séries definidas em escolas ou pelo nome dos grandes mestres. A iluminação e as cores das paredes são cuidadosamente determinadas pelos técnicos. Em 1824 a colecção limitava-se a 38 quadros e estava singelamente instalada na casa de Angerstein. Actualmente, inclui mais de 2000 quadros e encontra-se no vasto palácio construído em 1834-37, marginando com imponência arquitectónica a Praça de Trafalgar. Duas aquisições recentes — uma bela «Crucificação» do século XIII pelo Mestre de S. Francisco e o quadro de Cézanne acima referido, assinalam a continuidade do ideal artístico e pedagógico perfilhado pelo «Select Committee» de 1853. A finalidade da «National Gallery» como fonte de prazer estético e como instrumento de cultura foi plenamente realizada.

# Um grande pintor desaparecido

Faleceu recentemente em Basileia, na Suíça, com 86 anos de idade, um dos mais notáveis pintores alemães do impressionismo tardio, Hans Purrmann. O artista, que nasceu no Palatinado, teve contacto estreito, na Academia de Belas-Artes de Munique, com Klee e Kandinsky. Em Paris, encontrou em 1906 em Matisse um orientador e um amigo para toda a vida. Durante muitos anos Purrmann viveu e trabalhou em Berlim. Em 1935 assumiu a direcção da fundação alemã «Villa Romana» em Florença. Em 1943 conseguiu fugir para a Suíça. Até á sua morte viveu em Montagnola. Só muito tarde Purrmann foi alvo de homenagens. Realizaram-se grandes exposições retrospectivas de toda a sua obra em 1959 em Hanover e em 1962 em Munique. «Sem deixar discípulos, os seus quadros afirmam-se como exemplos de uma pintura viva com os sentidos e precisamente refinada, expressão mais convincente e mais incisiva das doutrinas de Henri Matisse» — escreveu-se na imprensa alemã quando da morte do pintor.


À VENDA O

4.º VOLUME

**História Universal**

de Carl Grimberg

(Das Origens de Roma á formação do Império)

Uma colecção famosa com milhões de exemplares vendidos no mundo inteiro. Um êxito invulgar dos volumes já publicados entre nós.

Sumário do presente volume:

Os Etruscos, Roma na época lendária, Roma torna-se uma grande potência, O nascimento da literatura romana, A época revolucionária.

Volume ilustrado a cores e a preto e branco: 288 páginas ........ 35$

Uma edição

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8, Mem Martins

Rua das Flores, 45, 2.º — Lisboa 2

Nome ................................................

Morada ................................................

Queiram enviar-me à cobrança os n.º .............. da História Universal.


CARTAS DA CATALUNHA

# LISBOA, BARCELONA E CER[...]

*por FÈLIX [...]*

LISBOA e Barcelona têm um especial significado na vida e na obra de Cervantes. Lisboa é a cidade onde o escritor vive completamente satisfeito, onde se apaixona e ama.

Em Barcelona receberão o Quixote com entusiasmo. Os louvores com que o aclamam são, precisamente, os que mais o podiam impressionar: «Bien sea venido a nuestra ciudad el espejo, el farol, la estrella, y el norte de toda la caballería andante». Dizem-lhe que sem hesitações o reconheceram como «el valeroso Don Quijote de

la Mancha, [...] tício, no el [...] historias no[...] el verdadero [...] nos describ[...] nengeli, flor[...]

Portugal [...] rismo e da [...] luz, do amo[...] tugueses tê[...] el morir de, [...] Quixote não [...] nhum outro [...] doce como [...]

Cervantes [...] Lisboa. As [...] el paraiso [...] nenhuma d[...] guna parte [...] Eliseos tien[...] ta.»

«— !Albri[...] clama uma [...] *Persiles y* [...] navio, faze[...] mentos de [...] pido y albr[...] tierra! Aun[...] cielo!, porq[...] en el parage[...]

Barcelona [...] grande per[...] que alguém [...] tramóia. O [...] apesar de [...] parado a fa[...] tinuá-la, un[...] hoepede Qui[...] importa der[...] que razões [...] lenciano, in[...] chefia, o re[...] capitana e c[...] ma que aqu[...] «con piedra[...] é que a e[...] porto, lhe [...] corresponde[...] importante. [...] aclamado co[...] rói — até a [...] significativo [...] do o espect[...] que se enc[...] Catalunha s[...] tes termos: [...] fueras a s[...] puertas de [...] mal; pero ti[...] ver locos y [...] te tratan y [...] renlo por [...] acompañan[...] pega. Uma [...]

(Contin[...]

# MENSAGEM DE MÁRIO SACRAMENTO A FERREIRA DE CASTRO

*O escritor e nosso actual crítico literário dr. Mário Sacramento associou-se expressamente ás homenagens que têm sido prestadas a Ferreira de Castro pelo cinquentenário da sua obra de romancista publicando no jornal de Aveiro «Litoral» a emotiva mensagem que a seguir transcrevemos. Bem merece a divulgação mais larga esta página brilhante e expressiva do noso presado colaborador — uma das homenagens de mais alto nível literário que Ferreira de Castro tem recebido neste ano comemorativo.*

Quando olho para as minhas mãos saudosas, gastas de sonhar, o que nem eu sei e vejo caminhar para os meus filhos o que para mim próprio desejei... Como vê, faz falta um poema, meu caro Ferreira de Castro. Mas dizê-lo é fazê-lo, como convinha ao ensejo, pois receber um homem como você desenxovalha o coração do sarro em que dia a dia vêm sepultá-lo. E digo você, com o plebeísmo espontaneo da linguagem oral, porque nenhuma outra poderia servir-nos aqui. Ora o meu Amigo não vem inaugurar o chafariz da praça. Vem lembrar-nos apenas que partiu daqui há cinquenta e seis anos para alugar o seu braço de europeu onde outrora levávamos o do africano. Se se tivesse deixado ficar, seria hoje, talvez, o correspondente em Ossela do semanário da vila e diria, em bom vernáculo, que as andorinhas já chegaram ou que o sino da capela saudou a passagem dum avião a jacto.

Mas o que fez a sua grandeza de escritor, para lá duma fremente humanidade, foi ter-lhe ultrapassado como literato. O que envolveu uma disputa íntima entre a «ansia de singularidade», a «inquietação estética» a que se refere num dos prefácios da *Selva* e a intuição de que só os seringueiros, os «brabos», os retirantes da Amazónia podiam ensiná-lo a escrever. À luta com as palavras preferiu assim a das realidades, pois só vem ás mãos com as sombras da caverna quem não topa com os seus arquétipos. E que outro lugar poderia haver para eles que não fosse o coração dos homens?

Aí inaugurou o meu Amigo meio século de literatura social — no Brasil e em Portugal. E é o que estamos comemorando: cinco décadas de ideário vivido e literáriamente recriado, não só por si mas por gerações inteiras que se lhe têm seguido. Pelo que não foi á toa que abri estas linhas com um pseudo-poema da vida pseudo-frustrada. A sua obra fecha um ciclo que a *Peregrinação* do Fernão Mendes Pinto abrira. E inicia outro que nossos filhos verão cumprir-se. Ao optimismo expansivo do Mendes Pinto, os *Emigrantes* opuseram a reflexão pungente que a abordagem do real hoje suscita. À ascensão, a depressão. Aos damascos opulentos, a lã ancestral dos tosquiadores de Viriato.

Os mais belos pomos pendem assim, na sua obra, de árvores disformes. Árvores que são mãos e pés humanos, como em Portinari. Árvores que se confundem com a terra. Que a têm.

E por aqui veio que não somos nós, afinal, quem o recebe. Ferreira de Castro, é você quem nos recebe. Venha pois mostrar-nos onde deixou o pião, a fisga, o saquitel da escola. Que sabemos nós, se não sabemos isso?

Com todo o afecto



Cam[...]

evoc[...]

O publici[...] rense Edua[...] do constant[...] tigador dos [...] e dos inter[...] onde vive [...] que tem co[...] seu esforç[...] pena. No [...] de Aveiro», [...] sa publicaç[...] tenso labor[...] ram-se nos [...] dos estudos [...] do Cerquei[...] que se repo[...] do admirá[...] tista que f[...]

Chegou-n[...] quência de [...] breve mas [...] torico-biogr[...] queira que [...] José Estêv[...] nível liter[...] se estabele[...] cista e o t[...] agrestes d[...] Para os c[...] admiradore[...] para os est[...] português, [...] interesse [...] chamar as [...]

Evoca [...] «José Estêv[...] mento ro[...] impressioná[...] impulsos, [...] te á gener[...] e fraterna. [...]

Foco de [...] polo de at[...] ração aber[...] um amigo [...] — amigo d[...]

# Camilo e José Estêvão
## evocados por Eduardo Cerqueira

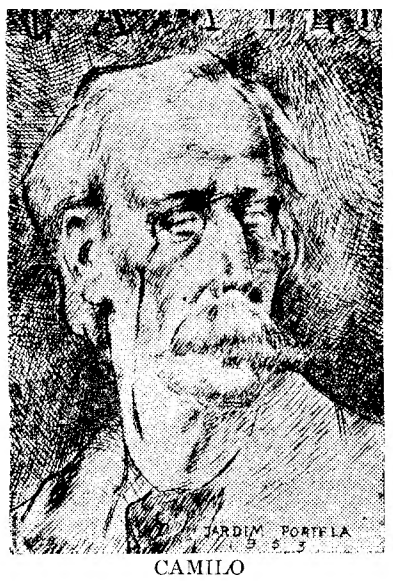
O publicista e jornalista aveirense Eduardo Cerqueira tem sido constante e esclarecido investigador dos falsos, das figuras e dos interesses perenes da terra onde vive desde a infancia e a que tem consagrado o melhor do seu esforço de trabalhador da pena. No «Arquivo do Distrito de Aveiro», e em separatas dessa publicação — além de um intenso labor de jornalista — fixaram-se nos ultimos anos alguns dos estudos aveirenses de Eduardo Cerqueira e, em especial, os que se reportam á vida e á acção do admirável paladino oitocentista que foi José Estêvão.

Chegou-nos agora, em consequência de grato encontro, um breve mas expressivo ensaio historico-biográfico de Eduardo Cerqueira que se intitula «Camilo e José Estêvão» — relato de bom nível literário das relações que se estabeleceram entre o romancista e o tribuno em momentos agrestes da vida do primeiro. Para os camilianistas, para os admiradores de José Estêvão, para os estudiosos do século XIX português, tem este trabalho um interesse para o qual cumpre chamar as atenções devidas.

Evoca Eduardo Cerqueira: «José Estêvão, por seu temperamento romantico, prontamente impressionável e de espontaneos impulsos, propendia francamente á generosidade compreensiva e fraterna.

Foco de simpatia irradiante, polo de atracção de afectos, coração aberto sem reservas, era um amigo prestante e solícito — amigo de todos, porventura com a só exclusão de Costa Cabral, como alguém observou. A humana simpatia, a sua feição de «bom rapaz», que Ramalho Ortigão lhe pôs em evidência, sobressaíam entre os seus mais estimáveis e aliciantes predicados. Os passageiros assomos de impaciência e irascibilidade, certos caprichos e fantasias que o singularizavam e acidulavam a sua cativante cordialidade só fugazmente lhe alteravam o humor comunicativo, e não empanavam o seu poder de conquistar afeições nem traziam entrave ao sentimento que da sua alma rasgada manava inextinguívelmente.

Esse lutador sem desfalecimento, intrépida e ininterruptamente na liça, no ambito do comum — que roça pelos páramos da abstracção — em defesa das regalias populares, era, nos casos concretos, um procurador diligente de muitas causas sem arrimo sólido nem água benta de empenhoca que lhes trouxesse a virtude á superfície, evidenciadora de direitos postergados e motora de inércias administrativas ou de regedorias de qualquer grau na organica oficial. José Estêvão



CAMILO

era homem de pedir, para acudir ás necessidades e amarguras dos desprotegidos ou para que a justiça se cumprisse lisa e limpida, e tanto como de intemeratamente recusar para si benesses, que lhe repugnavam, ou honrarias, que menosprezava.

Camilo, esse, pelos finais do ano de 1859, ralava-se em mil atribulações, que desde sempre lhe surdiam ao caminho por negra sina inelutável, ou que ele próprio parturejava e emaranhava, na sua queda fatal para tecer inextricáveis complicações, exasperantes e desalentadoras. Nascera, sem duvida, sob a influência vitalícia de qualquer efectivo signo de desgraça, esse enredador de romances de ficção e na própria vida pessoal.»

Recorda Eduardo Cerqueira as provações em que Camilo se viu envolvido pela sua ligação com Ana Plácido e, em certo momento, o seu apelo a José Estêvão:

«Partem para Lisboa. Ana Plácido está sem recursos. Camilo vai na expectativa de conseguir, por intermédio de certos vultos dos mais influentes da época, algum lugar do Estado que, com as suas produções literárias, lhe assegure uma situação económica

JOSÉ ESTÊVÃO

sem aflições. E as suas esperanças voltam-se mais insistente e confiadamente, para José Estêvão. Fontes, nessa altura ministro do Reino, haveria mostrado disposição de o colocar em Lisboa, mas o tribuno afigurar-se-lhe-ia como o melhor procurador da sua instante pretensão, de solicitude mais pronta e mais movido pelos impulsos da simpatia e da generosidade. Aliás, o famoso caudilho liberal advogava-lhe a pretensão junto daquele mesmo membro do governo, e dois passos da correspondência do atribulado escritor para o seu amigo Duarte Nogueira, claramente o demonstram: «*Contei há meses a minha vida a José Estêvão. Pareceu-me que ele se comovera e falou ao ministro do Reino para me colocar*», dizia de uma vez. E, tempos depois, retomava o assunto: «*Há meses dizia-me J. Estêvão, em nome do Fontes, que tivesse como certa uma colocação. Cuidei que a adversidade me dava tréguas*».

Não teve seguimento o propósito e Camilo regressa ao Porto. Na perseguição que Pinheiro Alves lhe movia, procura mais uma vez o apoio de José Estêvão para que este lhe assegure as boas disposições do magistrado dr. José Maria Teixeira de Queirós, pai de Eça de Queiroz, no pleito dos seus malfadados amores. É uma história complexa e vária, que Eduardo Cerqueira desfia com perspicácia e com oportuna informação. Depois da absolvição, esforçadamente conseguida, volta ainda Camilo, por mais de uma vez, a solicitar o apoio do generoso tribuno aveirense:

«Camilo, na sua proverbial carência de recursos, lança-se numa fase de extraordinária actividade literária, e publica, apesar de um curto período de doença, mais de meia duzia de livros. As receitas da sua prodigiosa produção não bastam, porém, para ocorrer ás suas despesas, aliás comedidas. O escritor admirado, não obstante a sua fecundidade e o renome que alcançara, não ganhava o suficiente para manter um teor de vida sem superfluidades. Tenta mais uma vez uma base de proventos regulares que o livre de constantes inquietações e bate novamente á porta dos próceres da política, embora muito desiludido de promessas que jamais se concretizavam. Agarra-se, no entanto, a todas as esperanças de onde se vislumbre a hipótese que o arranque á situação extremamente embaraçosa em que se debate. E é ainda José Estêvão — a poucos meses do falecimento inesperado do famoso orador — quem já parece, apenas, merecer-lhe confiança, e capaz de «incutir um sentimento da sua alma generosa» naqueles que letinham a máquina da administração publica e de quem dependia o deferimento da pretensão. A Nogueira Soares, numa altura em que as dificuldades o atormentavam com maior premência, se dirige neste apelo angustiado: «*Toquei o extremo da desesperação. Pedem-me a importância que aqui devo. José Estêvão ainda não falou com o Fontes. Eu vou deitar-me doente. Vá por quem é dizer a José Estêvão que há desgraças que merecem a consideração mesmo dos grandes talentos*».

Por pouco mais tempo poderia contar com o patrocínio que lhe concedia esse vibrante e sensível homem publico, de largos e fraternos rasgos, mas que não dispunha dos meios de directamente ocorrer ás necessidades, ainda as mais imperiosas, comoventes e merecedoras. José Estêvão, antes do fim desse mesmo ano, morreria quase subitamente, sem com «sua mão veladora», ter alcançado esse benefício para o escritor que admirava e lhe despertara afectuosa simpatia.»

Deixou Eduardo Cerqueira brilhantemente documentadas, neste seu trabalho, «as relações que mantiveram, em volta dos anos sessenta do século passado, os que nesse período seriam decerto os maiores artistas nacionais da palavra escrita e da falada, e os sentimentos de mutuo apreço e recíproca simpatia existentes entre esses dois vultos de excepção».

O estudo de Eduardo Cerqueira é um testemunho intelectual valioso que justifica larga divulgação.

S.

(Continua na 7.ª página)

# Consagração
## de Adónias Filho

Informa o «Jornal de Letras», do Rio de Janeiro, que um grupo numeroso e qualificado de amigos ofereceu recentemente um jantar de homenagem ao escritor Adónias Filho pelo êxito que obteve a publicação de um seu romance na Alemanha e na Áustria. Participaram na homenagem, entre outros, Austregésilo de Ataíde, Marques Rebelo, Jorge Amado (que, na tarde do mesmo dia, lançara na Livraria São José o novo romance «Dona Flor e Seus Dois Maridos»), Peregrino Jr. os generais Newton Reis e Umberto Peregrino, os embaixadores Everaldo Dayrell de Lima, Pascoal Carlos Magno e Henri Senghor, António Olinto, Zora Seljan, Elisio Condé, José Condé, Barbosa Melo, Carlos Ribeiro, Herberto Sales, Fernando Sales, Valdemar Cavalcanti, Valdemar Lopes, Cavalcanti Proença, Dalcídio Jurandir, Leandro Tocantins, Murilo Miranda, Hélio Scarabotolo, Nilo Aparecida Pinto, Miécio Tati, Artur de Almeida Torres, Donald Warren, Eugénio Villicana, Edmundo Falcão da Silva, Thiers Martins Moreira, Francisco Pereira da Silva, José Cândido de Carvalho e Euclides Carvalho Leão. Falaram António Olinto, Barbosa Melo e Henri Senghor, tendo Adónias Filho respondido, para agradecer a homenagem.

# Simone de Beauvoir
## editada pela Minotauro

A atribuição em 1964 do Prémio Nobel de Literatura a Jean-Paul Sartre, que este recusou, nem por isso deixou de consagrar, com a própria obra do escritor, uma das correntes do pensamento mais discutidas no nosso tempo: o existencialismo. Hoje, confirmada a validade e evolução de tal corrente, sobretudo literária, ninguém ousa já recusar-lhe a posição importante e de extrema coragem que ocupa na vida moderna, talvez não como filosofia em si, mas como linha evolutiva de um tipo de realismo para outro tipo de realismo de vanguarda.

Com a publicação dos ensaios contidos no livro «O Existencialismo e a Sabedoria das Nações», de Simone de Beauvoir, que a Editorial Minotauro acaba de incluir na sua conceituada Colecção Ensaio, o leitor de língua portuguesa fica apto a contactar com uma das expressões mais válidas da fenomenologia existencialista, quer no seu aspecto literário, quer político quer social.

Livro de perfeita acessibilidade, da autoria da companheira dilecta de Sartre na sua luminosa aventura e, tal como o autor da «Náusea», uma das vozes mais corajosas, lucidas e actuantes do nosso tempo.

OBRAS COMPLETAS DE AQUILINO RIBEIRO

ACABA DE SAIR

**HUMILDADE GLORIOSA**

ROMANCE

Seguindo, passo a passo, a «Vita anonyma» de Santo António de Lisboa, desenhou Aquilino o percurso terreno do homem que tanto influenciou o pensamento europeu da Idade Média.

Brochado — 328 páginas ..... 50$00
Edição especial, ilustrada por António Vaz Pereira 115$00

Este é o 29.º volúme publicado nas Obras Completas de Aquilino Ribeiro

LIVRARIA BERTRAND

# SILÊNCIO
## para JOSÉ GOMES FERREIRA
## por J. SANTOS STOCKLER

Há silêncio na boca dos rios
que cantam a sua dor mais íntima
há silêncio nas asas dos pássaros
que esvoaçam deitados nos seus ninhos
há silêncio nos dedos das manhãs claras
que desafiam o escuro das estrelas
há silêncio nas pegadas do vento
que dormita nos travesseiros da duvida
há silêncio nos olhos das rochas
que se espelham no fundo do oceano
há silêncio no choro das crianças
que se agasalham no rosto do frio
e há silêncio no pó dos caminhos
que os homens pisam há milénios

Mas para além das encruzilhadas
o silêncio vai quebrando a sua harpa
ante o rumor da folhagem verde

(Do livro a sair: «Poemas do Meu Tempo»)

# PEQUENO MAGAZINE

## ANEDOTAS

● — **Deixei a minha bomba no avião — telefonou um campónio para os escritórios da «Air France».**

**O avião, que viera de Marselha para Paris, já levantara voo em direcção ao Havre. Aviso pela rádio, grande alvoroço a bordo, três corporações de bombeiros na pista. O avião poisa novamente em Paris. O campónio sobe as escadas de acesso acompanhado por um piquete da Judiciária.**

**— Tem a certeza que deixou a bomba neste avião?**

**— Tenho, sim senhor. Deve estar debaixo deste assento.**

**E pesca lá do fundo a bomba de bicicleta, novinha em folha, que comprara em Marselha.**

● — Nunca mais me esqueço de uma coisa, quando me entra na cabeça.

— Então recorda-se daqueles quinhentos escudos que lhe emprestei?

— Ah, não. Os quinhentos escudos não me entraram na cabeça, mas no bolso...

## HÁ 30 ANOS

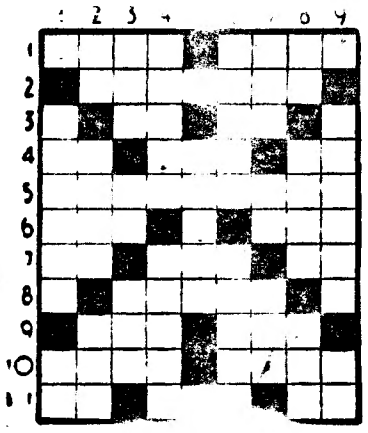
O «Diário de Lisboa», de 11 de Agosto de 1936, publicava:

**«NOVA YORK, 11 — Foi preso em Grant (Nebraska) um individuo chamado Sterling Powel, que ameaçou de morte Shirley Temple, a actrizinha prodígio de Hollywood, se não lhe fossem dados pela família 25 000 dólares.**

**«Esta quantia devia ser lançada de um aeroplano em determinado sítio».**

— Não consigo encontrá-la, doutor...

## PALAVRAS CRUZADAS



(COM PROVÉRBIO)

**PROBLEMA N.º 4190**

**HORIZONTAIS:** 1 — Transmites gratuitamente (bens) a outrem. Género de mamíferos anfíbios. 2 — Experiência. 3 — Prefixo que designa atastamento. Em a. 4 — Interjeição de dor. Nome de mulher. Grande ribeira da Asia Russa. 5 — Emparelhara. 6 — Em as. Senhor em inglês. 7 — Pronome pessoal. Pronome possessivo. Símbolo químico da prata. 8 — Estilhaço. 9 — Rio da Russia Tens. 10 — Médico inglês autor de estudos célebres sobre a doença das vértebras lombares. Içar. 11 — Sufixo que designa estado. Princípio. Seguia.

**VERTICAIS:** 1 — Tudo que Rio de Itália. 2 — Abreviatura que se usa em musica. Erguei. Doença. 3 — Altar. Artigo definido. Rio de França. 4 — Percebes. Tão grande. 5 — Significas. 6 — Do fim. O que tem a seu cargo a ucharia. 7 — Vazia. Campeão. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. 8 — Cabelo branco. Língua vernácula indiana. Vai para fora. 9 — Tem gosto amargo. Batráquio.

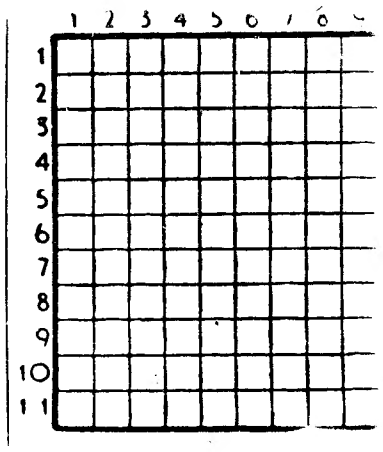
**Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.**

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4189**

**HORIZONTAIS:** 1 — Trás. Fuga. 2 — Eis. NÃO. 3 — Rapinas. 4 — Miram. 5 — Os. Sam. Má. 6 — Runa. Omar. 7 — Tá. Dor. Li. 8 — FAÇAS. 9 — Rasaros. 10 — BEM. NÃO. 11 — Aral. Pelo.

**VERTICAIS:** 1 — TE. Porto. Ba. 2 — Rir. Sua. Rer. 3 — Asam. Fama. 4 — Pisadas. 5 — VIRÁ. Ocas. 6 — Namorar. 7 — Unam. Sane. 8 — Gás. MAL. Sal. 9 — Ao. Caria. Oó.

**Provérbio:** NÃO FAÇAS BEM NÃO TE VIRÁ MAL.



**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8034**

**HORIZONTAIS:** 1 — Anil. Alas. 2 — Niagara. 3 — Em. Amarar. 4 — Serrar. Má. 5 — Nuas. Bar. 6 — Atos. Sora. 7 — Pôs. Media. 8 — El. Semear. 9 — Labute. Mu. 10 — Adorais. 11 — Roia. Arco.

**VERTICAIS:** 1 — Ases. Apetar. 2 — Mentolado. 3 — In. Ruas. Boi. 4 — Liaras. Sura. 5 — Amas. Meta. 6 — Agar. Semeia. 7 — Lar. Bode. Sr. 8 — Aramariam. 9 — Sarara. Ruão.

(NOVA MODALIDADE)

**PROBLEMA N.º 8035**

**HORIZONTAIS:** 1 — Artigo definido. Duas vezes Quinhentos e um em romano. 2 — Cabo da costa de Portugal. Aguça. 3 — Tombar. Ligas. 4 — Brejeiras. 5 — Grupos de pessoas. 6 — Antes de Cristo. Possuir. Base. 7 — Tome nota de. Acolá. 8 — Patrão. Vazio. 9 — Símbolo químico do germânio. Mau cheiro. Viração. 10 — Tiras de fígado temperadas e fritas. 11 — Primeira letra do alfabeto grego. Verniz da China negro ou vermelho.

**VERTICAIS:** 1 — Heroína francesa que foi queimada viva. Antiga cidade da Grécia. 2 — Ecoam. Gasta. 3 — Remar para trás. Porco. Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo. 4 — Trave curta que sustenta soalhos. Pega. 5 — Composição poética. Mil e duzentos em romano. 6 — Pulara. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. 7 — Vendes a crédito. O lado do vento. Saudável. 8 — Apelido. Erra. 9 — Seguias. Insista.

## ONDE HÁ MAIS AZEITONA

*O primeiro país do mundo em produção de azeitona é a Espanha, que cultiva olivais em 2 277 000 hectares de terreno, seguindo-se a Itália com uma área de cultivo de 2 243 000. Pertence a ambos os países cerca de 60 por cento da produção mundial.*

*Os outros principais produtores são, pela importância respectiva de produção: Grécia (12 %), Portugal (7 %), Turquia (6 %), Tunísia (5 %) e outros países (10 %). Na média dos anos de 1959 a 1964 a Grécia registou o mais alto rendimento de azeitonas por hectare: 280 kg. Comparativamente a Espanha atingiu 200, a Turquia 185, a Itália 125 e a Tunísia 80.*

## EFEMÉRIDES

### Agosto

● 1162 — *DIA 11 — É instituída, por Afonso Henriques, a Ordem de Avis.*

● 1675 — *Inauguração, em Inglaterra, do Observatório de Greenwich, que fica a assinalar o* meridiano O.

## CURIOSIDADES

### ● Novo plástico

*Chama-se «Dorlastan» um novo plástico, produzido pela indústria química alemã e que se distingue pela sua extraordinária elasticidade, que oferece ainda a grande vantagem de não perder a elasticidade, mesmo depois das mais intensas solicitações e mesmo quando seja cosido.*

*O «dorlastan», já utilizado na confecção de roupa interior feminina, é lançado, ainda, este ano, em fatos de banho, meias, tecidos para vestidos e para calças.*

### ● O impulso psicológico ao vício de fumar

*Através de estudos especializados, feitos pela Organização Mundial da Saúde, assim se define o hábito de fumar:*

*É condicionado pela sensação de bem-estar que provoca; a quantidade de tabaco utilizada não tem necessidade de ser aumentada; a dependência é apenas psicológica e não física.*

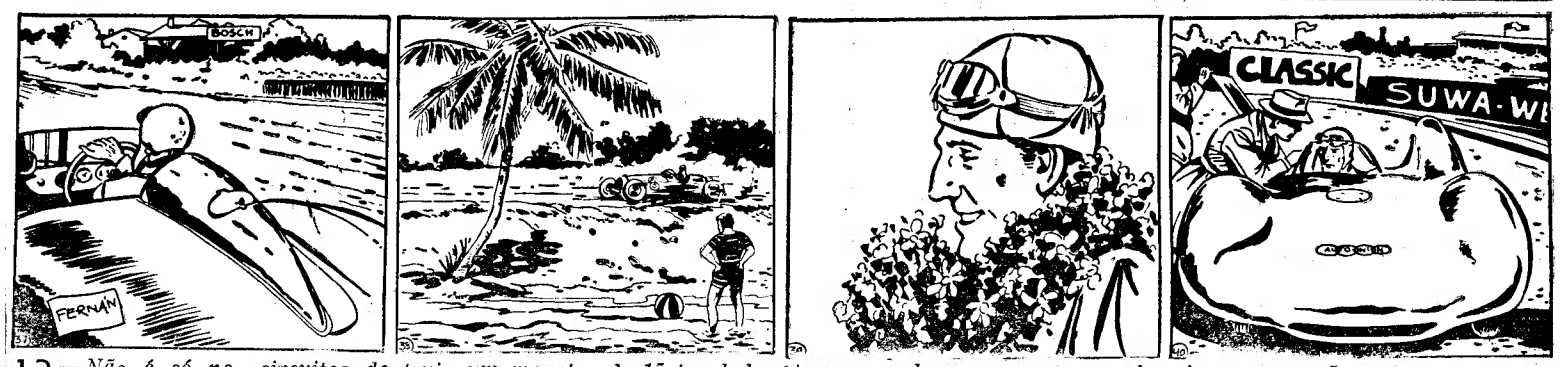
*Pode-se assimilar o gesto de fumar a um reflexo condicionado particular, pois o desejo de fumar é a resposta instantânea a um estímulo preciso. O estímulo desencadeador pode ser o fim de uma refeição, uma chávena de café, uma conversa telefónica, a necessidade de acalmar ou de se concentrar. Mas, na realidade, o facto de se sentir vontade de fumar pode ser associado ás mais variadas circunstâncias e ter, assim, as acções mais divergentes.*

### ● O campeão dos comedores de geleia

*Anunciaram de Londres que se disputou, em meio de grande entusiasmo, o Campeonato Anual do Mundo dos Comedores de Geleia de Enguias, um dos manjares favoritos dos «cockneys» londrinos.*

*O vencedor, um corpulento negociante, chamado Bryn Williams, que pesa 110 quilos e esmagou na competição quatro homens e uma mulher, foi proclamado campeão mundial, depois de ter comido trinta e duas taças da tal geleia de enguias.*

## FACTOS REAIS — «Os grandes mortos do volante»




13 — *Não é só nos circuitos de velocidade que os homens arriscam a vida ao volante. A luta pelo máximo absoluto de velocidade automóvel tem sido também uma aventura apaixonante, igualmente homicida: muitos jovens pagaram com a vida o seu desejo de andarem mais depressa, a sua ambição de exigirem da mecanica automóvel e dos reflexos humanos o máximo que podem dar.*

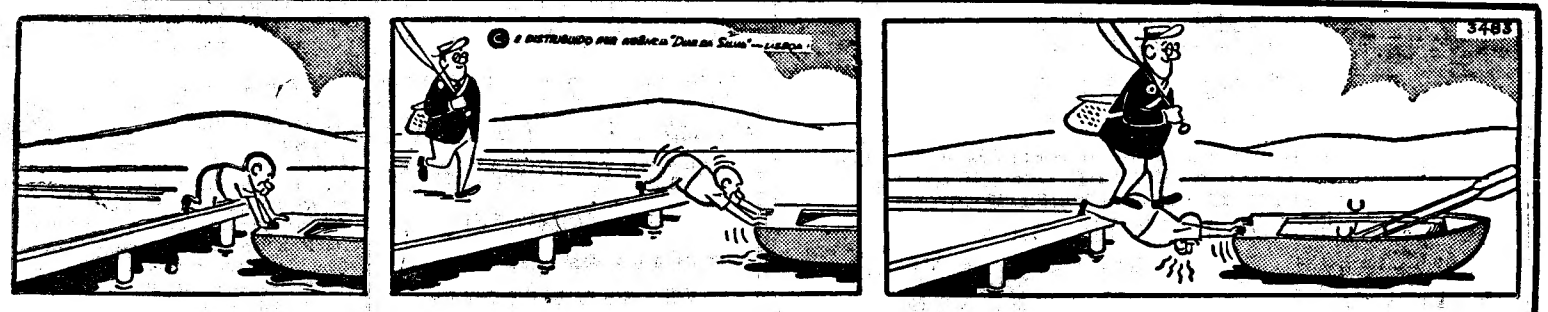
14 — *Foi, por exemplo, a morte do inglês Parry Thomas, um dos grandes rivais de Malcoln Campbell, que se despistou em 1927 ao tentar bater o «record» mundial na praia de Pendine Sands. Foi o americano Ray Keech, que construiu um monstro de 15 toneladas, 5 rodas e 3 motores, o «Triplex», com o qual se voltou em 1928, morrendo no próprio local do acidente. Pouco depois foi outro jovem americano, Frank Lockhart, que saiu á pista com o seu «Blanck Hawk» («Falcão Negro»). Um dos pneus de trás rebentou a 320 á hora, originando um terrível «looping» e a morte do ousado condutor.*

15 — *Um dos mais ilustres «mortos do volante» de antes da guerra foi o alemão Rosemeyer. Este jovem deus de cabelos louros, «virtuose» intoxicado de velocidade, acrobata risonho que qualquer sortilégio protegeu durante muito tempo, acabou por cansar o destino.*

16 — *Em 1937, ao volante de um «Auto Union», elevou para 406 quilómetros horários o máximo mundial de velocidade para automóveis de 5000 a 8000 cm³. A «Mercedes Benz», firma concorrente, levantou a luva e em Janeiro de 1938, na auto-estrada de Darmstadt, era a vez de Caracciola atingir 437 quilómetros horários. Três horas depois, avisados que tinham sido Rosemeyer e o estado-maior da «Auto Union», ei-los já na estrada. O tempo estava mau. Não havia vento. Rosemeyer teria toda a conveniência em renunciar por algumas horas á tentativa. Mas o jovem campeão, seguro de si e da sua insolente boa sorte, não quis recuar perante o risco. Saltou para o volante do bólide branco, fez um sinal com a mão e arrancou. Momentos volvidos passou como um relampago diante dos espectadores. Mas o «record» não fora batido. Desafiando todas as regras da prudência, Rosemeyer resolveu fazer nova tentativa. Desta vez não voltaria vivo... Um quilómetro mais á frente, vítima dos elementos e da sua própria temeridade, jazia na lama gelada ao pé do carro, que se espatifara contra uma árvore.*

(Continua)

## AVENTURAS DO TIO CARLOS



# «UMA GRAÇA CRUEL»

## por CLAUDE DUPRÉ

*RESUMO — Um grupo de pescadores transporta para a propriedade de Jacques Bernard, industrial milionário, o corpo inanimado de Max Réan, que retiraram do mar revolto. Max não está morto, mas só gravemente ferido: fractura de cranio. Resolvera acompanhar a nado o barco de Sylvie, secretária de Bernard. Max fora pouco antes nomeado para um cargo com que sonhava o noivo de Sylvie, Luc Servin. Sylvie está aflita com a ideia de que possam pensar que ela se absteve voluntàriamente de ajudar Max. Também ela, porém, só á custa de grandes esforços pôde alcançar a costa. Max Réan é detestado por toda a gente: Sylvie, Luc Servin, Louvel, e a sua própria mulher, Eva.*

**13** — Max soltou um leve suspiro e voltou a ficar inconsciente. «Tenho que permanecer á sua cabeceira», pensa Sylvie. «Se ele acordar, pedir-lhe-ei que me desculpe a minha brincadeira...» Felizmente as suas vagas noções médicas facilitam-lhe o projecto. Os outros cedem-lhe o comando das operações. «Eva está quase a desmaiar. Louvel, leve-a para o quarto», sugeriu a rapariga. «Quanto ao ferido, é preciso transportá-lo com todo o cuidado para a cama mais próxima». Há um quarto logo a seguir á sala, o qual dá, como todos os outros, para o corredor central. Com a ajuda de Luc, a rapariga consegue instalar o ferido e prodigalizar-lhe os primeiros cuidados. Depois declara: «Agora não há mais nada a fazer. Esperar! Deixem-me sózinha com Max. Não quero ouvir o mínimo barulho aí fora».

**14** — Sylvie está finalmente sózinha com o ferido. Já era tempo! Max geme de modo imperceptível. As pálpebras entreabrem-se-lhe e fita Sylvie. Um olhar tão vago... que pouco a pouco se anima e reencontra plena consciência. Sylvie, desorientada, ajoelha ao lado da cama: «Pelo amor de Deus, não se mexa! A sua vida corre perigo!» Explica-lhe febrilmente o drama que se desenrolou há momentos na enseada: «Juro-lhe que não pretendi fugir! Afastei-me por graça e daí a bocado até andei á sua procura!» As pálpebras de Max batem vagamente... Depois o seu olhar anima-se e fixa-se na porta. Sylvie dá meia volta e descobre Louvel á entrada do quarto. Teria ouvido as palavras que ela pronunciou? Sylvie salva a situação: «Louvel», pergunta-lhe já no corredor, «queria saber novidades? Max está melhor. Acho que escapa». «Claro», responde Louvel com dureza. «Max sempre escapou das embrulhadas».

**15** — Louvel desaparece sem mais comentários. Sylvie, interdita, corre para o vestíbulo e dá a novidade do dia: «Max está melhor! Já abriu os olhos! Na minha opinião, salva-se.» «Com certeza que sim», diz Bernard. Sylvie não se atreve a olhar Luc de frente. O noivo deve ter tido esperanças num desfecho fatal... «Depressa», exclama Sylvie, temos que avisar Eva.» Mete pelo corredor, empurra a porta do quarto dos Réan e estaca, surpresa e incrédula: Eva soluça nos braços de Louvel! Depois, sem notar a presença de Sylvie, a mulher de Réan diz: «Meu amor, nunca seremos livres... Não levaremos a bem este pesadelo...» Sylvie retira-se pé ante pé. Louvel E' ele o amante de Eva! «Devem odiar Max», conclui.

**16** — Meia-noite. Ouve-se a trovoada ao longe. De terra não velo qualquer socorro. O Forte Velho está tão isolado como um farol no meio do mar. Sylvie faz companhia ao ferido. Disse a Luc que se fosse deitar. Precisa de descansar, trabalhou como um louco nestes ultimos meses. Bernard também recolheu ao quarto. Pediu toda a documentação trazida pelos colaboradores e dispõe-se a estudá-la. Quanto a Eva... Sylvie sente um arrepio. Receia esta mulher estranha, tanto mais que parece desequilibrada pelo que se passou. E se ela aparecia agora para fazer uma cena? «Não devia ter ficado aqui sózinha», pensa Sylvie. «O menor choque pode ser fatal para o ferido.» Resolve procurar Luc. O quarto está vazio. A rapariga sente a garganta apertar-se-lhe de angustia. De repente, num extremo da casa, lembra-se de que o ferido ficou isolado. «Max!» Como pôde Sylvie esquecer-se deste pormenor importantíssimo?

*(Continua)*

# LISBOA, BARCELONA E CERVANTES

**(Continuação da página central)**

bastante estranha nesta cidade onde Quixote viu uma Imprensa pela primeira vez.

Cervantes sente-se poderosamente atraído pelo encanto de Lisboa. No *Persiles y Segismunda*, quando fala desta cidade, põe na boca de António estas frases eloquentes: «Aqui el amor y la honestidad se dan las manos y se pasean juntos, la cortesía no deja que se le llegue la arrogancia, y la braveza no consiente que se le acerque la cobardía. Todos sus moradores son agradables, son corteses, son liberales, y son enamorados, porque son discretos. La ciudad es la mayor de Europa y la de mayores tratos; en ella se descargan las riquezas del Oriente, y desde ella se reparten por el universo; su puerto es capaz, no solo de naves que se puedan reducir a número, sino de selvas móviles de árboles que los de las naves forman; la hermosura de las mujeres admira y enamora; la bizarría de los hombres pasma, como ellos dicen; finalmente, esta es la tierra que da al cielo santo y copiosísimo tributo».

No *Persiles y Segismunda*, Cervantes dá-nos a opinião que lhe merecem os catalães: «Los corteses catalanes, gente enojada, terrible y pacífica, suave; gente que con facilidad da la vida por la honra, y por defenderlas entrambas se adelantan a si mismos, que es como adelantarse a todas las naciones del mundo». E sabemos já que Quixote, de volta a sua casa, vencido e desarmado pelo bacharel Carrasco — o cavaleiro da Blanca Luna — comenta: «Barcelona, archivo de la cortesía, alberque de los extranjeros, hospital de los pobres, patria de los valientes, venganza de los ofendidos, y correspondencia grata de firmes amistades, y en sitio y en belleza única».

Barcelona e Lisboa, unidas no coração de Cervantes, convertem-se no compêndio das qualidades que ele mais admira. Mas nem sempre toda a gente viu estas duas cidades com os mesmos olhos. E não muitas vezes por falta de amor.

Sem nenhuma dúvida, Eça de Queiroz amou Lisboa; mas temia iludir-se. Como tantos outros portugueses ilustres, sabe que não há nada pior que o conformismo. Adverte que é preciso fugir ao enlevo que, por vezes, nos induz a ultravalorizar o nosso país. E rebela-se contra tudo aquilo que lhe parece rémora, contra tudo o que acha que se opõe á plenitude do seu povo. E denuncia. Pensa que é preferível exagerar na condenação dos defeitos do que admitir algum deles como meia virtude, ou como debilidade tolerável. O que mais medo lhe causa é cair num cómodo «já ficou bem». Talvez por isso o seu julgamento, quando se refere a Lisboa, nem sempre coincide com o de Cervantes. Nas *Prosas Bárbaras*, podemos ler: «Lisboa é um pouco coveira de almas (...) Há escassez de vida; um frio senso prático; a preocupação exclusiva do útil; uma seriedade enfática. (...) Lisboa, que criou? O Fado. Fatum era um deus no Olimpo; nestes bairros é uma comédia. Tem uma orquestra de guitarras, e uma iluminação de cigarros. O palco está mobilado com uma enxerga. A cena final é no hospital ou na enxovia. O pano de fundo é uma mortalha!»

Joan Maragall (1), que amou profundamente Barcelona, lança furiosas invectivas contra a sua cidade. Achará que ela é «covarda, cruel i grollera» («covarde, cruel e grosseira»). Acusa-a de fazer as coisas de uma maneira presunçosa, só por amor-próprio. Lança-lhe toda a espécie de invectivas:

*Alces molts gallarets i penons i oriflames,*
*molts llorers, moltes palmes,*
*banderes a l'aire i domassos al sol,*
*i remous a grans crits tes espesses gentades,*
*per qualsevulga cosa acorruades*
*entorn de qualsevol.*

*Mes, passada l'estona i el dia i la rauxa*
*i el vent de disbauxa,*
*de tot te desdius;*
*i abandones la via i la glória i l'empresa.*
*i despulles el gran de grandesa*
*I encara te'n rius.*

(«Levantas muitos galhardetes, e pendões e auriflamas, / muitos loureiros, muitas palmas, / bandeiras no ar e foguetes ao céu, / e removes a grandes gritos as tuas multidões, / por qualquer coisa amontoadas / ao derredor de quem seja. // Mas, passado o momento e o dia e arrebato / e o vento da orgia, / de tudo te desdizes; / e abandonas a via e a glória e o empreendimento, / e despes o grande da grandeza. / E ainda ris dele.

Eça e Maragall, contemporâneos, não parecem estar demasiado de acordo com Cervantes (2). Os tempos eram outros. Pode ser que nenhum dos três tenha razão. Ou quem sabe se os três têm razão de mais. Mas não deixa de ser significativo que ambas as cidades mereçam um tratamento especial por parte do criador do Quixote e que no seu coração apareçam unidas, detentoras das qualidades que ele mais admirou.

(1) Joan Maragall (1860-1911), um dos maiores poetas catalães e um dos mais representativos, grande amigo de Miguel de Unamuno, foi também admirador de Portugal.

(2) É evidente que a opinião de Maragall não coincide com á que Cervantes expressa pela boca das suas personagens; mas a recepção que teve Quixote em Barcelona talvez não vá muito longe da que o poeta catalão expressou quando se referiu ás homenagens públicas que a capital catalã rende a «quem seja», para logo se rir dele. Mas analisar isto levaria a considerações que me afastariam do que me propus tratar aqui.

FÈLIX CUCURULL


**ZIM** ISRAEL NAVIG. Co LTD

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

PARA

RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEU

e BUENOS AIRES

OS MODERNOS TRANSATLANTICOS

«JERUSALEM»

EM 8 DE SETEMBRO

«THEODOR HERZL»

EM 5 DE DEZEMBRO

Recebendo passageiros em Cabin Cl. e em Classe Turística

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU OS

AGENTES GERAIS DE PASSAGENS

M. DRUMMOND, LDA.

Rua do Arsenal, 134 — Telef. 321814 - 35444 — LISBOA

Rua Mouzinho da Silveira, 120-1.º — Telef. 37145 — PORTO



SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os

COMBOIOS ELECTRICOS



Ver para crer...

NO PAVILHÃO INTERNACIONAL DA FEIRA POPULAR, poderá na prática ser comprovada por milhares de pessoas a ALTA RESISTÊNCIA dos Pavimentos Plásticos «VYNOLAY».

DUNLOP SEMTEX

SOAGE

Ap. 2136 — Telef. 49054

LISBOA


Comunica-nos a C. P. que a partir de 11 do corrente todas as estações de caminho de ferro despacham bagagens e mercadorias para Amadora-Central.

Por seu turno, no Despacho Central instalado na referida localidade, na Rua D. Duarte n.º 152, expedem-se, igualmente, bagagens e mercadorias para qualquer estação de caminho de ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

No seu próprio interesse não deixe de utilizar este serviço combinado.


SILENCIOSOS E PORTA-BAGAGENS

Montagem rápida

Silenciosos para todas as marcas de carros e tubos de escape temos em «stock», fazemos todos os modelos assim como para camions e tractores

VIANA & FILHOS, LDA.

Rua Actor Taborda, 20

Telef. 734688

(ao Saldanha)


## AUTOMOTORAS PARA O ALGARVE

Comunica-nos a C. P. que até aviso em contrário, efectuar-se-á aos sábados a automotora para serviço publico, entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana, servindo o ramal de Lagos, com partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço) ás 13.40 h. e chegada ás 18.55 h; a Vila Real de Santo António-Guadiana, ás 19.55 h.; a Portimão ás 19.06 h. e a Lagos, ás 19.32, regressando aos domingos, com partida do apeadeiro de Vila Real de Santo António-Guadiana, ás 19.35 h.; ás Faro, ás 20.31 h.; de Lagos, ás 19.48 h. e de Portimão, ás 20.13 h., com chegada a Lisboa (Terreiro do Paço), á 1.30 h.

# JOSÉ D'OLIVEIRA RAMA

**Participação e Missa do 7.º dia**

Albertina Silva d'Oliveira Rama, José Silva d'Oliveira Rama e sua mulher Maria Carolina Chaves Rama e cunhados Maria Luísa da Silva e Carlos Silva e seus sobrinhos Beatriz Rama Alves Correia e João Rama Alves Correia e demais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á sua divina presença o seu muito querido marido, pai, sogro, cunhado, sobrinho e parente no passado dia 5 de Agosto e que amanhã, dia 12, será rezada missa por seu eterno descanso, na Igreja de S. Jorge de Arroios, ás 10 horas.

# JOSÉ D'OLIVEIRA RAMA

**Participação e Missa do 7.º dia**

Vulcanizadora Imperial, Ld.ª, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu sócio-gerente, e que amanhã, dia 12, será rezada missa por seu eterno descanso, na Igreja de S. Jorge de Arroios, ás 10 horas.

# ACTUALIDADES DO MUNDO LITERÁRIO

● A filosofia da religião, na sua forma mais abstracta, e as filosofias das religiões, em ambito mais largo de significação histórica, estão a suscitar renovado interesse na vida intelectual francesa contemporanea. É nessa atmosfera que surgem três notáveis estudos sobre Hegel, precisamente encarado sob o angulo de filosofia da religião em que o pensador da razão dialéctica teve papel de fundamental criador, tal como Kant e Schleiermacher. Da autoria de R. Vancourt foi publicado «La Pensée religieuse de Hegel», na colecção de iniciação filosófica das «Presses niversitaires de France». De Cl. Bruaire veio a publico «Logique et religion chrétienne dans la philosophie de Hegel». E A. Chapelle iniciou com o primeiro volume, sobre a Problemática («Éditions Universitaires»), uma vasta obra que abrangerá quatro volumes sob o título «Hegel et la religion».

● Amigo entusiasta do Brasil literário, o escritor francês Roger Caillois, que tem incluído na colecção «Croix du Sud», da editora Gallimard de que é o director responsável, numerosos autores brasileiros, esteve ultimamente no Rio e em São Paulo. Aí proferiu conferências de sociologia que tiveram largo eco. E, em entrevista que deu á Imprensa, o autor de «L'Homme et le Sacré» e «Le Mythe et l'Homme» afirmou que já não se considera sociólogo e, sim, prosador, acentuando que a literatura foi «absorvida pelo cinema, a rádio e a televisão. Falando da literatura brasileira, Callois disse que a obra de Guimarães Rosa é valiosa para a literatura, inclusive na concepção do romance, assinalando que «Grandes Sertões: Veredas», por ele lançada em francês, «trata dos sentimentos elementares do homem traduzidos numa forma estável». Acrescentou ainda que a arte brasileira «tem realizações que acrescentam valores ao acêrvo europeu». Entre os autores lançados por Roger Callois em França destacam-se Gilberto Freire, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Viana Móog, Jorge Amado e, nos próximos meses, Lucio Cardoso e Guilherme de Figueiredo.

● Um novo lirismo alemão está a ressuscitar das cinzas de um tempo cruel e duro, na esteira de Ludwig Benn, cuja memória foi há pouco celebrada. Sob o título «Landschaften für mich» (Paisagens para mim — Francfort, 1966) Karl Krolow publicou na Editora Sukrkamp um volume de poesias. Krolow, que conta 52 anos, vai buscar as suas inspirações líricas á paisagem e á Natureza. Nos ultimos anos o seu lirismo esteve sob a influência do surrealismo de autores de linguas romanicas cujas poesias traduziu para o alemão. «As suas novas poesias não são descrições de paisagens existentes, mas criações de novas regiões de «paisagens para mim». São delicadas colagens líricas, nas quais elementos dispares se integram sem dificuldade, formando quadros surpreendentes, como assinalou a crítica.

● As «Obras Completas» de Emilio Zola foram finalmente publicadas em França, em 15 volumes que somam 24 000 páginas em papel bíblia. Os grandes e os pequenos romances, as obras polémicas, o teatro, recordações de viagem e até poemas, são recolhidos na edição, promovida pelo «Cercle du Livre Précieux». Além disso, que já é muito, cerca de duas mil fotografias e gravuras da época ilustram expressivamente o texto. E mais ainda: Denise e Maurice Leblond, filha e genro do escritor, conservaram inéditos importantes que revelam aspectos inesperados, por vezes comovedores, da vida e da acção de Zola. Essas páginas são agora reveladas, assim como mais de um milhar de cartas que permitem entrar na intimidade do pensamento e dos trabalhos do criador dos «Rougon Macquart».

● «Onde se situam as motivações do bem e as motivações do mal?» — pergunta o romancista norte-americano Ford Madox Ford em «The good soldier», cuja edição de bolso está a conquistar grande êxito na Inglaterra (edição Mayflower, de Londres). O autor declara que o livro deveria chamar-se «A mais triste história». E justifica-se: «Porque a história é, realmente, muito dolorosa e porque não há um fluxo a dirigir as coisas para um rápido e inevitável fim. Nada tem da elevação que acompanha a tragédia; não possui némesis, não possui destino. Havia duas nobres criaturas — pois, estou convencido de que tanto Edward como Leonora eram de natureza nobre na vida, dilacerando corações, provocando calamidades, aflições do espírito e morte, deteriorando-se elas próprias. E porquê? Para que fim? Para que lição? Tudo é sombrio».

● Entre os dez mil livros novos que foram publicados em França durante a «saison» literária de 1965-1966, ou seja, de Setembro a Julho passados, apenas vinte e quatro ultrapassaram a tiragem de 50 000 exemplares. Só 4 por cento das obras editadas naquele país vão, geralmente, além dos dez mil exemplares — facto positivo que contradiz a ficção das grandes tiragens fáceis na literatura francesa. Mas a discriminação das grandes vendas de livros por autores é ainda mais significativa: «La Chamade», de Françoise Sagan, foi o livro de maior tiragem no ano, com duzentos mil exemplares. Seguiram-se, em ordem decrescente, «La Fain des Lionceaux», de Henry Troyat, com cento e noventa mil; «Un Million de Dollars de Viet», de Lartéguy, com cento e quarenta mil; e, com cem mil, «Fantastique Ile de Paques», de Françoise Mazières, «La Dernière Bataille», de Cornelius Ryan, «Le 36° Dessous», de Daninos e poucos mais.

● A Sociedade Schopenhauer, de Francfort (Alemanha) dedica-se á investigação da vida e da obra do filósofo Arthur Schopenhauer (1788-1860), de tão extraordinária importancia para Richard Wagner, Friedrich Nietzsche e Thomas Mann, para Dostoiewski e muitos filósofos, escritores e poetas europeus. A Sociedade acaba de divulgar a notícia do que, na Primavera de 1967, será lançado o primeiro volume da edição crítica do espólio manuscrito de Arthur Schopenhauer. A nova edição do Anuário da Sociedade Schopenhauer contém, entre outros, mais o texto da conferência «Schopenhauer na Crítica Filosófica», pronunciada pelo presidente, dr. Arthur Hübscher perante a Real Sociedade Norueguesa das Ciências. O Anuário oferece ainda uma bibliografia dos estudos publicados sobre Schopenhauer nos anos de 1964-65.

# Stendhal e a filosofia iluminista

(Continuação da 1.ª página)

pequeno ensaio de síntese cultural. Se faço tais citações prévias é apenas para provar que não desprezo a complexidade dos problemas suscitados, sugerindo a estrutura da sua situação, embora sem pretensões catedráticas. E, afinal, ao mesmo tempo, confesso, para me tentar desculpar destes quase frívolos «propos» — como diria Alain.

Portanto, desenvolvamos, num sentido concreto de contrapor Condillac a Descartes, certas premissas cartesianas. Antes de mais (já que o nosso estudo não é catedrático...) lembremos alguns passos da vida de Descartes. Recordemo-nos, por exemplo, que desde logo, na sua juventude, Descartes, pretextando «voir des cours et des armées», depois de lutar na Holanda contra a Inquisição espanhola, **entrou** na Alemanha ao serviço do Exército católico de Maximiliano, príncipe eleitor da Baviera, opondo-se ao protestantismo dos revoltados da Boémia. Esta atitude sucedeu-se a uma, aliás, muito vaga crise de cepticismo, após os seus estudos. A ela sucede, por sua vez, e após mais nove anos de viagens, uma retirada quase ascética para a Holanda, iniciando-se então verdadeiramente as suas meditações filosóficas. A seguir, vem essa quanto a mim tão reveladora atitude de prudência reaccionária ao saber da condenação de Galileu pela Igreja, quando este defendeu a teoria copernicíana do movimento da Terra. Descartes renuncia então a divulgar publicamente a sua Física, baseada na tese de Copérnico e paralela á de Galileu. Depois, vem a publicação do *Discours de la Méthode*. Acho que se podem extrair destes dados biográficos duas conclusões fundamentais, á parte aquelas a que nos leva a sua obra por si mesma, mas afinal confirmando-se nela: Descartes defendia a Igreja Romana através da defesa do Catolicismo puro e tinha um espírito obstinadamente estóico. Depois, na sua obra, que vemos? Vemos, no *Discours*, que para Descartes as «vérités révélées» não podem ser objectos de discussão; que a Teologia é elevada acima da Filosofia. Vemos também uma condenação sobretudo moral dos sentidos. E essa condenação que tem no *Discours* uma feição moralista mais do que em qualquer outra obra, apresenta-se na ultima obra publicada por Descartes, o *Traité des passions de l'âme*, como uma condenação em nome da Ciência. De facto, se primeiro proclama a necessidade da resistência ás paixões para ser imposta a vontade ascética e desenvolvido o rigor racionalista, Descartes impõe a seguir aquilo a que poderíamos chamar um socratismo mecanicista. Reduzindo então todo o real ao racional — o que em grande parte o leva á teoria do animal-máquina —, conclui pela concepção da alma como totalmente passiva, na paixão, ante a acção do corpo. Paralelamente, portanto, a Percepção, a Memória e a Imaginação, sendo funções da alma na medida em que esta é consciente delas, pertencem ao corpo a que a alma está momentaneamente ligada, já que, segundo Descartes, ela tem por fim ultimo o pensamento das verdades inteligíveis e imutáveis. Se Descartes se opõe a Aristóteles e especialmente aos escolásticos, qualificando as paixões de «pensamentos da alma» (e não de luta entre uma alma sensitiva e as volições de uma alma racional), há, no entanto, a lei moral (digo *moral* e não metafísica) puramente escolástica que Descartes respeita ao eleger a vontade como um dogma religioso. Anti-epicurista, Descartes é um racionalista que acaba por não se realizar através do realismo científico anunciado por Bacon no *Novum Organum Scientiarum*. É um homem de Ciência e da Matemática que não vence a revelação sobrenatural transformada em dogma. Daqui ter submetido a sua Física revolucionária a princípios gerais que dividem o homem dogmáticamente.

Ora, é contra esses princípios gerais que os iluministas do século XVIII reagem. Todavia, dentre eles, Condillac parece-me ter atingido mais do que nenhum a harmonia. Influenciado pelos «beaux esprits» da Regência, particularmente por Fontanelle e Marivaux, Condillac analisa tanto Bacon e Locke como a *Génération Harmonique* de Rameau ou as *Réflexions critiques sur la Peinture et la Poésie* de Du Bos. O ecletismo tão independente de Condillac eleva-o, desta maneira, ante todo o radicalismo progressista dos Enciclopedistas, até ao complexo estudo dos sentidos. Daí, ele ter aprofundado a análise da linguagem dos povos, exaltando o poder cultural da palavra. E remonta á pureza primitiva das sensações, sempre em busca da origem do conhecimento humano pelo contacto com os objectos que nos rodeiam, consagrado pelos séculos em mitos complexos. Esse seu interesse eclético da Razão, nenhuma outra base podia ter senão a disponibilidade total dos sentidos, para além dos preconceitos gregários que nos embaraçam.

Stendhal, que sabemos (através da sua correspondência) ter lido Condillac, reflecte na sua obra literária todo esse sensismo filosófico de Condillac. Como Condillac se desviou do utilitarismo, da felicidade de uma só peça que Voltaire e La Rochefoucauld demagógicamente proclamavam — assim Stendhal se afasta de toda a ideologia demasiadamente formal.

Vejamos, por exemplo, a opinião de Stendhal expressa nas biografias de Rossini e de Mozart. Abro aqui, entretanto, um breve parêntesis para notar ainda a correspondência das artes defendida quer por Stendhal quer por Condillac, na continuidade da correspondência das sensações; reparemos como Condillac se alonga na análise da Musica, citando e estudando Rameau, e a conexiona com a linguagem. Mas vejamos, então, qual a atitude de Stendhal. Não tenho exactamente uma visão crítica erudita e especializada sobre musica, antes em tom impressionista, Stendhal observa, no entanto, com sagacidade estética, que Rossini «est rarement triste, et qu'est ce que la musique sans une nuance de tristesse pensive?». Assim, Stendhal prefere Mozart «qui n'amuse jamais; c'est comme une maîtresse sérieuse et souvent triste qu'on aime davantage, précisement à cause de sa mélancolie». Esta a posição de Stendhal também quanto á literatura e á vida: recusando a pseudo-alegria uniforme, buscando-a em mais do que um só tom, como no humanismo helénico. Além de tudo, este culto de Mozart que nos assegura logo do culto stendhaliano pelo barroco da estética aristocrática, sugere-nos ainda uma outra analogia com a obra do compositor austríaco e, sobretudo, com a cultura do século XVIII: o donjuanismo.

Não o donjuanismo de Molière, modelado pelo virtuosismo da Commedia dell'Arte a par da galanteria cortesã do Rei Sol. Muito menos o donjuanismo *dandy* de Byron, uma certa nostalgia aristocrática mas não intelectual, que começa e acaba em si própria. Arrisquemo-nos antes a aproximar o donjuanismo dominante em Stendhal do de Tirso de Molina, com a substituição evidentemente para Stendhal, dos símbolos religiosos por uma certa simbologia social, que permanece como pano de fundo.

Encontraremos essa simbologia em *Les Cencis*, das *Chroniques Italiennes*; aí, porém, a figura de Don Juan é um meio de desmascarar a tirania política, atacando simultaneamente a mentalidade e certa literatura melodramática do século XIX. O âmago do donjuanismo de Stendhal revela-se plenamente nas grandes personagens da *Chartreuse de Parme* ou de *Le Rouge et le Noir*, ou até nessa ambígua figura de Octave Malivert de *Armance*. Concluiremos, então, que essa melancolia estéticamente indispensável, longe embora do *mal du siècle*, e sempre sob o ouropel da ironia, é bem a morte. Os heróis stendhalianos têm a marca da tragédia, pelo seu egotismo donjuanesco. Morrem por esse egotismo. Não estão divididos, é certo, entre o Inferno e o Céu, entre o Mal e o Bem, o Corpo e a Alma. Não estão divididos por princípios gerais. Não procuram o absoluto místico de unidade. São míticos e não místicos (passe o malabarismo vocabular). Mas são, sobretudo, dilacerados, para além das «regras do jogo» que adoptam na luta entre o efémero da alegria e a permanência da tristeza. Renunciam á vida ao sentir-se inibidos de a possuir ávidamente, com o jubilo dos sentidos, a plenitude das paixões — que é também a plenitude da Razão. Isto porque, na verdade, e retomando Condillac, outro não é o propósito fundamental do sensismo iluminista senão este aqui adoptado literáriamente por Stendhal: conduzirmo-nos ás causas através dos efeitos, o que, abstendo-nos desses princípios gerais de Descartes, significa no sensismo partir dos sentidos para chegarmos ás próprias ideias. Eis um enunciado que Condillac formulou no seu primeiro livro publicado — *Essai sur l'origine des conaissences humaines* (1746) (1) «Toute vérité qui renferme quelques idéés qui me peuvent être l'object des opérations de l'âme, *parce qu'elles n'ont pu entrer par les sens ni être tirées des sensations*, est au dessus de la raison»; toda a obra posterior de Condillac é, em suma, um desenvolvimento desta concepção. Esta concepção pode também apresentar-se como a premissa que Stendhal aceitou e desenvolveu. E desenvolveu, antes de mais, na mesma direcção que Condillac, exposta na obra atrás citada a propósito da formação das ideias: «Nous ne créons pas proprement des idées; nous ne faisons que combiner, par des compositions et des decompositions, celles que nous recevons par les sens.»

É óbviamente inesgotável a pesquisa sobre os caracteres stendhalianos, em particular Julien Sorel, neste sentido de aplicação do sensismo de Condillac á estética. Levar-nos-ia longe, decerto, talvez até um ponto de síntese suprema: a atitude stendhaliana ante os problemas sociológicos.

Para já, registemos o que Stendhal representa na história da cultura do Ocidente: o renascimento da cultura iluminista do século XVIII em pleno século XIX. Ultrapassou, aliás, esse renascimento, numa antecipação psicológica que ele próprio profetizou.

(1) Edição de 1924 — Librairie Armand Colin — Paris.

FREDERICO MONTENEGRO